

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“SOCIOLOGIA SERVE PARA QUÊ?” As práticas
escolares do ensino de Sociologia no Ensino Médio na
Instituição de Ensino Olavo Bilac de Santa Maria - RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rúbia Machado de Oliveira

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**"SOCIOLOGIA SERVE PARA QUÊ?" As práticas escolares do
ensino de Sociologia no Ensino Médio na Instituição de Ensino
Olavo Bilac de Santa Maria - RS**

Rúbia Machado de Oliveira

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Antropologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**

Orientadora: Prof.^a Ceres Karam Brum

Santa Maria, RS, Brasil

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Machado de Oliveira, Rúbia
\\\"Sociologia serve para quê?\" As práticas escolares do ensino de Sociologia no Ensino Médio na Instituição de Ensino Olavo Bilac de Santa Maria-RS / Rúbia Machado de Oliveira.-2015.
164 p.; 30cm

Orientadora: Ceres Karam Brum
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2015

1. Ensino de Sociologia 2. Práticas escolares 3. Educação básica I. Karam Brum, Ceres II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**"SOCIOLOGIA SERVE PARA QUÊ?"
As práticas escolares do ensino de Sociologia no Ensino Médio na
Instituição de Ensino Olavo Bilac de Santa Maria - RS**

elaborada por:
Rúbia Machado de Oliveira

Como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Ceres Karam Brum, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

Amurabi Pereira de Oliveira, Dr. (UFSC)

Maria Clara Mocellin, Dr^a (UFSM)

Santa Maria, 17 junho de 2015.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Professora Mara Miranda, pelo carinho e disponibilidade com que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho. Igualmente agradeço cada um dos alunos que fizeram parte das turmas 101, 201 e da Balada 301. Em especial quero agradecer a Laurén Paré pelo carinho.

As minhas amigas Trícia Cardoso, Rosana Vargas, Ingrid Welter, Helaysa e meu amigo Marcinho Depexe pela amizade e companheirismo. Ao Aldori e a Mara Christmann pelo apoio emocional e psicológico. Aos amigos do Lar de Joaquina pelo apoio espiritual e fraternal.

Agradeço a Arlete da Silva o apoio, a dedicação, o carinho e o incentivo. Agradeço a professora Ceres Brum pela compreensão e apoio. Ao Tiago, pelo incentivo. A minha grande amiga Natana Botezini pelas conversas e boas risadas.

Em fim agradeço aos meus pais por terem me incentivado a estudar, a ir para universidade e dar continuidade em meus estudos mesmo diante de todas as dificuldades. E a Jo, por estar sempre ao meu lado, dia ou noite em todas as etapas da escrita, não deixando eu me sentir sozinha.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

"SOCIOLOGIA SERVE PARA QUÊ?" As práticas escolares do ensino de Sociologia no Ensino Médio na Instituição de Ensino Olavo Bilac de Santa Maria - RS

AUTORA: RÚBIA MACHADO DE OLIVEIRA
ORIENTADORA: CERES KARAM BRUM
Data e local da defesa: Santa Maria, 17 junho de 2015.

A proposta deste trabalho é, a partir da sala de aula, daquilo que os estudantes estavam refletindo, responder: Sociologia serve para que? Esta questão orientou as observações realizadas com um grupo de alunos, no processo de formação do ensino médio escolar. Este grupo de alunos era orientado pela Professora Mara Miranda, com formação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As observações tiveram início em meados de agosto de 2011 e se estenderam até dezembro de 2013, na Instituição de Ensino Estadual Olavo Bilac, Santa Maria, Rio Grande do Sul. Além das observações com o referido grupo de alunos, realizou-se entrevista com graduandos da Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria, a fim de contribuir para o debate sobre a formação docente em Ciências Sociais. O objetivo principal deste trabalho foi, a partir do discurso dos alunos da educação básica e das explicações da professora, responder: Para que serve a Sociologia no Ensino Médio? Embora este seja um trabalho que se insere no campo da Antropologia da Educação, no qual se realizou uma Etnografia da prática escolar do ensino de Sociologia, o mesmo encontra-se profundamente ligado as questões educacionais e por este motivo as avaliações aproximam-se bastante da esfera educacional. Conclui-se, portanto, que a disciplina de Sociologia no ensino médio serve para desconstruir visões pré-estabelecidas no discurso dos estudantes, assim como põe os alunos em constante exercício de reflexão e interpretação e com isso contribui para o desenvolvimento de sujeitos mais tolerantes. Isso se deve ao fato de que os alunos passam a compreender que pensar diferente, comportar-se diferente é o reflexo do contexto a qual o outro se insere e conseqüentemente passam a avaliar mais cuidadosamente suas ponderações a fim de ao invés de julgar realizarem reflexões críticas e reflexivas.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Práticas escolares. Educação básica.

ABSTRACT

Master's Thesis
Graduate Program in Social Sciences
Universidade Federal de Santa Maria

" SOCIOLOGY IS FOR WHAT? "

The practices of teaching Sociology in High School Education Institution in Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, Santa Maria, RS

AUTHOR: RÚBIA MACHADO DE OLIVEIRA

GUIDANCE: CERES KARAM BRUM

Date and place of defense: Santa Maria, June 17th, 2015.

The purpose of this research is, from the classroom, from what the students were reflecting, answer the question: Sociology serves for what? This question conducted the observations performed with a students group in the high school. This students group was oriented by the teacher Mara Miranda, that was graduated in Social Science in the Federal University of Rio Grande do Sul. The observations were done from August, 2011 to December, 2013, at the State Education Institution Olavo Bilac, Santa Maria, Rio Grande do Sul. Beyond the observations with the students group, it was done an interview with undergraduated students of Social Science of the Federal University of Santa Maria, RS, for contribute for the discussion about the docente formation in Social Science. The main aim of this research was, from the reasoning of students of high school and of the teacher explanations, answer the question: Sociology serves for what in the high school? Although this is a research that can be inserted in the Anthropology Education area, in which it held at ethnography of scholar practice of sociology teaching, the same is intensively linked to the education questions and because of this reason the evaluations are very next of the educational sphere. It was concluded, therefore, that the Sociology subject in the high school serves to deconstruct the reasoning pre-established by the students, as it put the students in constant exercise of reflection and interpretation and with that contribute for the development of more tolerant people. It happens because the students start to understand that thinking different, and behaving differently, is the reflex of the context which the another is inserted and consequently they start evaluate more carefully their ponderations in order to, rather than judge, accomplish critical reflections and reflexives.

Keywords: Teaching of Sociology. Practice scholar. Basic education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem da fachada central do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.	63
Figura 2 - Painel de Juan Amoretti no Hall do prédio central.....	64
Figura 3 - Ilustração criada pela pesquisadora, para reproduzir a explicação apresentada pela Professora sobre os Clássicos, (2011).....	76
Figura 4 - Atividade avaliativa (2011).	78
Figura 5 - Atividade avaliativa (2012), aluno (A. K).	90
Figura 6 - Reflexão de final de semestre e avaliação.	95
Figura 7 - Material compartilhado no grupo da turma no facebook.....	116
Figura 8 - Material compartilhado no grupo da turma no facebook.....	117
Figura 9 - Material compartilhado no grupo da turma no facebook.....	118
Figura 10 - Reflexão de final de semestre e avaliação, aluno (a) L.	122
Figura 11 - Reflexão de final de semestre e avaliação, aluno (a) Y.	125
Figura 12 - Aluno (a) recado deixado pelo aluno (a) E. P. B. atrás da folha em que fez sua reflexão de final de semestre e avaliação.	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRE: Coordenadoria Regional de Educação.
IEEOB: Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.
LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
OCN: Organizações Curriculares Nacional.
PCN: Parâmetros Curriculares Nacional.
PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Incentivo a Docência.
PROLICEN: Programa Bolsa de Licenciatura.
REUNI: Reestruturação e expansão das Universidades.
UFSM: Universidade Federal de Santa Maria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	21
1 SOCIOLOGIA NA ESCOLA BÁSICA: EM BUSCA DE ESPAÇO E RECONHECIMENTO	21
1.1 A trajetória da sociologia: longo e sinuoso caminho.....	21
1.2 A disciplina de sociologia e seus desafios.....	30
1.3 A preparação do professor	38
CAPÍTULO II.....	53
2 O CAMINHO PERCORRIDO	53
2.1 IEEOB e as primeiras observações.....	53
2.2 Turma 101	73
2.3 A caminhada continua: turma 201	82
2.4 Balada 301	111
CAPÍTULO III	129
3 EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DE UMA PESQUISA EM SALA DE AULA	129
3.1 A disciplina de sociologia: reflexões sobre o campo de pesquisa.....	129
3.2 A importância da Sociologia para formação dos alunos do ensino médio.....	137
3.3 Um olhar sobre o ensino-aprendizagem	141
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	147
5 REFERÊNCIAS	155

INTRODUÇÃO

A presente dissertação apresentará algumas considerações sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio, tendo como base as observações realizadas na disciplina de Sociologia, ministrada pela Professora Mara Miranda, na Instituição de Ensino Estadual Olavo Bilac no Município de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A Sociologia no ensino médio é um campo de estudo pouco explorado, assim como pesquisas realizadas por Cientistas Sociais no âmbito educacional, ainda são incipientes. Ao sentir falta de informações mais precisas sobre o ensino e a aprendizagem Sociológica no âmbito escolar, percebi que era necessário sair da zona de conforto teórica e verificar na prática como está sendo construído o aprendizado da disciplina de Sociologia pelos alunos do ensino médio, pois não há nenhum registro de experiências ou apontamentos que demonstre a opinião dos estudantes da própria escola básica sobre a experiência de ter a Sociologia em seu cotidiano escolar.

Dessa forma, a sala de aula, e os elementos presentes no processo de aprendizagem da disciplina de Sociologia foram os subsídios que fomentaram a escrita deste trabalho. Vale salientar que a sala de aula como campo de investigação aponta para uma perspectiva inovadora de pesquisa, contudo ainda são poucas as referências que fornecem dados desta ordem, principalmente quando se trata de referências no âmbito das Ciências Sociais.

Encontram-se trabalhos referentes ao ensino de Sociologia como os de Silva (2002), Moraes (2003), Handfas (2011) entre outros, no entanto, como apontam Handfas e Maçaira (2014, p.47) ao fazerem um exame mais detalhado da produção acadêmica sobre o Ensino de Sociologia, realizadas no país, as pesquisas “são provenientes de programas de Pós-graduação em Educação e em Sociologia”, oscilando entre um e outro ao longo das últimas duas décadas.

A produção acadêmica sobre ensino de Sociologia na escola básica, conforme levantamento feito pelas autoras acima, têm tido como foco de investigação a história da Sociologia como disciplina escolar ou questões relacionadas a formação do professor, não sendo encontrada, até então, nenhuma pesquisas que apresente dados sobre o cotidiano do aprendizado disciplinar, na sala de aula. Em geral apontam-se os problemas, os desafios, apresentando algumas soluções, sem que os principais interessados deste processo sejam ouvidos, ou seja, os estudantes da escola básica.

Diante disso, fazer do ensino de Sociologia um objeto de estudo, tendo como campo de observação a sala de aula, revelou ser um trabalho promissor, pois ao constatar que são poucas as ponderações, no domínio das Ciências Sociais, realizadas sobre o ensino escolar, em especial sobre o que os estudantes pensam ou têm a dizer sobre o que lhes é ensinado na escola, senti a necessidade de escutá-los para que fosse possível compreender com maior exatidão se os alunos estavam entendendo o porquê da disciplina de Sociologia ter sido incluída na formação escolar deles e, se estavam sendo capazes de entender a utilidade deste saber para suas vidas.

Dessa forma a questão norteadora das observações foi: Para que serve a Sociologia? Essa problemática de pesquisa foi construída após o meu contato com o ensino básico no período em que fui bolsista PROLICEN do projeto *Como os Sociólogos se tornam professores?*

Enquanto bolsista, tive a oportunidade de entrar em contato com as discussões relacionadas ao ensino de Sociologia, geradas em função da efetivação da obrigatoriedade da disciplina na escola básica. As discussões eram variadas, desde quem iria ministrar as aulas na escola, visto que eram poucos os profissionais Licenciados, até o que ensinar e como ensinar Sociologia para adolescentes.

Em meio as dúvidas e incertezas quanto ao rumo que tomaria a disciplina na escola básica, me propus a verificar na prática como estava sendo conduzido esse processo dentro do Município de Santa Maria. Foi então que procurei por escolas que permitissem a realização de observações com os alunos durante a disciplina de Sociologia.

Após algumas recusas, duas escolas permitiram que eu contatasse seus professores para que suas aulas fossem observadas. Uma dessas escolas foi o Instituto Estadual de Ensino Básico Olavo Bilac (IEEOB). Neste mesmo momento e no decorrer do processo de pesquisa, procurei, também, conversar com os estudantes que estavam cursando Licenciatura em Sociologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para saber quais eram suas considerações sobre o ensino de Sociologia e suas experiências com a sala de aula.

Após o término da minha graduação iniciei Curso de Especialização em História do Brasil na UFSM, no qual tive a oportunidade de dar continuidade aos estudos sobre o ensino de Sociologia no ensino médio. Para esta nova empreitada, entrei em contato através de redes sociais, telefone, e-mail, com outros professores do mesmo município que estavam

ministrando a disciplina de Sociologia, bem como prossegui com as observações na IEEOB. Com isso, tornou-se mais compreensível a situação do ensino de Sociologia em Santa Maria¹.

Porém durante este percurso, percebi que uma das incertezas, tanto entre professores da rede municipal, a saber, a grande maioria sem formação em Ciências Sociais, quanto dos graduandos da Licenciatura em Sociologia. Sendo que igualmente era a questão mais contundente realizada pelos alunos do ensino médio: qual a utilidade da sociologia?

Ao perceber que esta dúvida era recorrente, vi uma possibilidade profícua de pesquisa e com a minha aprovação no Mestrado, tive a oportunidade de colocá-la em prática.

Dessa forma o texto foi organizado em três capítulos que apresentam inicialmente o processo de implantação da Sociologia como disciplina escolar, a sua intermitência nos currículos escolares até a sua efetivação em 2008, seguido de uma breve reflexão sobre os objetivos propostos para a Sociologia no ensino médio, bem como algumas considerações referente a formação pedagógica e os desafios enfrentados pelos Licenciados em Sociologia ao se depararem com a responsabilidade de assumir uma sala de aula.

No segundo capítulo busco tecer o cenário geral do contexto pesquisado, e o caminho metodológico percorrido por esta pesquisadora, seguido pelo terceiro capítulo que apresenta e problematiza elementos que compõem o cenário disciplinar escolar. Vale salientar que a base das observações é a disciplina, o professor da disciplina de Sociologia e as ações dentro deste espaço de ensino.

A essência da pesquisa encontra-se no segundo capítulo. Nele apresento os detalhes da vivência entre os alunos da turma da Professora Mara Miranda, da Instituição de Ensino Olavo Bilac, na cidade de Santa Maria - RS. Importante dizer que esta turma de alunos não fazia parte do novo ensino médio, ou seja, não tiveram formação politécnica. Além disso, no ano de 2011, início das observações, esta era a única turma de ensino médio da escola, sendo a professora Mara a única professora com formação em Ciências Sociais ministrando aulas na instituição. Ela estava responsável pelas disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio básico, bem como as disciplinas de Psicologia da Educação e Sociologia da Educação para os alunos do Curso de Formação de Professores, o chamado Curso Normal, tradicionalmente oferecido na escola desde sua fundação.

É preciso desde já esclarecer que a identidade dos alunos será relevada parcialmente, pois eles eram menores de idade, na sua grande maioria, não sendo autorizada pela escola a

¹ As considerações em específico sobre o ensino de Sociologia em Santa Maria podem ser encontradas na minha Monografia de Especialização intitulada: **A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS**, defendida no programa de pós graduação em História em 2013. (não publicada)

total descrição dos mesmos, assim como também não foi autorizado aprofundar qualquer informação ou descrição das relações internas entre os funcionários da Instituição bem como suas relações com os alunos. Isso, de acordo com a administração escolar, para que a escola e seus funcionários não fossem expostos a qualquer constrangimento.

Contudo, em conversa com os alunos eles sugeriram que a identidade da turma fosse revelada e diante disso a escola não se opôs ao fato de identificarmos também a Instituição, porém, fez ressalvas de que o projeto seria desenvolvido unicamente na sala de aula e informações sobre a escola ou professores não poderiam tornar-se conteúdo do trabalho, ou seja, o espaço de pesquisa seria a sala de aula, as aulas de Sociologia da professora Mara e os alunos integrantes da turma.

Dessa forma, as observações focaram e desenvolveram-se de forma predominante sobre as aulas de Sociologia.

CAPÍTULO I

1 SOCIOLOGIA NA ESCOLA BÁSICA: EM BUSCA DE ESPAÇO E RECONHECIMENTO

1.1 A trajetória da sociologia: longo e sinuoso caminho

Historicamente a afirmação da Sociologia como disciplina dependeu de uma grande produção de dados que serviram para validar ou não as teses emitidas pelos sociólogos ao longo de suas pesquisas. Émile Durkheim exerceu o papel de destaque nesse processo de consolidação da Sociologia tendo em vista o seu projeto científico, que consistia fazer da Sociologia uma verdadeira ciência experimental (RIUTORT, 2008).

As Organizações Curriculares Nacionais (Brasil, 2008) dizem ser tradição apresentar o início da carreira de Durkheim na Universidade de Boudeux, em 1887, como marco da introdução da Sociologia nos currículos oficiais. No entanto, no Brasil, a Sociologia começa a sua trajetória no ensino secundário, diferentemente dos demais países Latino Americanos que tiveram a disciplina ensinada primeiramente nas faculdades de Direito (CUNHA, 1981).

Para Azevedo (1958, p.317) a sociologia no Brasil pode distinguir-se por três fases: a primeira, da segunda metade do século XIX até 1928, neste período a Sociologia “estava constituindo-se e lutava para se impor, como ciência autônoma, com seu objeto e métodos próprios”; a segunda seria a introdução da Sociologia em escolas no país, de 1928 a 1935; e a terceira consiste no período que estamos vivenciando desde 1936, momento este em que a Sociologia entra nas universidades.

(...) desde 1870, registram-se iniciativas de intelectuais no sentido de incluir a Sociologia nos cursos de Direito, de formação de militares, da escola secundária. É o caso de Rui Barbosa que nos debates sobre a reforma de ensino em 1882, propunha as disciplinas *Elementos de sociologia e direito constitucional* para a escola secundária e Sociologia no lugar do Direito Natural nas faculdades de Direito, elaborando justificativas baseadas nos textos de Augusto Comte. (MORAES 2010a, p.20).

Rui Barbosa propôs a substituição da disciplina de Direito Natural pela Sociologia, sendo que a mesma nem saiu do papel e só veio a ser, lentamente, introduzida no ensino brasileiro com a reforma Benjamin Constant de 1890 (MORAES, 2003; BRASIL, 2008).

Em 1892, o então deputado Rui Barbosa – nos seus projetos de lei para reforma do ensino – propunha as disciplinas: ‘Elementos de Sociologia e direito constitucional’, para a escola secundária; ‘Instrução moral e cívica. Sociologia abrangendo as noções fundamentais de direito pátrio e economia política’, para as escolas normais; e ‘Sociologia’, para as faculdades de Direito. Os pareceres e projetos não explicavam o que se pretendia para o ensino de Sociologia na escola secundária. Contudo, além do que sugere a própria formulação dos títulos das disciplinas acima, deve-se levar em conta a própria influência do positivismo nas convicções de Rui Barbosa desse período e a seguinte referência que faz no parecer sobre a inclusão da Sociologia nas faculdades de Direito: justificando a proposta de substituir a cadeira de Direito Natural pela Sociologia, Rui Barbosa argumenta que o “princípio da progressão social, que Comte anunciou, é a determinante de todos os deveres pelo único meio de aferição de que a ciência dispõe: o da relação visível das coisas; o da observação real dos fatos; o da sucessão natural das causas e efeitos. Eis a base da Sociologia; enquanto o direito natural se preocupa firmar numa *natureza*, que a história não descobre em época nenhuma, em nenhum ajuntamento de criaturas pensantes - Ao direito natural, pois, que é metafísico, antepomos a sociologia.” (MACHADO, 1987, P.117)

Com a reforma, a Sociologia era de obrigatoriedade apenas para os cursos preparatórios (6º e 7º anos do secundário), contudo, não foi colocada em prática (MORAES, 2010b). Segundo Machado (1987), como ministro de Guerra Constant empreendera a reforma do ensino militar na qual constava a disciplina “Sociologia e Moral” nos currículos fixados para o exército. Nos currículos do ensino secundário, que constituía o curso Ginásial, no período o colégio Dom Pedro II de São Paulo era a referência para os demais Ginásios do país, todavia ainda no final do século XIX houve uma experiência no ensino de Sociologia no Atheneu Sergipense em Aracaju, conforme Oliveira (2013a) em seu artigo *Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica*. De forma mais detalhada, Alves e Costa também apontam esta questão no artigo “Aspectos históricos da cadeira de Sociologia nos Estudos Secundários (1892- 1925)” (2006).

Segundo as autoras em “Sergipe, o presidente José Calazans, reorganizou o ensino público, dividido em primário, normal e secundário, decretando com a lei n. 35, de 18 de agosto de 1892, que houvesse, entre as 12 cadeiras ofertadas no Atheneu Sergipense, a de “sociologia, moral, noções de economia política e direito pátrio” (art. 29), alocada no 6º e último ano do curso de humanidades. Desta forma, como podemos ver, o estudo da sociologia tem seu início em 1892 com a cadeira de “sociologia, moral, noções de economia política e direito pátrio”, ministrada no Atheneu Sergipense.

Constant viria a falecer em 1891, antes mesmo de explicitar o que pretendia para o ensino médio a partir de sua reforma. A disciplina de Sociologia viria a ter um marco significativo na escola brasileira, a partir da reforma Rocha Vaz de 1925 e posteriormente em 1931 com a vigência da reforma Francisco campos.

Entre 1925 a 1942, com a vigência da reforma Rocha Vaz e depois com a de Francisco Campos (1931), a Sociologia passa a integrar os currículos da escola secundária brasileira [...] chegando a figurar como exigência até em alguns vestibulares de Universidades importantes. (BRASIL, 2008, P.102)

A reforma Rocha Vaz, de 1925, estabeleceu à sexta série do curso ginásial, indispensável para ingressar no curso superior e constituído de cinco séries, o ensino de Sociologia. Entretanto, só para os interessados em obter o diploma de Bacharel em letras, era necessário cursar a sexta série, logo só estes teriam sociologia nos seu currículo escolar². Com a reforma Francisco Campus, que dividiu o ensino secundário em ginásial e complementar, se manteve o ensino de Sociologia, sendo que em 1942, voltou a ser suprimido com a reforma Capanema (AZEVEDO, 1958).

A reforma Francisco Campus, 1931 “reorganizou o ensino secundário através do Decreto nº 19.890, de abril de 1931, e do Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932. Essa reforma dividiu o ensino secundário em dois ciclos: Curso fundamental, de cinco anos e o curso complementar, de dois anos, (MACHADO, 1987, P.120)”.

A Sociologia foi incluída como disciplina obrigatória no 2º ano dos três cursos complementares. Assim, ela se consolida na educação secundária, não como um componente da formação básica dos jovens (ciclo fundamental), mas, como uma das disciplinas responsáveis pela preparação de futuros advogados, médicos, engenheiros, arquitetos (cursos complementares) e professores (curso normal). (SANTOS, 2002, p. 31)

Apesar disso, a partir de 1942 a Sociologia passa a ter caráter intermitente de inserção e retirada, como disciplina obrigatória nos currículos (MEUCCI, 2000; BRASIL, 2008). Sendo que “entre 1925 a 1942 a Sociologia era disciplina obrigatória em todas as escolas secundárias brasileiras” (MACHADO, 1987, p.120)

Em 1933 e 1934 passam a existir os cursos superiores de Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo (da qual se originou a USP) e na Universidade do Distrito Federal.

² “Como decorrência da Reforma Rocha Vaz, ainda em 1925, a Sociologia é ofertada aos alunos do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro e em 1928, e aos alunos dos cursos normais de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco”, (SANTOS 2002, P.31).

Todas as medidas de reformas no ensino até 1940 ampliaram os espaços de disseminação e de institucionalização das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil. Assim podemos afirmar que uma segunda fase, entre 1931 e 1941, demonstra elementos do processo de configuração do ensino de Sociologia na Escola Secundária e no Ensino Superior. (MORAES, 2010a, p.21)

Com a Lei 4.024/6, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1961, a Sociologia continuou a ser disciplina optativa ou facultativa nos currículos. A LDB subsequente, Lei nº 5.692/71 mantém o caráter optativo da Sociologia, aparecendo, raramente, nos cursos profissionalizantes.³

Deste modo, quando a Sociologia se faz presente nos currículos, está marcada por uma perspectiva técnica, embora, nos cursos de magistério, a Sociologia da Educação produzisse um sentido científico às discussões sobre a formação social e os fundamentos sociológicos da educação (BRASIL, 2008).

Vale salientar que no decorrer desta trajetória histórica, o ensino de Sociologia no Brasil recebeu muitas colaborações de professores estrangeiros como Lévi-Strauss, Roger Bastide, Radcliff-Brouw, entre outros. Essas colaborações foram um dos fatores que mais concorreram para que o ensino de Sociologia tomasse um caráter científico, abrindo perspectivas em direções diversas (AZEVEDO, 1958).

Ate 1971, o Ensino Médio ainda estava centrado na formação humanística voltada para preparação das elites brasileiras nas profissões consideradas nobres, como medicina, direito e engenharia, nas atividades intelectuais e artísticas e na preparação para o trabalho. Esta última modalidade sempre oferecida para os filhos dos trabalhadores, para as crianças pobres e abandonadas. O trabalho profissionalizante sempre teve uma conotação de controle da pobreza. O modelo de currículo predominante para o ensino médio era o Clássico-Científico, calcado num modelo de escola dual, uma destinada à elite e outra a formação da mão-de-obra para as classes trabalhadoras. Os currículos eram organizados em torno das disciplinas, por isso o denominamos de científico e clássico porque tinham ainda um componente forte da tradição jesuítica, com o ensino das letras, línguas latinas,

³ “A primeira LDB foi publicada em 20 de dezembro de 1961 pelo presidente João Goulart, seguida por outra versão em 1971, em pleno regime militar, que vigorou até a promulgação da Lei em 1996. basicamente, dois grupos disputavam qual seria a filosofia que serviria como base para a elaboração da LDB. De um lado estavam os estadistas, ligados principalmente aos partidos de esquerda e do outro os liberais. Partindo do princípio que o Estado precede o indivíduo na ordem de valores e que a finalidade da educação é preparar o indivíduo para o bem da sociedade, os estadistas defendiam que só o Estado deveria educar. Escolas particulares podiam existir, mas tão somente como uma concessão do poder público. O outro grupo, denominado de liberais, e ligado aos partidos de centro e direita, sustentava que a pessoa possuía direitos naturais e que não cabia ao Estado garanti-los ou negá-los, mas simplesmente respeitá-los. A educação deveria ser um dever da família que teria de escolher dentre uma variedade de opções de escolas particulares. Ao Estado caberia a função de traçar as diretrizes do sistema educacional e garantir às pessoas provenientes de famílias pobres o acesso às escolas particulares por meio de bolsas. Na disputa que durou dezesseis anos, as ideias dos liberais se impuseram sobre as dos estadistas, na maior parte do texto aprovado pelo Congresso” (HELB/UNB 2006/2010) – Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=32:ldb-de-1961&catid=1035:1961&Itemid=2> acesso 13 mai. 2014

didática livresca e de memorização, ou seja, um ensino continuado. (SILVA, 2007, p.41)

Os governos militares rompem com o eixo de ensino baseado nas disciplinas tradicionais das ciências humanas e ciências naturais, ideologizando completamente as Ciências Sociais e enfraquecendo a História e a Geografia como disciplinas científicas, (SILVA, 2007, p.413). Porém vale lembrar que a Sociologia se consolida durante o governo de Getúlio Vargas, na primeira metade do século XX.

Durante o período Militar a Sociologia desaparece como disciplina, porém seus conteúdos nunca desapareceram completamente, como aponta a dissertação de Djair Lázaro de Almeida: “Educação Moral e Cívica na Ditadura Militar: um estudo de manuais didáticos”, (2009).⁴ Contudo, na passagem da década de 70 para 80 a crise do “milagre econômico” traz a tona os limites para sustentar a escola média profissionalizante (obrigatória). Faltavam condições materiais e objetivas para a formação dos alunos, pois não havia equipamentos, recursos e professores. Deste modo, em 1982, o governo *flexibiliza* a legislação educativa com a Lei 7.004/82 revogando a obrigatoriedade do ensino profissionalizante, possibilitando assim a diversificação dos currículos (BRASIL, 2008, p.102).

Na verdade, essa revogação trazia para o campo da educação os efeitos ainda tardios da “abertura lenta, gradual e segura” iniciada pelo governo Geisel e continuada pelo governo Figueiredo; indicava também a crise do modelo econômico, a que se denominou “Milagre Brasileiro”, que tinha induzido a transformação do ensino médio em ensino profissionalizante, a fim de formar mão-de-obra técnica para o “Brasil Potência”. (MORAES, 2003, p.7)

Com a oportunidade de diversificação dos currículos, a secretaria de educação de São Paulo, começa a recomendar as escolas que incluam em seus currículos a Sociologia, bem como, Filosofia e Psicologia. É o início da retomada da disciplina nas escolas secundárias, as quais davam formação básica para os alunos, preparando-os para ingressar nos cursos superiores, juntamente com a Sociologia da Educação nos cursos de Magistério (BRASIL 2008, p.103).

Neste contexto, a Lei 7.004/82 a escola de segundo grau passa a ter uma concepção voltada para a construção da cidadania e não mais uma escola voltada para a profissionalização (PEREIRA, 2013, p.15).

(...) a partir de 1983, em alguns estados, e a partir de 1988, no Brasil, uma série de reformas curriculares são iniciadas, e uma variedade de teorias pedagógicas entram

⁴⁴ Disponível em < <file:///F:/banca/1891.pdf> > acesso 30. jun. 2015

em disputa Professores do ensino médio e ensino superior, políticos, entre outros, elaboram propostas de currículos que visam, sobretudo, a democratização do país e a superação do modelo curricular dos governos militares. (SILVA, 2007, p.413-414)

Aos poucos vários estados vão tornando a Sociologia obrigatória e consolidando sua presença nos currículos, foi proposto em 1996 com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que “ao final do Ensino Médio, os educandos saíssem com conhecimentos de Sociologia e Filosofia”. Neste momento o que se tem não é ainda uma reintrodução efetiva da disciplina, o que consta na nova Lei é que a escola básica deveria fornecer “conhecimentos de sociologia”. Em termos de legislação, como aponta Pereira (2013), somente em junho de 2008 a CEB, Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, a partir do parecer 15/1998, no qual constava que a Sociologia, assim como a Filosofia, Artes e Educação Física, poderiam ser tratadas interdisciplinarmente.

Essa resolução desagradou os Sociólogos em vista de que este tratamento disciplinar, dado ao conhecimento de Sociologia, significou que não seriam criadas as disciplinas, assim como não seriam de caráter obrigatórias no currículo escolar.⁵

Como aponta Silva (2007, p.405):

o processo de institucionalização do ensino de sociologia no Brasil, em suas dimensões burocráticas e legais, dependeu dos contextos histórico-culturais, das teias complexas das relações sociais, educacionais e científicas que atuaram e atuam na configuração do campo da sociologia a partir de sua relação com o sistema de ensino.

De acordo com Pereira (2013a), foi a partir da década de 80 que se observaram algumas medidas isoladas na tentativa de formular projetos de lei para a implantação da Sociologia no Ensino Médio, que acabaram não se efetivando na prática, quando aprovados. O Rio Grande do Sul está entre os estados que passaram por essa situação. Segundo a autora, a Sociologia retorna lentamente a ser inserida nos currículos escolares com a redemocratização do País, dependendo da boa vontade dos que a consideravam uma disciplina importante para a formação dos jovens.

⁵ “Essa luta foi conduzida pelas entidades que congregam os sociólogos, no âmbito nacional, ou seja, a Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS – e a Federação Nacional dos Sociólogos FNS. A SBS congrega os professores Universitários, a academia. A FNS, como o próprio nome diz – Federação – congrega os sindicatos estaduais (...). Também participaram ativamente da luta pela implantação da Sociologia no Ensino Médio, os sindicatos estaduais de Sociólogos, congregados na Federação, dentre os quais destacamos o Sindicato de São Paulo – SINSOCIÓLOGOS, a Associação de Sociologia do Rio de Janeiro- APSERJ. [além] das Universidades de todo o País, bem como dos estudantes e de suas entidades estudantis (PEREIRA, Luiza Helena: A luta dos Sociólogos pela obrigatoriedade da Sociologia. In: Ensino de Sociologia no RS, 2013, p.13 e 14).”

Segundo Mocelin e Raizer (2014) a inclusão do ensino da Sociologia no RS seguiu uma trajetória diferente daquela observada no país. De acordo com os autores a inclusão da disciplina:

(...) ocorreu primeiro com a incorporação transversal de princípios positivistas (por exemplo, educação técnico-científica, cidadania) nos currículos escolares em geral e com a criação da disciplina de Moral e Cívica nas escolas, para, em um segundo momento, consolidar-se como disciplina autônoma em cursos secundários, mantendo o mesmo tipo de orientação. (MOCELIN; RAIZER, 2014, p.107)

No Rio Grande do Sul a bandeira de luta pelo retorno da Sociologia como disciplina foi defendida pela Associação Gaúcha dos Sociólogos (AGS) e pelos sindicatos dos Sociólogos do Estado do Rio Grande do Sul (RAIZER, et. al., 2013).

A pesquisa da Professora Dr. Luiza Helena Pereira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizada em 2004, intitulada “Os desafios da volta da Sociologia ao Ensino Médio no RS, estágio da luta”, constatou que de 2001 a 2003 houve um crescimento do ensino de Sociologia nas escolas estaduais.

Em 2001, 24% das escolas tinham Sociologia, um total de 199 escolas estaduais. Sendo que em 2003 esses números aumentaram, 343 escolas passaram a ter a sociologia na sua grade de horários, ou seja, 26,4 % do total de escolas, sendo que em 41% das escolas estaduais a disciplina era fornecida regularmente, já nas privadas o número permaneceu o mesmo de 2001 a 2003, 25% das escolas num total de 88, tinha a disciplina na sua grade curricular (PEREIRA, 2004 apud SANTAGADA. et.al. 2013).

Como aponta Mocelin e Raizer (2014) o Rio Grande do Sul mesmo antes da aprovação da Lei nº 11.684/2008, já tinha uma Resolução que incluía a disciplina de Sociologia e Filosofia nos currículos escolares. Dessa forma, em 2007, das 909 escolas estaduais do Rio Grande do Sul, 321 ofereciam em seu currículo a disciplina de Sociologia, sendo que no quadro de professores encontravam-se 679 professores de Sociologia, ampliando em 2012 para 895 profissionais.

Diante da constatação de que gradativamente estava aumentando o número de escolas com a presença da disciplina de Sociologia, Pereira (2013b, p.60) concluiu que “era preciso realizar uma sociologia da sociologia”, ou seja, “a sociologia da sociologia” deve ser repensada, adequando-se a análise da sociologia no ensino médio e não da produção teórica e de pesquisa dos sociólogos.

Para isso, é preciso antes de tudo, compreender a inserção da Sociologia em nossa cidade. Desta forma para que se tenha uma boa discussão a respeito da Sociologia em escolas

de Santa Maria, se faz necessário que compreendamos um pouco da implantação da disciplina dentro do próprio município.

Em Santa Maria – RS, como em grande parte dos demais municípios do Brasil, a disciplina de Sociologia começa ser introduzida lentamente após a Lei nº 9.394/96. Entretanto, neste contexto de institucionalização da disciplina faltavam profissionais capacitados.

Embora Santa Maria tenha uma das maiores Universidades Federal do País, não havia, até então, um curso de formação de professores Licenciados em Sociologia/Ciências Sociais. Assim como nas demais universidades do país eram formados apenas Bacharéis em Ciências Sociais, até porque tradicionalmente as Ciências Sociais no Brasil sempre foram voltadas para a pesquisa.

Em vista desta demanda, em 2009 a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) iniciou a formação de uma primeira turma de professores Licenciados em Sociologia, modalidade aberta, tendo sua primeira turma formada no final do primeiro semestre de 2013. Vale lembrar que no ano de 2008 a UFSM, formou uma turma especial de Licenciados, composta por egressos do curso de Bacharelado, com o intuito de suprir um pouco a demanda por profissionais na região (BRUN, et.al, 2013).

O curso presencial de Sociologia, que hoje se chama Licenciatura em Ciências Sociais, iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2010 e formou sua primeira turma em 2013. A criação da Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria está diretamente ligada ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, que define como um dos seus objetivos “dotar as universidades federais das condições necessárias para ampliação do acesso e permanência na educação superior, apresenta-se como uma das ações que consubstanciam o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, lançado pelo Presidente da República, em 24 de abril de 2007”. Este programa pretendeu congregiar esforços para a consolidação de uma “política nacional de expansão da educação superior pública” (PDD, 2007).

Contudo, vale salientar que, em 2011, ano de início desta pesquisa, ainda havia uma grande carência por profissionais Licenciados na região de Santa Maria e por essa razão muitos professores com diferentes formações, principalmente historiadores e filósofos, estavam responsáveis por conduzir a disciplina nas escolas. Todavia, essa realidade ainda não mudou e segundo a 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), o fato de, em Santa Maria, muitos professores de outras disciplinas continuarem a serem designados para

ministrar as aulas de Sociologia, está ligado ao fato de que muitas escolas não têm turmas suficientes para fechar a carga horária de um professor, exclusivamente com a disciplina de Sociologia, dessa forma “não há motivos para contratação de um profissional somente para tal disciplina”.

“não há como ter um professor só para dar Sociologia se não tem turmas suficientes para fechar a carga horária deste professor, até porque qualquer profissional das humanas pode dar aulas de Sociologia” (8ª CRE, 2014).

Além disso, segundo a 8ª CRE, em vista da nova estruturação curricular do ensino médio, que separa as especificidades do conhecimento, ou seja, o currículo escolar, por áreas de atuação e não mais por disciplinas, existe uma legitimidade para que “qualquer profissional das Humanas” possa se responsabilizar pelas disciplinas que contemplam a área de Humanidades, não sendo assim, obrigatória a contratação de um professor com formação Sociológica.

O Ensino Médio Politécnico articula as disciplinas a partir das áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática e suas tecnologias). No Seminário Integrado os alunos desenvolvem atividades de pesquisa, colocando em prática os conhecimentos teóricos. A nova modalidade também busca preparar os jovens para a sua futura inserção no mundo do trabalho ou para a continuidade dos estudos no nível superior. O Ensino Médio Politécnico começou a ser implantado em 2012 para o 1º ano, em 2013 no 2º ano e em 2014 chegará ao 3º ano. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO - RS) ⁶

Estes são alguns desafios da implantação da Sociologia no Ensino Médio, e segundo Brum et. al. (2013, p.74), “a preocupação com a qualidade deste processo e com suas possibilidades nos leva a refletir sobre o “calcanhar de Aquiles” da institucionalização da disciplina, qual seja, de que grande parcela dos professores que estão hoje lecionando a disciplina no ensino médio, não possuem formação na área”. Este foi um dos motivos pelos quais o Curso de Licenciatura em Ciências Sociais foi implantado na UFSM, mas que “por si só não resolve sequer em parte a demanda” por professores Licenciados na área.

Em Santa Maria há atualmente 24 escolas estaduais com ensino médio e segundo a 8ª CRE, foi a partir de 2008 que a Sociologia começou, aos poucos, ser acrescentada nos currículos dessas escolas, devido à obrigatoriedade. Hoje as 24 escolas oferecem a disciplina aos seus alunos, embora grande parte dos professores não sejam Licenciados em Ciências Sociais ou Sociologia.

⁶(SECRETARIA DA EDUCAÇÃO). Disponível em:
<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1> acesso 16 jun.2014

Como não há uma literatura ou um levantamento pontual da realidade disciplinar de todas as Instituições de Ensino básico em Santa Maria, nem mesmo a 8ª CRE, responsável pelas escolas do município e região, oferecem informações precisas, em vista de que cada escola é autônoma em sua organização interna e distribuição de horários e professores. Os setores, Pedagógico e de Recursos Humanos da 8ª CRE, quando solicitados por esta pesquisadora, se recusaram a fornecer dados mais precisos, como por exemplo, número de professores com formação Sociológica, contratados ou efetivados no município, bem como as escolas em que se encontrariam estes professores.

As informações obtidas na 8ª CRE clarificam a situação da Sociologia como disciplina em Santa Maria e demonstram uma preocupação comum entre os Cientistas Sociais, pois, a afirmação de que qualquer profissional da área das humanas está apto a dar aulas de Sociologia, aponta um dos motivos da ausência de professores Cientistas Sociais e deixa-os em alerta quanto a qualidade do ensino de Sociologia, que será ofertado aos estudantes.

1.2 A disciplina de sociologia e seus desafios

Foi no final do século XIX que surgiram as primeiras propostas de implantação da Sociologia no ensino secundário, como também no ensino superior. O que se vê desde então é uma trajetória marcada por idas e voltas no currículo educacional brasileiro. Sobre essa trajetória encontramos diversas produções bibliográficas que abordam temas como materiais didáticos, qualificação profissional, história da disciplina e a sua busca por legitimidade. No entanto, as pesquisas que abordam a sociologia enquanto disciplina escolar, ainda são incipientes. Tem-se, um número significativo de questões que já foram estudadas, como a história e a constituição do campo das Ciências Sociais, englobando discussões referentes ao contexto político e econômico que permearam o estabelecimento desta ciência, bem como os atores envolvidos neste processo.

Meucci (2000), ao fazer um levantamento dos manuais de Sociologia produzidos entre 1930 e 1940 no país, proporcionou uma visão, a partir de sua análise, da pluralidade teórica dos intelectuais que naquele momento se dedicavam ao ensino, assim como também na produção destes manuais. Sarandy (2004) também contribui com as discussões referentes a

reinserção da Sociologia, através de análise de manuais, ele faz um diagnóstico sobre o retorno da Sociologia a partir de 1980.

Outros pesquisadores como Guelfi (2001), Perez (2002), Soares (2009), Dias da Silva (2002), Santos (2002) e Handfas (2011), também realizaram pesquisas sobre o ensino de Sociologia. Esta última chama a atenção para o fato de que a presença do ensino de Sociologia é uma temática de pesquisa relativamente nova nos programas de pós graduação. Contudo é notável que os interesses pelo tema tem crescido, muito em função da efetivação da Sociologia como disciplina escolar, bem como pelo fato de que muitos programas de pós graduação foram abertos nos departamentos de Ciências Sociais, como é o caso, em partes, desta dissertação.

Este trabalho procura contribuir com a discussão sobre a presença da Sociologia na medida em que coloca em evidência o ensino na prática, a sala de aula e a relação dos alunos com a disciplina de Sociologia e seus conteúdos. As diferentes pesquisas apontadas acima, na sua grande maioria se restringem a pesquisas documentais ou levantamento de dados através de questionários e entrevistas.

Desta forma, para alcançar os objetivos do trabalho, esta pesquisadora foi em busca de espaços mais amplos e que oferecessem uma visão mais aproximada da situação a qual os alunos estavam vivenciando com a disciplina na escola básica. Isto significou mudar o foco, que até então, tem se concentrado nas questões que circundam a Historicidade e a institucionalização da disciplina no país para um olhar sobre a ação do professor e dos alunos frente a esse conhecimento.

A sanção da Lei 11.684 apenas ratificou algo que desde o final do séc. XIX já fazia parte da educação brasileira. Não é novidade, que a luta por espaço e legitimidade da Sociologia no cenário nacional brasileiro vem desde 1981, quando Constant era o então Ministro da Educação. Neste período fazia pouquíssimo tempo que a Sociologia havia sido reconhecida como uma Ciência, como já apontado no início deste trabalho, o marco deste processo foi 1887 quando a Universidade de Bordeaux, na França, determinou que os currículos dos cursos de Pedagogia naquele ano passariam a ter Sociologia, indicando como docente titular aquele que se tornaria referência na luta pela legitimação da Sociologia como Ciência, Émille Durkheim.

Carvalho (2007) ao analisar as mudanças geradas no cenário educacional dos anos 90, pontua o caráter neoliberal da LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, chamando atenção para o fato de que a mesma deixava de falar em “disciplina” e menciona apenas áreas de conhecimento, negando ciências e profissões, desregulamentando tudo à sua frente, sob o

pretexto de “dar autonomia” às escolas. Para a autora a Lei negava o caráter nacional da educação. Contudo a Lei determinava em seu artigo 36 e incisos, que os estudantes egressos do ensino médio deveriam demonstrar “conhecimentos de Sociologia e Filosofia” para exercerem sua cidadania.

Carvalho, que naquele momento presidia a Federação Nacional dos Sociólogos, aponta que neste período o Brasil vivia o auge do neoliberalismo, tendo como presidente da República o Sociólogo Fernando Henrique Cardoso e que infelizmente os representantes do governo FHC, no MEC e em nas demais secretarias estaduais de ensino, passaram a interpretar de maneira equivocada o artigo 36, afirmando que o artigo não obrigava que se lecionasse “nenhuma disciplina” e que estas fossem planejadas por “áreas de conhecimento”.

Diante desta interpretação as escolas brasileiras continuaram a adotar o sistema tradicional de disciplinas, contudo não deram espaço para Filosofia e Sociologia, pois entendiam que não era de caráter obrigatório, ainda que a Lei falasse claramente desse conhecimento.

Dentro deste mesmo contexto político, o então deputado Padre Roque (PT/PR), apresentou outro projeto de Lei, na tentativa de alterar o artigo 36 da LDB. O Senado da República aprovou a Lei que modificaria o artigo 36 inquirindo a obrigatoriedade de ambas às disciplinas, todavia como se sabe, o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso vetou integralmente a Lei.

A luta, por orientação da então Federação Nacional dos Sociólogos – Brasil – FNSB, passava para as esferas estaduais, aguardando um novo governo que poderia reverter essa situação, seja por via administrativa, seja para ajudar a derrubar o veto presidencial no Congresso Nacional. Assim, voltamos aos estados e pelo menos em 17 unidades da Federação, neste ano de 2006 até a data da aprovação da nova Resolução do CNE, já obrigavam o ensino de Sociologia e Filosofia em todas as escolas médias.

O Sinsesp (Sindicato dos Sociólogos do Estado de SP), presidido pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Martins, a mais antiga entidade sindical do país, que sempre esteve à frente de nossas lutas nacionais, por sugestão de seu diretor Amaury César Moraes, da USP, apresentou uma proposta ao MEC, para que, pela via administrativa, com mudança na resolução de 1998 do CNE, a situação pudesse ser modificada. Tal proposta caminhou em várias instâncias do ministério e finalmente, chegou ao CNE em final de 2005, quando pudemos ter a honra e a felicidade de termos com relator da matéria, um sociólogo, o Prof. César Calegari, até então presidente da Câmara do Ensino Básico do CNE. O nosso colega César Calegari, de forma democrática, ouviu todas as entidades representativas do setor em audiência pública ocorrida em 1º de fevereiro e conseguiu construir um brilhante parecer, com base na própria LDB. Dessa forma, nossas escolas de Ensino Médio, a partir de 2007 e início de 2008 terão que se adaptar à nova realidade de ensino, com a presença de duas novas disciplinas no currículo escolar. (CARVALHO 2007, sp.)

Sem sombra de dúvidas, foi bastante árdua a luta pela efetivação da disciplina no currículo da escola básica e uma grande conquista para os profissionais da área, assim como um ganho para a formação estudantil, contudo os desafios estavam só começando, após a promulgação da Lei. Os desafios maiores estavam por vir e ainda permanecem muitos sem soluções.

A Lei obrigou o ensino de Sociologia e Filosofia nas escolas, com isso tornou-se necessária a formação de profissionais e, conseqüentemente, a abertura de novos cursos superiores. Diante disso abriram-se novos espaços de discussões, como por exemplo, as referentes a um conteúdo curricular mínimo.

Esta é uma das pautas que têm gerado muitas controvérsias, pois existe a dúvida em relação ao que ensinar em Sociologia e quais os conteúdos são mais significativos, ou importantes, para alunos do ensino médio. O livro didático é ou não estratégia vantajosa, tendo em vista que a produção de livros didáticos de Sociologia ainda é bastante incipiente. Além disso, ficava a dúvida em relação a carga horária ideal que possibilitasse um bom aproveitamento da disciplina.

Esses desafios que foram sendo postos a partir da implantação da disciplina, ainda requerem debates, assim temos tomando conhecimento das situações vivenciadas nas diversas regiões do país, através de relatos de professores e de encontros, como o proporcionado pela Associação Brasileira de Ensino em Ciências Sociais (ABECCS) em abril de 2013 em Aracaju. Este encontro possibilitou aos professores de Sociologia de diversas regiões do país, trocarem informações e dividirem suas dúvidas e experiências na tentativa de encontrarem alternativas consistentes para os desafios que estão sendo postos à disciplina, nos diferentes estados brasileiros.

Segundo consta nas Organizações Curriculares Nacionais (OCN), a Sociologia ressurge:

Como espaço de ser das Ciências Sociais na escola média, [para] oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas Ciências, resultados dessas pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc. (BRASIL, 2008, p.105)

Podemos dizer então que a disciplina de Sociologia recebeu a tarefa de auxiliar os alunos a desenvolver um olhar desnaturalizador do mundo que o cerca, bem como a serem capazes de construir um olhar crítico frente aos fatos da vida cotidiana.

Igualmente a proposta inclui que os alunos estejam em condições, ao término do ensino médio, de entender, de modo um pouco mais completo, o universo a qual estão inseridos, podendo dessa forma, entender melhor as ações e as reações dos sujeitos que se inserem dentro do seu grupo, assim como os dos demais grupos que fazem parte do coletivo social. Isso significa ajudar os alunos a olharem para o outro, para a cultura do outro e para si próprio de uma maneira diferente daquela que habitualmente lhes é normal, ou seja, que os alunos passem a perceber que:

(...) os fenômenos sociais que rodeiam a todos e dos quais se participam [no caso da sociologia] não são de imediatos conhecidos, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais sem necessidade de explicação ao qual está acostumado e que na verdade nem são vistos. Assim como a chuva é um fenômeno que tem uma explicação científica, ou uma doença também tem explicações, mesmo que não tenha chegado a terapia totalmente exitosa para sua cura; ou do mesmo modo que as guerras, as mudanças de governo podem ser estudadas pela História ou os cataclismos naturais pela Geografia; os fenômenos sociais merecem ser compreendidos ou explicados pela Sociologia. (BRASIL, 2008, p. 106-107)

A proposta é promissora e os desafios postos aos profissionais de Sociologia estavam só começando quando a Lei que promulgou a obrigatoriedade da disciplina foi aprovada. A caminhada e as lutas por espaços tiveram seus tropeços, seus desafios, mas os que estavam por vir, após a institucionalização da Sociologia, seriam bem mais problemáticos.

Não havia como imaginar com precisão, o impacto da disciplina e as diversas dificuldades que enfrentaria. Mas isso tudo foi aos poucos aparecendo e gerando mais e mais discussões e novos desafios.

Um deles era a falta de consenso em relação ao que ensinar em Sociologia no ensino médio, essa dúvida, ainda tem dificultado a vida do professor, que em muitas escolas, não somente em Santa Maria, não tem formação em Ciências Sociais ou Sociologia e por conta disso tem dificuldades para selecionar o que é mais profícuo ao estudante. Claro que este não é um problema exclusivo daqueles professores formados em outras áreas, é recorrente também entre os próprios Cientistas Sociais.

Essa preocupação foi pontuada nas OCN, ao se referir que, o fato da “não existência de conteúdos favoreceria uma liberdade do professor que não é permitida em outras disciplinas, mas também importa numa certa arbitrariedade das escolhas” (BRASIL, 2008, p. 116). Compreende-se que a preocupação está relacionada a arbitrariedade do próprio professor cientista social, porém isso não impede que façamos uma relação com a situação posta, ou seja, que a dificuldade na escolha dos conteúdos se de, em boa medida, tendo em

vista que o professor não conhece a teoria, os principais conceitos e a relevância de cada um, por não ter formação nas Ciências Sociais.

Vejam que, se esta situação é desafiadora para os próprios Cientistas Sociais, podemos imaginar o quanto se agrava diante da situação posta à disciplina e aos seus docentes. Condição que coloca em risco a qualidade e a credibilidade da disciplina perante a comunidade escolar, conseqüentemente, diante da sociedade.

No município de Santa Maria, foi possível diagnosticar, a partir de entrevistas realizadas entre 2012 e 2013, com professores da rede pública, os quais preferiram manter em sigilo suas identidades e das escolas as quais trabalhavam, que a grande maioria, inclusive aqueles que possuíam formação em Ciências Sociais ou Sociologia tinham dificuldades em definir o que é relevante para a formação sociológica de seus alunos, ou seja, o que ensinar aos estudantes.

Além da dificuldade para selecionar os conteúdos, outra grande preocupação dos professores relacionava-se com o espaço - tempo fornecido às aulas de Sociologia. A disciplina tem um período semanal de 50 minutos, exceto em casos excepcionais em que a escola oferece dois períodos semanais. Os professores têm a sua disposição apenas giz e quadro negro e um agravante, os alunos precisam fazer cópia, comprar o material de leitura. Isso faz com que os professores não possam exigir que todos os alunos consigam ler o material ou que o tenham adquirido.

Essa conjuntura coloca o professor em uma posição desconfortável, obrigando-o constantemente a improvisar suas aulas. O recurso do livro seria uma alternativa positiva, pois hoje já é possível encontrar nas escolas a obra de Nelson Dacio Tomazzi: *Sociologia para o Ensino médio*. Contudo não há livros suficientes para todos os alunos, ou seja, uma quantidade suficiente para que cada aluno possa ter o seu, e por conta disso ele não foi distribuído em grande parte das escolas, segundo informações fornecidas pelos professores.

Entretanto, alguns desses professores apontaram que o conteúdo do livro “é muito limitado” e serve como recurso, mas quando fazem uso do mesmo, não seguem *Ipsis litteris*. Em geral, as escolas deixam o livro disponível na Biblioteca para eventuais pesquisas. Diante disso, os professores optam por criar seu próprio material, em função de que os alunos igualmente teriam que copiar as informações do livro didático ou fazer cópia do mesmo.

Outra questão que está ligada ao curto período destinado a disciplina de Sociologia é a dificuldade em propor tarefas fora da sala de aula. Os professores da rede estadual de ensino de Santa Maria assinalam que, embora as escolas em que exercem seu trabalho possuam salas

de vídeos e computadores, o pouco tempo destinado à disciplina não permite que os alunos assistam a um filme ou realizem pequenas incursões no bairro da escola, etc.

Os 45-50 minutos de aula não são suficientes, pois o professor perde alguns minutos ao se deslocar de uma sala de aula a outra, mais alguns minutos até acalmar a turma e propor a tarefa. Dentro deste curto espaço de tempo é inviável ao professor, propor a tarefa, deslocar os alunos até a sala de vídeo ou até a sala de informática desenvolver uma boa atividade e ainda sobrar tempo para reflexões e considerações.

Os alunos se interessam pela disciplina, porém, o curto período acaba levando a disciplina ao desprestígio no ambiente escolar e no decorrer do ano os alunos acabam por legar mais interesse as matérias que tradicionalmente detém uma maior carga horária e alto índice de reprovação. O professor precisa se esforçar para despertar interesse nos alunos, assumindo uma carga horária pesada, pois, por possuir apenas um período por turma para preencher 40 horas (por exemplo) o professor precisa assumir uma grande quantidade de turmas... mas os alunos demonstram muito interesse em especial por temas ligados a política e pesquisa antropológica. (PROFESSOR 5, 2012)

O que é visível, a partir do relato dos professores é que os desafios impostos aos docentes e a disciplina de Sociologia na escola básica, não se restringem unicamente as questões pedagógica ou metodológica, ou seja, em torno de como ensinar Sociologia, um conhecimento predominantemente teórico e que por este motivo tem grandes chances de não despertar o interesse dos estudantes. O que se percebeu é que existe uma estrutura que coloca em risco a qualidade do ensino sociológico em todos os sentidos.

Existe uma falta de conhecimento teórico, por parte dos professores com outra formação, que conseqüentemente prejudica o aprendizado dos alunos. No entanto, o conhecimento teórico dos profissionais das Ciências Sociais, que era para ser o diferencial, não o faz mais seguro quanto ao que ensinar, visto que a maioria dos professores Cientistas Sociais, que ministram aulas na escola básica no município de Santa Maria, são Bacharéis e não foram preparados para dar aulas à adolescentes. Além disso, como já citado, não há material acessível a todos os alunos, o tempo fornecido a disciplina é pequeno e prejudica o desenvolvimento de debates mais elaborados.

Ao constatar essa situação, surgiu a dúvida se esta era uma situação que se restringia ao município de Santa Maria. A partir dessa inquietação, as oportunidades que surgiram para contatar professores de outras regiões foram comemoradas, pois proporcionaram uma visão geral do que estava sendo possível observar dentro das escolas santa-marienses.⁷

⁷ Por ocasião do 1º Congresso da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, conheci professores de outros estados, como também professores de outras cidades do Rio Grande do Sul e assim, trocamos

A partir do 1º Congresso da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, que proporcionou trocas de experiências entre professores de diversas regiões do Brasil, tornou-se mais evidente que a problemática vivenciada pela disciplina de Sociologia em Santa Maria, foge a alçada local e pode ser analisada como sendo mais um dos tantos desafios enfrentados pela Educação Nacional.

o grande desafio em todo o Brasil e no Rio Grande do Sul é a falta de qualidade da educação escolar oferecida às nossas crianças e jovens. Colocamos muitos alunos na escola e os recursos públicos destinados à escola pública não aumentaram na mesma proporção e, em consequência, caiu a qualidade, as condições físicas das escolas pioraram, baixou o valor dos salários dos professores, cresceram as taxas de reprovação e repetência e reduziu-se a aprendizagem. (REFERENCIAL CURRICULAR-RS, p.5, 2009).

Pelo que consta no próprio Referencial Curricular do estado do Rio Grande do Sul, a qualidade do ensino e a condições físicas e a logística que envolve a educação no país encontra-se em condições precárias, o que comprovamos na prática do ensino em Santa Maria.

Essa situação nos direciona para muitas questões, contudo, seria inviável neste momento elaborar uma discussão mais qualificada sobre o assunto. Todavia, ficou claro que, embora essa seja uma temática bastante relevante não é um assunto que tem motivado pesquisas acadêmicas.

Dentro do contexto da disciplina de Sociologia, os trabalhos elaborados até então, pouco problematizam a realidade do professor e dos alunos. Ao buscar referencial teórico para a elaboração deste trabalho, ficou evidente que a realidade cotidiana da educação brasileira, o dia-a-dia da relação aluno/professor e os desafios enfrentados por eles no processo de construção de conhecimento ainda são escassos no âmbito das Ciências Sociais.

Pereira (2013b, P.167) é uma dos poucos pesquisadores que busca apreender a realidade do ensino pelo contato com a realidade do professor. Ela aponta em um de seus trabalhos sobre o ensino de Sociologia, que os professores da região de Porto Alegre afirmam faltar profissionais com formação na área e reclamam que têm pouco tempo para se atualizarem. Sendo que, a maioria tem consciência de suas limitações teórico-pedagógicas ao

experiências e informações a respeito do andamento da Sociologia em suas cidades. Neste encontro, professores da rede pública, de diferentes estados, relataram suas experiências com o ensino de Sociologia no ensino médio e a partir de suas falas se constatou que a dificuldade encontrada pelos professores do Rio Grande do Sul são semelhante a apresentadas pelos professores no Nordeste Brasileiro, cada um com suas peculiaridades, mas quanto à prática pedagógica e estrutural da disciplina, as reclamações são as mesmas: carga horária baixa, professores com outra formação ministrando Sociologia, houve argumentos de que qualquer profissional pode lecionar Sociologia, entre outras questões debatidas no decorrer desta dissertação.

expressarem que “são despreparados para ensinar Sociologia” (não formados na área), e que também, em certa medida, “são desatualizados” (não têm tempo para se atualizarem).

O que se constata é que os professores têm carência teórico-metodológica, não somente pedagógica e com isso encontram obstáculos para explicar aos alunos aquilo que eles mesmos têm dificuldades em compreender.

A boa notícia é que a reinserção da Sociologia no currículo escolar tem levantado uma série de discussões a nível nacional e influenciado diretamente os debates sobre a organização curricular dos cursos de Ciências Sociais e a sua estrutura pedagógica, além de debates sobre a formação de professores na área das Ciências Sociais, assim como em relação a carência de profissionais e o despreparo dos professores não formados na área, que estão administrando as disciplinas nas escolas.

Dessa forma cabe aqui uma pequena reflexão sobre a preparação destes profissionais, pois ficou evidente que existe uma grande lacuna entre a proposta elaborada pela LDB para a disciplina e a condição oferecida aos profissionais para o desenvolvimento da mesma. Diante disso, nas próximas páginas será abordado um pouco sobre o ensino de Ciências Sociais ou Sociologia na escola superior, ou seja, um pouco sobre a preparação dos professores para escola básica.

1.3 A preparação do professor

Com a reintrodução da disciplina de Sociologia no currículo da educação básica, torna-se necessário refletir sobre os padrões formativos de professores e os desafios da educação básica. Segundo Nóvoa (1991) e Weber (2003), “a função docente no Brasil foi sendo normatizada a partir do momento em que o Estado, para atender às necessidades de escolarização impostas pelo processo de modernização da sociedade brasileira, avoca a si o controle da escola”. Esta atitude visava “atender às necessidades de escolarização impostas pelo processo de modernização da sociedade brasileira”.

Nóvoa (1999), em estudo sobre a profissão de professor, afirma que em vista desta profissão ter na sua origem uma intensa relação com a Igreja, pois a responsabilidade pela educação cabia aos Jesuítas, a comunidade atrelava ao trabalho do docente ao doutrinação religioso. Mais tarde, com a estatização do ensino, esses professores religiosos foram sendo substituídos por professores regulamentados pelo Estado e que compunham o quadro de funcionários do governo.

Isso significou a institucionalização profissional do trabalho docente. Segundo Papi (2005, p. 20), “os salários dos professores eram pagos pelo Estado, o qual ditava, inclusive, as normas para o trabalho docente que, aos poucos, perdia autonomia e criava dependência dos órgãos administrativos”.

A intervenção estatal instituiu uma espécie de controle sobre o trabalho dos professores, que agora se desvinculava da Igreja, e passava a prestar contas ao Estado. Este por sua vez passou a controlar a categoria profissional. Agora, sendo funcionário do estado o professor passa a atender as exigências profissionais específicas que anteriormente não lhes eram exigidas.

a partir do final do século XVIII não é permitido ensinar sem uma licença ou autorização do estado, a qual é concedida na sequência de um exame que pode ser requerido pelos indivíduos que preencham certo número de condições (habilitações, idade, comportamento moral, etc.) Este documento funciona também como uma espécie de “aval” do Estado aos grupos docentes, que adquirem por esta via uma legitimação oficial da sua atividade. As dinâmicas de afirmação profissional e de reconhecimento social dos professores apoiam-se fortemente na consistência deste título, que ilustra o apoio do Estado ao desenvolvimento da profissão docente (vice-versa). (NÓVOA, 1999, p.17).

Dessa forma, considerando a estatização da profissão, as atividades ligadas a docência passam a ser orientadas e planejadas a partir das intencionalidades políticas. Vale salientar que os debates educacionais levantados a partir dos anos 80 colocaram o professor em destaque e este passou a ser considerado um importante agente de mudança dentro do cenário político e social, ganhando destaque como elemento importante na luta pela democratização brasileira. Isso se deve a importância do caráter político atribuído à formação, que passou a ser requisito para o exercício da docência. Isso se torna perceptível nas palavras de Weber (2003, p.1134):

Nesse processo o professor foi identificado com o educador, ganhando relevância a dimensão política da atividade educativa, transformando-se a sua principal tarefa a formação da consciência crítica das classes subalternas, concepção que no debate acadêmico recebeu contornos de confronto entre o necessário desenvolvimento de competência técnica e o compromisso político na formação de professores para o magistério.

Desta forma, a autora aponta para a necessidade da competência técnica do professor estar articulada ao compromisso político do mesmo para com o magistério. Do mesmo modo Sacristán (1999, p. 76) pondera que “o professor não é um técnico que se limita a aplicar

corretamente um conjunto de diretivas, mas um profissional que se interroga sobre o sentido e a pertinência de todas as decisões em matéria educativa”.

Nesta mesma perspectiva Cruz (2012, p. 71) confirma que a profissionalização do professor é resultado de relações históricas, sociais e culturais e que a docência está envolvida num “movimento de lutas e disputas políticas inerentes ao seu processo de construção, por isso, está imbuída dos conflitos e contradições inerentes às relações sociais que a produziram”.

Pode-se dizer que os movimentos de lutas e disputas não estiveram presentes apenas nos primórdios deste processo de construção, mas continuam a fazer parte dos movimentos de lutas que ainda hoje organizam as reivindicações da profissão.

De acordo com Melo e Carmo (2014, p.12)

(...) a profissão docente está inscrita num processo histórico de mudanças, marcada por avanços e também por retrocessos. Os professores, independente do nível de ensino com o qual trabalham reformulam e resignificam seu exercício profissional, criando “novas” maneiras de exercer a sua profissionalidade, articulando o seu fazer profissional a demanda social com a qual trabalha, bem como as suas condições de trabalho.

Embora não façamos uma análise profunda das questões referentes a profissão docente, pois este assunto requer uma intensa reflexão, sempre é bom lembrar que o professor ou a profissão docente esta circunscrita na história da nossa sociedade e que é um importante agente social. Sendo assim vale salientar que dentro de cada período histórico o professor precisa adaptar-se as necessidades e as novidades referentes ao contexto social a qual ira exercer suas atividades.

Pensando nisso a LDB exige, não somente do aluno, mas também do professor a capacidade de aprender a aprender e continuar aprendendo durante toda a vida. As mudanças sociais exigem que o professor e as Instituições de ensino sejam flexíveis para que possam acompanhar as mudanças incumbidas a eles. Essas colocações estão no âmbito da formação continuada, posta como diretriz para o docente do sec. XXI.

De acordo com a diretora executiva da Fundação Victor Civita⁸ e membro do Conselho Nacional de Educação Guiomar Mello, nas sociedades contemporâneas as informações e o conhecimentos estão cada vez mais disponíveis a um grande e diversificado número de pessoas. O avanço da tecnologia da informação gera mudanças na produção e divulgação do conhecimento, e com isso, o conhecimento deixa de ser monopólio das instituições. Em meio a essas transformações o professor e também as instituições precisam

⁸ organização sem fins lucrativos que tem como objetivo apoiar o trabalho de professores, gestores escolares e formuladores de políticas públicas da Educação Básica Brasileira. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/>> acesso 10 mai. 2015

resignificar seus papéis, pois atualmente, para muitas crianças, a escola não é a única e talvez nem a mais legítima fonte de informação.

Dessa forma o professor deixa de ser o “guardião fiel dos conceitos” e assume a função de “dinizador” incorporando aos conteúdos escolares todas essas informações e conhecimentos adquiridos fora da escola.

Se quiser que seus alunos gostem de aprender, o professor não poderá continuar isolado em sua disciplina. Ele terá que ser suficientemente aberto, estimulando os alunos trazerem para escola as informações que o *Habitat* natural da sociedade lhes transmite continuamente. Só assim eles conseguirão relacionar a aprendizagem na escola com o mundo em que vivem. MELLO (s.d, p.1) ⁹

Podemos comparar o professor ao Caminhante de Edgar Morin, pois sabendo que a vida é um “equilíbrio de antagonismos” e sendo o amanhã um “rio que corre desde sempre na mente de cada ser banhado pelo som da igualdade”, Morin busca alcançar a racionalidade configurando uma teoria e um imaginário do conhecimento, pois para ele a complexidade negocia com a incerteza na perspectiva de estabelecer pontes provisórias entre o ser que busca e o desconhecido. E sendo o Caminhante o observador da vida que experimenta e faz, ele constrói seu olhar, como uma narrativa que descreve o caminho feito pelo prazer de caminhar. (MORIN, 2007)

Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e s partes. (MORIN, 2011, p.14)

Efetivamente, o inteligente que somente conhece os fragmentos do mundo complexo ou sabe avaliá-lo unicamente em pedaços, “atrofia as possibilidades de compreensão e reflexão”, não sendo capaz de um julgamento corretivo a longo prazo. Isso significa dizer que “uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável”. Morin completa seu raciocínio apontando que os desenvolvimentos disciplinares das ciências trouxeram o inconveniente do “despedaçamento do saber”. Produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira (MORIN, 2011, p. 14-15).

⁹ Escola do Futuro: Uma ponte de significados na estrada da informação. Disponível em: <<http://www.namodemello.com.br/pdf/escritos/ensino/argentina2.pdf>>

Esta é uma crítica direcionada as escolas primárias Francesas, mas que cabe compararmos as instituições brasileiras, visto que também possuem currículo separado em especialidades. O complexo é reduzido ao simples e os saberes são fragmentados e com isso acaba por diluir tudo o que é “subjetivo”, “afetivo”, “livre”, “criador”.

Entretanto, os órgãos educacionais do Brasil começam a reformular este modelo de educação e atualmente ocorrem alguns processos de interdisciplinarização, como é o caso das escolas estaduais do Rio Grande do Sul, em que se encontram em vias de transição para se tornarem escolas politécnicas e passarão a ter em seu currículo base, não mais disciplinas, mas áreas de conhecimento, embora saibamos que na prática cada professor continua a gerenciar sua disciplina.

Sendo assim, para que se construa um conhecimento que reflita sobre o destino da humanidade, e ao mesmo tempo não ignore as conquistas da ciência, seria preciso uma “reforma de pensamento” referente a nossa aptidão e que permita ligar o conhecimento científico ao conhecimento humanístico. Essa é a proposta de Morin (1921; 2011), segundo ele o ensino não deveria separar essas duas “culturas” (a científica e a humanística), e precisa promover uma “cabeça bem feita” em lugar de uma “cabeça bem cheia”. Isso significa ensinar a “condição humana (começar a viver)” como também, “ensinar a enfrentar as incertezas (aprender a se tornar cidadão)”.

Uma cabeça bem cheia significa para o pensador uma cabeça que acumulou muito saber, mas não dispõe de um princípio que selecione, organize e de sentido a todo aquele conhecimento acumulado. Diferentemente para uma “cabeça bem feita” o mais importante não é empilhar conhecimento, mas dispor, ao mesmo tempo em que adquire o conhecimento, capacidade para tratar os problemas, bem como ter princípios organizadores que permitam conectar os saberes e lhes dar sentido (MORIN, 1992; 2011).

Contudo, essa reforma no pensamento precisaria ser realizada nos cursos preparatórios, ou seja, a educação escolar depende de um conjunto de ações que interligam profissionais de diferentes áreas e para alcançar tão grande proposição se faz necessário que os diferentes profissionais estejam aptos a orientar seus alunos para que não se tornem apenas “cabeças cheias”. Dessa forma, para o professor ter a capacidade de orientar seus alunos para ter uma “cabeça feita”, ele precisa ter recebido igualmente uma formação que não tenha o feito “cabeça cheia”.

Intelectualmente as disciplinas são justificáveis, contudo, como aponta o mesmo pensador, desde que preserve as ligações existentes entre elas e que não oculte a realidade global, por exemplo:

A noção de homem está fragmentada entre todas as disciplinas das ciências biológicas e entre todas as disciplinas das ciências humanas: a física é estudada por um lado, o cérebro, por outro, e o organismo por um terceiro, os genes e a cultura, etc. Esses múltiplos aspectos de uma realidade humana complexa só podem adquirir sentido se, em vez de ignorarem esta realidade, forem religados a ela. (MORIN, 1921; 2011, p.113)

Entretanto, o professor precisa trabalhar com a realidade que se faz presente e a partir das condições que são oferecidas, buscar o melhor possível. E é neste ponto que o professor se assemelha ao Caminhante, pois é ele que recebe a tarefa de unir, tecer diálogos entre as diferentes partes do todo, com o intuito de mostrar aos alunos que a vida não é feita em pedaços, ou seja, que o conhecimento é algo que se constitui da ligação das partes que leva a visualização de um todo complexo, mas que, se for analisado separadamente, não tem sentido.

Essa reflexão intenta refletir sobre a educação, buscando mostrar que, na opinião desta pesquisadora, uma educação de qualidade precisa que o conteúdo que é apresentado aos alunos faça sentido à eles. No que se refere a este trabalho, que o conteúdo sociológico apresentado aos alunos faça sentido aos estudantes.

A reformulação do ensino médio no Brasil, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, regulamentada em 1998 pelas Diretrizes do Conselho Nacional de Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, buscou atender a sabida necessidade de atualização da educação brasileira. A reformulação visava impulsionar a democratização social e cultural, ampliando a parcela de jovens a completar a educação básica bem como para dar respostas aos desafios que estavam sendo impostos pelos processos globais que acabou por excluir da vida econômica aqueles que não tivessem qualificação exigida pelos participantes do sistema de produção e de serviços (BRASIL, 2010).

Além disso, a crescente expansão do ensino médio tem exigido uma transformação de qualidade, para “adequar-se à promoção humana” de seu público atual, pois sendo etapa conclusiva da educação básica e não mais apenas uma etapa preparatória para outra etapa, desafia a comunidade educacional a superar as limitações do currículo anterior que tinha como premissa o domínio das disciplinas como requisito suficiente para dar continuidade aos estudos. A própria OCN aponta que essa natureza “estritamente propedêutica não era contestada ou questionada, mas é hoje inaceitável”.

A nova regulamentação para o ensino médio assumiu a responsabilidade de não mais apenas preparar para o ensino superior ou estritamente para o trabalho, mas, sim passa a ser o complemento da educação básica. Ou seja, “em qualquer de suas modalidades, isso significa preparar para a vida, qualificar para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente,

em eventual prosseguimento dos estudos ou diretamente no mundo do trabalho”, (BRASIL 2010, p.9).

Diante da proposta de mudança seria necessário adequar a escola para receber seu público atual, tornando-a capaz de promover a realização pessoal, a qualificação para um trabalho digno, para a participação social e política. Contudo, no cenário educacional brasileiro, as propostas são elaboradas e aos poucos a comunidade educacional é forçada a adaptar-se as novidades e este é um dos fatores que corroboram para a baixa qualidade educacional brasileira, pois os desafios são apresentados aos professores, mas nem sempre são fornecidas as condições para o desenvolvimento qualificado destes projetos.

Neste ponto podemos retomar a questão principal deste trabalho, o ensino de Sociologia. Cabe aqui chamarmos a atenção para o cenário de implantação da disciplina de Sociologia, que serve de exemplo para visualizarmos a realidade posta aos educadores e educandos, de modo geral.

O cerne de alguns problemas encontrados na sala de aula, figura um cenário anterior, ou seja, a universidade e seus modelos formativos. Vale rememorar que embora a Ciências Sociais tenha se estabelecido como disciplina da educação básica em 2008 ela sempre esteve presente, de uma maneira ou de outra, fazendo parte do contexto educacional brasileiro.

Dessa forma, entre os anos 1930 e 1940, o modelo de formação de professores de Ciências Sociais e/ou Sociologia era conhecido como 3+1, isso porque primeiro o aluno se formava em Bacharel depois complementava a formação para ter o diploma de Licenciado. Essa complementaridade acontecia nos cursos de Pedagogia, sendo que esse modelo continua a vigorar nas universidades brasileiras ainda hoje, tendo em vista que as disciplinas pedagógicas continuam sobre a responsabilidade dos centros de educação (PEREIRA, 1999; HANDFAS, 2009).

Entretanto, cabe salientar aqui que este modelo tem raízes no início da criação das licenciaturas, no final dos anos de 1930, sendo que nesse modelo formativo a formação do bacharelado seria complementada por alguma formação pedagógica de mais um ano, por vezes um ano e meio. Contudo é importante sabermos que nesse momento não havia Faculdades de Educação, que só foram criadas coma Reforma Universitária de 1968.

Todavia, esse modelo (3+1) não é o único a vigorar nas universidades brasileiras atualmente. Ao verificarmos, alguns Projetos Político Pedagógico, de licenciaturas em Sociologia e/ou Ciências Sociais de determinadas universidades, principalmente aquelas criadas a partir de 2008, verifica-se a iniciativa das instituições de ensino superior em trazer

para os departamentos de Ciências Sociais as disciplinas que fornecem a complementaridade à formação do profissional Licenciado, que antes era feita nos cursos de pedagogia.

Contudo é importante estar ciente de que, o modelo 3+1 não se extinguiu por completo, visto que, embora a complementaridade, ou seja, as disciplinas pedagógicas da Licenciatura em Ciências Sociais estejam sendo oferecidas no próprio departamento de Ciências Sociais, ainda persiste o fato de que é o professor do Departamento de Educação que ministra grande parte dessas disciplinas, salvo algumas exceções, como é o caso da Licenciatura em Ciências Sociais da UFSM, que oferece as disciplinas de Antropologia da Educação, Sociologia da Educação e Ciências Sociais para o Ensino Médio, ministradas por professores do próprio departamento, com formação específica nas Ciências Sociais.¹⁰

Esta informação é confirmada pelos próprios alunos do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria:

Das disciplinas didático-pedagógicas, duas são ministradas por professores do nosso departamento: Antropologia da Educação (Ceres) e Sociologia da Educação (Soares), as demais são ministradas por professores do CE (Centro de Educação), inclusive os estágios... são todas realizadas nos nossos prédios. (ALUNO N - UFSM, 2014)¹¹

Esses dados nos mostram que existe um movimento em busca de uma renovação curricular. Como aponta (HANDFAS, 2009, p. 189):

Atualmente os cursos de Ciências Sociais das universidades federais oferecem três modelos distintos de formação do professor de Sociologia. Um primeiro modelo conhecido por 3+1, que oferece um percurso por meio do qual o aluno deve cursar o bacharelado em seu instituto de origem para, a partir do 5º período cursar as disciplinas pedagógicas na Faculdade de Educação, conferindo-lhe ao final o diploma de licenciado em Ciências Sociais; um segundo modelo, que integra no mesmo curso o bacharelado e a licenciatura, devendo o aluno, a partir de sua escolha, integralizar seu currículo com as disciplinas necessárias para cada um deles; e um terceiro modelo, que dispõe de dois cursos distintos o bacharelado em Ciências Sociais e a licenciatura em Ciências Sociais.

Tendo em vista a polêmica em torno do binômio ser professor/ser pesquisador, o principal alvo de questionamentos fica por conta do terceiro modelo elencado, quais sejam, àquelas universidades que oferecem cursos de bacharelado e licenciatura separadamente. O argumento principal de que essa separação acarretaria uma dicotomia entre pesquisa e ensino, precarizando a formação do professor, na

¹⁰ Essas informações são fruto de um breve levantamento que fiz, nos sites de algumas universidades, as principais foram: UFSM, UFRG, UFPEL, UFPR, por configurarem a região sul, âmbito onde desenvolvo este trabalho. Verifiquei a partir de observar a grade curricular e os projetos políticos pedagógicos, que as disciplinas pedagógicas que antes eram oferecidas pelos Departamentos de Educação, hoje estão sendo ofertadas no próprio Departamento do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, no entanto entrei em contato com alguns conhecidos destas universidades e a informação que me repassaram é que algumas disciplinas, principalmente as de estágios, continuam sendo lecionadas por um professor do Departamento de Educação.

¹¹ Aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais UFSM.

medida em que a separação dos dois percursos expressaria uma valorização do bacharelado em detrimento a licenciatura.

Em vista disso, surge outra questão pertinente, pois embora aja um movimento para trazer as disciplinas pedagógicas para os departamentos de Ciências Sociais, para serem ministrada por profissionais locados no próprio departamento e com formação nas Ciências Sociais, ainda assim a problemática não se extingue, visto que não há garantias de que esses profissionais tenham recebido alguma formação pedagógica que lhes garanta conhecimento sobre as práticas educacionais na escola básica. Dessa forma, o que de veres merece uma reflexão mais profunda, são as questões pedagógicas que envolvem a formação do licenciado em Ciências Sociais. Seja ela realizada nos Departamentos dos Cursos de Educação ou no próprio Departamento de Ciências Sociais, o que precisa ser avaliado cuidadosamente, são as relação estabelecida entre o profissional designado para trabalhar as disciplinas pedagógicas do curso e o modo como este orienta e trabalha as questões pedagógicas específicas das Ciências Sociais com os licenciandos em Ciências Sociais ou Sociologia.

Outro ponto que coloca em risco a qualidade pedagógica da formação do professor Licenciado em Ciências Sociais e merece ser repensado é o fato de que os alunos dos cursos de Licenciatura entram em contato com a realidade escolar, frequentemente nos momentos finais do curso, com os estágios obrigatórios e de maneira pouco integrada com a teoria (OLIVEIRA; BARBOSA, 2013).

Ao entrarem em contato com a realidade escolar, somente nos momentos finais da graduação, põe os graduandos em uma situação desconfortável, muitos deles acabam se sentindo inseguros quando se torna necessário assumir uma turma. Essas conclusões não são meras convicções pessoais, são fruto de relatos de estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais. Alguns permitiram que eu os acompanhassem em suas experiências em sala de aula e infelizmente foi unanime, entre os alunos, os quais acompanhei, os relatos de que a orientação que receberam em sala de aula, “deixou a desejar”. Suas queixas eram de que, o que aprenderam na graduação, não os preparou suficientemente para encararem a realidade do ensino na prática.¹²

Uma das explicações para os protestos dos alunos dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais pode estar ligado ao fato de que este se consolidou “pelo viés da pesquisa e

¹² Desde de 2011 tenho conversado, informalmente com alunos de diferentes universidades, as oportunidades de conversa se dão em encontros estudantis, bem como através das redes sociais. As colocações se assemelham em grande parte nos meus pontos. Dessa forma para este trabalho utilizou depoimentos apenas dos estudantes da própria UFSM, mas que refletem os anseios da maioria dos estudantes do país. Vale salientar que o período desta pesquisa limitou-se aos anos de 2011 a 2013.

não do ensino”. Embora a introdução da Sociologia no Brasil tenha se dado pelo próprio ingresso da Sociologia na escola secundária o propósito não era pedagógico, mas sim a formação de uma nova elite.

(...) os objetivos principais dos fundadores dos cursos de Ciências Sociais da USP e da ELSP não eram a formação de professores e sim a formação de novos líderes políticos, que iriam ocupar altos escalões do estado e contribuir para intervir na vida política do país. Essas duas escolas de certo modo exerceram forte influência na maneira de ensinar sociologia tendo em vista que, grande parte dos primeiros professores de Ciências Sociais do país foram formados nestas duas faculdades, (FREITAS, 2013, p.113).

De acordo com Meucci (2000, p.82-83), as elites paulistas em reação a derrota na Revolução Constitucionalista de 1932, em que o governo federal vence São Paulo, articularam a fundação da Universidade de São Paulo (USP). Para os membros dessa elite a instituição universitária “representaria um novo modo de conquistar a hegemonia nacional diante do fracasso das armas”. Isso fica claro na voz de um dos fundadores da USP quanto ao objetivo da mesma: “o preparo de homens capazes de dar um novo destino ao país”.¹³

Mesmo assim, a formação de professores tem sido pauta de diversos embates entre intelectuais desde o século XIX, desde a criação das chamadas escolas normais e, contudo é um tema negligenciado historicamente. No caso das Ciências Sociais a negligência para com os cursos de formação de professores também se liga a intermitência da Sociologia nos currículos escolares (MORAES, 2003).

Todavia, a reintrodução da Sociologia no currículo da educação básica foi um fator relevante para que as Ciências Sociais percebessem a necessidade de, também, debater sobre os modelos formativos de professores. Compreende-se que para suprir a falta de profissionais, muitos cursos de formação de professores em Sociologia ou Ciências Sociais foram criados, entretanto, esses novos cursos possuem uma estrutura curricular semelhante ao modelo 3+1, já que a formação específica pedagógica, embora seja oferecida dentro dos departamentos de Ciências Sociais, permanece, em partes, a cargo das faculdades de Educação, como já apontado anteriormente. Estas cedem professores aos Departamentos de Ciências Sociais e esses professores ficam responsáveis, principalmente, pelas disciplinas de estágios e Didática, que são fundamentais para o Licenciando aprender a reelaborar a teoria

¹³ Lévi-strauss em sua obra *Os Tristes Trópicos*, aponta para o fato de que a Universidade de S. Paulo iria permitir a “ascensão”, de uma classe “modesta”, através da “obtenção de diplomas” e que o trabalho dele e dos demais estrangeiros que contribuíram para a criação da Universidade de São Paulo, “contribuiu para a constituição de uma nova elite” e que era essa a criação mais preciosa deles, “apesar de ela se entregar à tarefa de desmontar o feudalidade”.

aprendida no decorrer da sua formação, em uma linguagem acessível aos alunos de nível médio.

Este modelo formativo deixa lacunas graves na formação dos professores na medida em que, segundo os próprios Licenciandos, “não prepara pedagogicamente” o Sociólogo, o Antropólogo ou o Cientista Político para dar aula. A dimensão disciplinar nas Ciências Sociais certamente impõe muitos desafios para o aprendiz, pois adquirir na formação espontaneidade com reflexividade é uma tarefa nem sempre compatível com o conhecimento adquirido. Pois o processo de desenvolvimento dessas habilidades necessita que o Licenciado adquira conhecimento do trabalho, no campo em que irá atuar com um nível de antecedência que proporcione ao mesmo um pouco mais de segurança.

Porém o que se tem é uma preparação bacharelesca com cadeiras pedagógicas ministrada por profissionais que não tiveram formação teórica em Ciências Sociais e que acabam não orientando os graduandos em relação a transformação de um conteúdo, que é específico das Ciências Sociais, em um conteúdo plausível de ser apresentado aos alunos do ensino médio.¹⁴

A professora Adriana Maria Simião da Silva da Universidade Regional do Cariri (URCA) ao analisar a problemática da formação docente na URCA, se questiona:

Até que ponto a ênfase teórico-metodológica de formação do Cientista Social enquanto pesquisador pode ser adaptado ao contexto de formação do professor pesquisador? Considerando que as disciplinas de Prática de Pesquisa em Ciências Sociais estão voltadas para a formação do pesquisador enquanto bacharel, não se percebe nessas disciplinas um olhar teórico metodológico enfocando a pesquisa em educação, assim como na escola enquanto instituição social, ou como pontua Rui Canário (2005) – “um olhar sociológico da escola”, ou mesmo um enfoque de investigação voltada para a sociologia da educação nos seus diversos aspectos. (SILVA, 2013, p.275).

O que acontece, segundo a Professora Adriana, é uma adaptação nas disciplinas de estágios, visando englobar a perspectiva da pesquisa sobre o ensino. Entretanto, o resultado “é um distanciamento entre teoria e prática”.

Este distanciamento entre a prática e a teoria, aprendida em sala de aula, está diretamente ligado ao pouco contato dos alunos com a realidade escolar durante a sua formação docente, bem como, com a dicotomia existente na formação de professores no

¹⁴ Estas colocações foram apontadas diversas vezes por professores da rede pública e alunos do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFSM. De acordo com os mesmos, as salas de aula em que terão que trabalhar não é a mesma para a qual foram preparados, muitos acreditam que os professores que estão dando aula nos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais “nunca devem ter pisado em uma sala de aula de uma escola básica”.

Brasil, historicamente pensada em oposição ao universo de pesquisa. O que se tem é a ideia de que para ser professor não precisa ser pesquisador, um grande engano (HANDFAS, 2009).

Outro aluno da Licenciatura em Ciências Sociais da UFSM aponta que, em sua opinião:

Nenhum curso de licenciatura acaba de fato nos preparando para a docência, focamos muito mais nos aprendizados teóricos e técnicos do que nas práticas educativas, talvez pelo fato de como esteja estruturado os departamentos dentro da universidade. Por exemplo, percebi durante esses anos de graduação a dificuldade dos professores do centro de educação em relacionar a educação com as Ciências Sociais, e também percebo a dificuldade dos nossos professores em relacionar as Ciências Sociais com a Educação. Quando tive a oportunidade de assumir pela primeira vez uma turma, não me senti preparada num primeiro momento e tranquei o estágio IV.

O conhecimento que adquirimos na universidade é extremamente positivo e de grande valia, mas no caso das ciências sociais, é complexo conseguir de primeira, uma transposição positiva. Mesmo estando em um curso de licenciatura, que é recente por sinal, ficamos muito habituados a escrita e falas acadêmicas, com palavras muitas complexas. Então ao nos depararmos no Ensino Médio, percebemos que os alunos não sabem o que significa, por exemplo, coesão. (ALUNO X - UFSM, 2014)

A dificuldade encontrada pelos alunos no momento em que precisam sair para o estágio curricular vincula-se também ao fato de que os conteúdos trabalhados pelos alunos durante a graduação não são pensados de maneira a alcançar o entendimento dos alunos de nível médio, essa é uma tarefa que o aluno, no estágio, precisa aprender sozinho.

a maioria de nossos professores do curso tem dificuldade em nos mostrar como poderíamos fazer com que esses conteúdos possam vir a ser menos complexos, principalmente pela formação deles, ou seja, bacharelado. Cabendo então a nós, alunos, nos estágios curriculares, pensar em algo. (ALUNO X - UFSM, 2014)

O que a gente aprende na universidade é muito amplo e na hora de dar aula precisamos filtrar os conteúdos e fazer diversas conexões com a realidade em que vivemos e principalmente à realidade em que os alunos vivem. Creio que o professor só aprende na prática a ser professor e também a como abordar os conteúdos, só ler não é suficiente. O nosso curso é bastante rigoroso quanto a conteúdo, resta-nos aprender como repassá-los aos estudantes. (ALUNO Y - UFSM, 2014)

Não há uma fórmula perfeita, como se viu, existem muitas lacunas a serem preenchidas, logo muitos desafios a serem alcançados. Na opinião dos Licenciandos é preciso: “primeiramente aprendermos a valorizar a educação e a licenciatura, que é algo que não se vê no departamento das Ciências Sociais. A partir disso, cobrar então que os professores relacionem mais as Ciências Sociais com a educação”.¹⁵

¹⁵ Aluno Z, 2014

Entretanto nem tudo é pessimismo e os próprios alunos se mostram otimistas com as mudanças que estão por vir.

“Apesar dos pesares, acho que com a nova grade curricular que inicia a partir das próximas turmas, algumas coisas irão mudar, como por exemplo, a ideia de que o licenciado não precisa aprender estatística. Creio que precisamos sim, pois, como mostrar aos alunos, por exemplo, a praticidade do cientista social sendo que minha formação não incluiu isso? Acredito também, que precisa ter mais disciplinas relacionadas a educação como educação e gênero. As disciplinas relacionadas a educação para mim sempre deixaram a desejar, mas isso é por causa de como está estruturada os departamentos da universidade. (ALUNO Z, 2014)

Oliveira e Barbosa (2013) enfatizam que nessa fase de reinserção da Sociologia, marcada pela inexistência de uma memória sobre as práticas, experiências e material didático para o ensino desta disciplina, é de fundamental importância a existência de programas como o projeto de incentivo a docência (PIBID), pois o PIBID é uma das alternativas para colocar os alunos em contato com o universo a qual trabalharão. O programa visa estabelecer uma relação mais Horizontal entre os diferentes participantes desse processo formativo (alunos, professores, estagiários, a escola etc.).

De acordo com os autores, citado acima, as atividades desenvolvidas pelo PIBID permitem, aos graduandos incorporarem elementos essenciais para sua identidade profissional, pois ela se constitui através das experiências vivenciadas pelo profissional e o seu espaço de trabalho. O PIBID ao colocar o aluno vivenciando o dia-a-dia escolar, proporciona essa interação ao futuro professor, além de possibilitar uma aproximação mais enfática dos cursos de Ciências Sociais com a realidade da Educação Básica.

O que podemos considerar é que a Sociologia pode se tornar uma disciplina atrativa aos alunos, mas para que isso seja possível, não basta um professor e uma teoria, mas uma boa formação é imprescindível, pois atualmente os professores têm aprendido a serem professores com a experiência, no dia a dia da sala de aula.

Sendo assim, a seguir, apresentarei a minha experiência em sala de aula, como pesquisadora. Vale salientar que entre muitas possibilidades de enfoque optei por valorizar o lado positivo do trabalho docente, pois nos encontramos em um momento de construção de um conhecimento acessível e inteligível a faixa etária dos estudantes do ensino básico.

Ao perceber que existiam mais dúvidas do que certezas, quanto ao que ensinar e como ensinar Sociologia de uma forma que fizesse sentido aos alunos do ensino médio, bem como ficou visível que grande parte dos professores da escola básica em Santa Maria,

estavam bastante inseguros ao apontar qual o papel que a Sociologia realmente desempenhará na vida dos educandos.

Em virtude disso e tendo em vista que o campo forneceu elementos que permitiram que fosse construída uma reflexão positiva em relação ao ensino de Sociologia, apresentarei aqui neste trabalho o resultado de um campo que serve de base para pensarmos muitas das questões que ainda estão pendentes em relação ao ensino de Sociologia. Isso significa dizer que, tendo em vista todas as problemáticas vivenciadas pelos estudantes e professores, em relação ao ensino de Sociologia, tanto relacionadas a estrutura física e pessoal que envolve a efetivação da disciplina, como também todos em função dos elementos que abrangem a formação do professor, o que observei apontou para uma direção positiva.

Embora, as informações deliberadas por professores da rede pública de Santa Maria e alunos do Curso de Licenciatura-UFSM indicassem que encontraríamos uma aula de Sociologia com carência de sentido, com pouca significação para os adolescentes, para os estudantes, não foi o que observei, e convido a todos para que a partir das informações que apresento, façam sua própria consideração sobre as possibilidades da sociologia na prática, pois no próximo capítulo começo a apresentar aquilo que vi.

CAPÍTULO II

2 O CAMINHO PERCORRIDO

2.1 IEEOB e as primeiras observações

De acordo com as informações obtidas a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Santa Maria conta com uma área de 1.788,129 Km² (mil setecentos e oitenta e oito vírgula cento e vinte nove quilômetros quadrados) ocupando, assim, o posto de 34º (trigésimo quarto) maior município do Estado. Santa Maria é conhecida por Cidade Universitária, pois o município conta com 7 Instituições de Ensino Superior, além da Reitoria do Instituto Federal Farroupilha (IFF) e 9 polos de Ensino à Distância (EAD).

A população estimada para Santa Maria em 2014 é de 274,838 mil habitantes, sendo que no ano de 2010 havia uma população de 261.031 mil habitantes no município (IBGE, 2010).¹⁶

Outro ponto importante à destacar é que conforme o senso escolar 2011 há 39 escolas estaduais no município juntamente com 73 escolas municipais e 43 particulares, totalizando 157 escolas dentro do município de Santa Maria. Diante disso era inviável o acesso a todas as instituições de ensino e por este motivo optamos por eleger uma escola pública para a realização deste trabalho e de fácil acesso, que permitisse a nossa inserção no âmbito da mesma.

Foi assim que em 2011 em virtude do projeto *Como os Sociólogos se Tornam Professores*, do qual esta pesquisadora fez parte como bolsista, que decidi buscar entre as instituições de ensino uma que permitisse a presença de um pesquisador em sala de aula.

No primeiro semestre de 2011 foi um momento de visitas a algumas escolas do Município. O propósito naquele momento era acompanhar as aulas de Sociologia em pelo menos uma escola em Santa Maria, não havia naquele momento preferência por uma escola em específico, por isso as escolas em que o acesso ao local era mais fácil foram as escolhidas.

¹⁶ Todas essas informações foram retiradas do site do IBGE: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> acesso 1 out.2014

No primeiro semestre do ano de 2011, procurei informações sobre o andamento da Sociologia nas escolas em Santa Maria, contudo não havia material disponível sobre o assunto. As informações que tínhamos eram as que os bolsistas do projeto *Como os Sociólogos se Tornam Professores*, haviam levantado até aquele momento. Diante disso, fiz um levantamento geral na internet, dos temas mais debatidos em relação à inserção da Sociologia no ensino médio.¹⁷ Também, visitei algumas escolas apresentando o projeto¹⁸ e as nossas intenções para aquele momento da pesquisa.

O projeto - *Como os Sociólogos se Tornam Professores?*- é um projeto de extensão que objetivou construir uma sugestão de programa para a disciplina de Sociologia no Ensino Médio, a partir do diálogo entre comunidade acadêmica, escolar e demais segmentos da sociedade de Santa Maria e região, buscando conhecer os diferentes significados construídos acerca do ensino de Sociologia na escola. A primeira etapa deste projeto foi realizada entre 2007 - 2010 tendo continuidade no ano de 2011.

Nesta segunda etapa em 2011, começamos a realizar etnografia em sala de aula, na qual foi observado as aulas de duas escolas públicas de Santa Maria/RS. Com essa observação foi possível estabelecer um diálogo com alunos e professores da rede pública do Município de Santa Maria, bem como com estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e com isso debater algumas questões pertinentes a sociologia no ensino médio e à referida pesquisa.

As primeiras tentativas de inserção em sala de aula não tiveram muito sucesso. A pesquisa objetivava acompanhar as aulas de Sociologia e essa tarefa era bastante desafiadora e enriqueceria o trabalho, pois proporcionaria uma proximidade, uma convivência prolongada no universo do grupo pesquisado. A finalidade era realizar uma etnografia em sala de aula, estar perto dos sujeitos pesquisados, pois uma “a abordagem etnográfica se constrói tomando como base a ideia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referencia o contexto social onde eles atuam” (VICTORA et. al., 2000, p.53).

O trabalho de campo segundo Clifford Geertz (2002) além da experiência de “estar lá” tem a característica de ser uma escrita que subentende a presença do pesquisador em um

¹⁷ Procurei em diversos sites, blogs, quais era os assuntos comentados em relação às experiências de professores com o ensino de Sociologia no Ensino médio. O que pude perceber é que havia inúmeros comentários relatando que os alunos se interessavam por temas antropológicos e por temas relacionados a política de modo geral.

¹⁸ “Este projeto se propôs a elaborar uma proposta de programa para a disciplina de Sociologia no âmbito do município de Santa Maria, a partir de uma análise das práticas escolares observadas nas escolas de ensino médio do município. Justifica-se pela urgência e pertinência de efetuar uma discussão envolvendo, professores estaduais e de escolas privadas, a Secretaria de Educação, professores e funcionários da UFSM, partindo das reflexões e inquietações conjuntas dos acadêmicos de Sociologia em processo de construção de suas identidades docentes”, (PROLICEN, 2011).

lugar e num determinado tempo. O desafio do pesquisador é “descobrir onde se situar num texto do qual, ao mesmo tempo, espera-se que seja uma visão íntima e uma avaliação fria” (GEERTZ, 2002, p. 22). Essa avaliação fria, como aponta Damatta (1978), exige uma dupla tarefa que é transformar o exótico em familiar bem como transformar aquilo que nos é familiar em exótico.

Isso denota que num primeiro momento o pesquisador precisa se esforçar pra compreender os enigmas sociais situados em universos de significação que não seja o do pesquisador. Contudo o trabalho de estranhar o familiar também requer um grande esforço por parte do pesquisador que precisa descobrir o exótico que está escondido dentro de si.

Dessa forma a pesquisa tomou como base os pressupostos de que uma abordagem etnográfica está no esforço intelectual do pesquisador na elaboração de uma descrição. Significa dizer que o trabalho do pesquisador se reconhece no empenho feito por ele em apresentar as minúcias do ambiente pesquisado, pois é através desse empenho em observar e detalhar o espaço de pesquisa que se define o trabalho etnográfico.

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia que pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de método. Segundo a opinião dos livros-texto, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilberto Ryle. (GEERTZ, 1926, 2008, p.4)

Portanto, é das informações retiradas do campo, através do olhar atento sobre o grupo, da busca pela compreensão dos sinais, das atitudes, e o entendimento do comportamento da turma, associado com a teoria que se constituirá as ponderações desta experiência. Sabendo que uma pesquisa consiste em um processo metódico de investigação em busca de respostas, ou seja, resultados relevantes para o interesse social. Nesse sentido foi que o trabalho se propôs a responder, a partir da vivência junto aos alunos nas aulas de Sociologia na IEEOB: *Para que serve a Sociologia no ensino médio?*

Além do mais, a busca por uma objetividade na observação e principalmente no desenvolvimento de uma etnografia exige que o pesquisador esteja atento “ao olhar, ouvir e escrever”, pois, segundo Cardoso de Oliveira (2000), é preciso olhar com cuidado a realidade social pesquisada, e um estudo prévio sobre o tema, é apontado por ele, como o primeiro passo para que haja uma descrição densa do objeto pesquisado.

Como aponta Foote Whyte (2005, p.320) em sua obra *Sociedade de esquina*.

A observação participante implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para "negociar" sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar ulterior da pesquisa. O tempo é também um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos: para se compreender a evolução do comportamento de pessoas e de grupos é necessário observá-los por um longo período e não num único momento.

Sendo assim o método etnográfico se mostrou ser o mais propício para o a realização deste trabalho, tendo em vista que somente convivendo com a turma seria possível compreender o processo de aprendizagem e de construção de conhecimento, bem como apontar as relação desenvolvida pelos aluno com a disciplina de Sociologia.

Segundo Eckert, (2008, p.2), o método etnográfico:

“é base na qual se apoia o edifício de formação de um antropólogo. A pesquisa etnográfica constituindo-se do exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio dos quais a realidade investigada se apresenta.”

A observação é para a autora o exercício de olhar o outro para conhecê-lo e ao fazermos isso estamos, também, buscando nos reconhecer. O difícil trabalho do antropólogo de entender o universo pesquisado se baseia na observação participante como parte imprescindível do método etnográfico. Todavia as questões éticas que permeiam esse contexto não se fazem menos importante.

Para este trabalho, num primeiro momento optou-se por não apresentar a identidade da escola pesquisada, devido ao fato de que muitas informações teriam que ser omitidas para não expor os sujeitos pesquisados. Vale resaltar que as aspirações iniciais, desta pesquisadora fixavam em compreender como estava sendo o processo de adaptação do Sociólogo como professor.

Contudo, após a nossa entrada em campo, ou seja, a partir da inserção em sala de aula, os fatos foram direcionando o olhar para outras questões e com isso se fez necessário expandir as observações e as inferências. Assim, aos poucos redirecionamos as observações em função de captar as lógicas e práticas através das quais os alunos estavam apresentando suas considerações sobre a Sociologia.

Para o (a) etnógrafo (a) “entrar em campo” significa tanto a permissão do “nativo” para que ele disponha de seu sistema de crenças e de práticas como objeto – tema de produção de conhecimento em antropologia, quanto o momento propriamente dito em que o (a) antropólogo (a) adquire a confiança do (a) nativo (a) e de seu grupo, os quais passam a aceitar se deixar observar pelo(o) etnógrafo (a) que passa, por sua vez, a participar de suas vidas cotidianas. ECKER (2008, P.5)

Posterior a este primeiro contato inicia-se o exercício de estranhamento e de desnaturalização da realidade que imaginávamos. Dessa forma, começa o trabalho de investigação e análise, pois como aponta Clarice Cohn (2005, p.50), “quanto mais óbvio parecer o que se vê e ouve, mais se deve desconfiar e buscar desatar as tramas. Porque não há imagem produzida (...) que não seja de algum modo, produto de um contexto sociocultural e histórico específico, do qual o antropólogo deve se dar conta”.

Embora a escola e os processos educacionais sejam assuntos que sempre fizeram parte do engajamento intelectual de cientistas sociais, no que se refere ao debate educacional principalmente na primeira metade do século XX, é notório que há um afastamento a partir dos anos de 1960 nas discussões referentes aos processos educacionais pelas ciências sociais, com uma tímida reaproximação a partir dos anos de 1980, como atesta a criação do grupo de trabalho (GT): “Educação e Sociedade” em 1987, no ANPOCS¹⁹.

Contudo ainda são tímidas as inserções neste campo, por parte de pesquisadores cientistas social. No que se refere a observações de longo prazo, não encontrei nenhuma referencia e por este motivo a insegurança em estar pisando um campo desconhecido se fizera presente, ainda mais pelo fato de que o campo surgiu na minha vida eu não havia planejado ir até ele, até então.

Entretanto, de acordo com Eckert (2008) os constrangimentos enfrentados no processo de pesquisa, vão sendo superados pela definição cada vez mais concreta da linha temática a ser colocada como objetivo da comunicação. Desta forma, aos poucos, foi sendo criada a condição que possibilitou transformar essa singular experiência que era estar em meio aos alunos assistindo aulas de Sociologia, em uma pesquisa e com isso estar contribuindo com as discussões referentes aos processos educacionais ligados as ciências sociais, que aos poucos tem ganhado espaços importantes no cenário intelectual brasileiro.

Neste sentido, os resultados foram obtidos, como já apontando anteriormente, através do método etnográfico, com utilização e registro no diário de campo, conversas em grupo com os alunos, conversa com a professora, além de informações obtidas em diálogos fora do

¹⁹ Informações e trabalhos apresentados no evento estão disponíveis no site:
<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=479%3Aanais-do-encontro-gt&catid=1059%3A12o-encontro&Itemid=370>

contexto escolar. Esses procedimentos auxiliaram esta pesquisadora na busca pelo estranhamento e desnaturalização da sala de aula e de seu cotidiano, num processo de transformação do exótico em familiar e o familiar em exótico (Damatta, 1978, p. 28).

Afirmado com a direção da escola, a pesquisa não pôde envolver os demais professores e a Instituição escolar de forma geral, se restringiu as aulas de Sociologia, sendo que o professor, no caso a Professora Mara e os alunos da turma quem decidiram sobre suas identificações. Neste caso, foi necessário deixar fora da escrita acontecimentos importantes, mas que não prejudicaram a reflexão do problema proposto.

Foi gradativamente que compreendi o que Eckert (2008), quis dizer ao colocar que os lugares não são neutros de sentido e que cada acontecimento está vinculado ao contexto social em que ação humana é desenvolvida. Vale saber que das cinco Instituições de Ensino procuradas por mim para a realização das observações, apenas duas permitiram o meu contato com os professores e alunos. As demais não permitiram a minha inserção dentro da escola, alegando que os alunos eram menores de idade e não seria possível a permanência de estranhos no interior da escola, também declararam que os professores poderiam se sentir constrangidos com a permanência de outro profissional “avaliando” seu trabalho.

Pude perceber no discurso dos representantes das escolas que me receberam, que suas opiniões a respeito da presença de um pesquisador dentro da escola eram muito próximas, isso por que majoritariamente ao negarem a minha “presença” junto as turmas de alunos da Instituição, valiam-se do mesmo discurso. Contudo, no processo de busca por informações sobre o andamento do ensino de Sociologia em Santa Maria, tive a oportunidade de contatar alguns professores dessas mesmas instituições que se recusaram a me acolher como pesquisadora, e esses professores, ao saberem que eu já havia procurado por eles na escola em que trabalhavam, se mostraram surpresos pelo fato da direção não ter repassado a proposta das observações à eles, tomando a decisão sem os consultar.

Também não concordaram com os argumentos utilizados pelas direções para não autorizar minha presença em sala de aula. O contato com esses professores, não se deram, portanto, através das suas respectivas escolas, consegui acessá-los através de amigos e conhecidos.

Estes primeiros passos em busca de espaço dentro de um campo desconhecido, me apresentaram muitas incertezas e de certa forma um pouco de medo quanto ao que eu

descobriria. Diante disso as identidades dos alunos e a identificação das escolas contatadas foram mantidas em sigilo.²⁰

Como se aproximava o fim do primeiro semestre letivo eu comecei efetivamente a observar as aulas de Sociologia da professora Mara, somente no segundo semestre de 2011, mais especificamente no dia 11 de agosto de 2011.²¹ Até começar oficialmente as observações nas aulas, organizei as questões burocráticas, como carta de apresentação. Também foi solicitado pela direção da escola que eu aguardasse a reunião de professores que avaliaria se eu podia fazer as observações.

Embora a professora Mara não se opusesse a direção da IEEOB, ponderou que era preciso saber a opinião dos demais professores. Não participei desta reunião, mas a Professora Mara relatou que não houve discordância, desde que a minha pesquisa se limitasse a sala dela.

Foi a partir da iniciativa de buscar escolas e professores que consentissem acompanhar suas aulas, que surgiu a vontade pessoal desta Cientista Social em escutar a opinião dos próprios alunos e verificar a partir do que eles estavam refletindo em sala de aula, o que a Sociologia tem a oferecer, ou seja, para que serve essa disciplina escolar na formação dos sujeitos. Após um semestre de observações tanto na IEEOB, quanto em outra escola, surgiu em mim a vontade de permanecer em sala de aula, porém essa seria uma decisão da Professora e dos seus alunos e isso foi concedido a mim na IEEOB.

Quanto a outra escola, foi de grande valia para pensar a responsabilidade do professor frente ao que ele está orientando, pois o responsável pela disciplina era formado em História e Direito e ficou visível a sua falta de compreensão quanto aos termos Sociológicos. Sendo que em muitas ocasiões as discussões tinham certo teor de preconceito, pois a ideologia pessoal do mesmo era ponto de referência para suas argumentações e ponderações.

Dessa forma, para este trabalho dissertativo, elegi elementos encontrados na sala de aula que convergem para a construção de um debate entorno do papel da Sociologia enquanto disciplina escolar.

Para tanto, também foram utilizadas as informações relativas ao histórico da escola IEEOB, extraídas do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Regimento Escolar (2012) bem como de fonte secundária, a partir do relatório de estágio da professora Janice Armanini

²⁰ O resultado desse primeiro ano de observação encontra-se em: “Como os Sociólogos se tornam professores”: da implantação dos cursos de Licenciatura em Sociologia na Universidade Federal de Santa Maria e seus Impasses BRUM, Ceres. K. ; PERURENA, Fátima C. V. ; OLIVEIRA, Rúbia. M. In: **O Ensino de Sociologia no RS: repensando o lugar da Sociologia**. Porto Alegre, LAVIECS, 2013.

²¹ A identificação da Instituição de Ensino Olavo Bilac foi concedida, mas com ressalvas, já mencionadas no corpo do texto. Além disso, foi a instituição que concedeu permissão para que avaliássemos o andamento da turma no decorrer dos três anos letivos que conferem ao Ensino Médio. Por conta disso é referente a esta experiência de três anos juntamente com os alunos e a professora de Sociologia que este trabalho se refere.

Cezimbra que cedeu sua produção para consulta. Outras informações foram extraídas do acervo histórico da escola.

Dados mais detalhados em relação a estrutura física da instituição podem ser encontradas na dissertação de mestrado intitulada: *Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac- Contextualização e Caracterização com os Institutos de Educação no interior gaúcho*, da aluna Luiza Segabinazzi Pacheco, defendida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM em 2011. As demais descrições e caracterização da escola são fruto das observações feitas no local juntamente com informações obtidas em conversas com a professora e com os alunos.

O Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac (IEEO) está localizado na rua Conde de Porto Alegre nº. 655, bairro Centro, Santa Maria, Rio Grande do Sul. O mesmo foi fundado em 20/09/1901, no governo de Borges de Medeiros, com o nome de Colégio Distrital. Na escola, durante o dia, a rua é calma, mas no período noturno há uma falta de iluminação tornando ambiente propício para assaltos de alunos, professores e demais transeuntes no local.²²

No primeiro momento de sua fundação o Instituto contava com professores que ministravam o ensino elementar e complementar. Com a reforma do ensino público, em 1906, houve o término do Colégio Distrital sendo transformado em Escola Complementar e mais tarde em Colégio Estadual. Em 1929 foi novamente implementado o curso complementar, que durante 10 anos esteve desativado na escola.

Em 30/07/1938 foi inaugurado o atual prédio da escola. Em 1941, foram criados os cursos ginásial e normal, primário e pré-primário. É neste momento que surge então a Escola Normal Olavo Bilac. Neste mesmo ano, foi construída a quadra de educação física ao lado do prédio principal.

Em 1945 foi criado o curso noturno que teve sua primeira turma de normalistas da Escola Normal Olavo Bilac formadas em 1947. No cinquentenário da escola (1951) foi criado o curso científico.

Após uma intensa campanha da comunidade, a Escola Normal Olavo Bilac passou a denominar-se Instituto de Educação Olavo Bilac conforme Decreto nº 13419/62 de 17/04/1962 nos termos da lei nº 4246/61 de 23/12/1961. Em 2000, passou a chamar-se Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac (IEEOB). Segundo Cezimbra (2009) e Pacheco (2012), foi o primeiro Instituto de Educação criado no interior do Estado e é a primeira escola de Santa Maria em atividade, que completou seu centenário no ano de 2000.

²² Colocações de alunos e professores.

O Instituto está distribuído em três prédios de alvenaria que inicia na Rua Coronel Niederauer até a Rua Olavo Bilac. Contêm em sua totalidade 43 salas de aulas, 05 banheiros, 12 salas administrativas, sala do Acervo Histórico, sala de reprografia, 03 cozinhas, 02 refeitórios, laboratórios de Informática e de ciências, Sala de Artes, Sala para Orientação de Estágio, um sala para telefonista, 02 bibliotecas (uma para Ed. Infantil e Séries Iniciais, a outra acesso alunos do Ensino Fundamental – Séries Finais, Ensino Médio (EJA e Curso Normal), sala de vídeo, 01 salão de eventos e um salão menor para encontros e reuniões, mais 24 salas para atividades diversas tais como, arquivo, depósito, material, xerox, sala de reuniões, etc. A escola ainda possui 03 pátios.

A estrutura física da escola ocupa quase a quadra inteira onde a mesma esta situada. Logo na entrada principal, ao adentrar o portão é possível ver três quadras para jogos (futebol, vôlei e basquete). As quadras não são cobertas e possuem um aspecto envelhecido, por certo causado pela chuva e pelo sol. O piso das quadras é do mesmo material que cobre o pátio inteiro, uma espécie de cimento.

A escola ainda possui um grande auditório com palco e carpete azul, cortinas e camarins. O auditório é amplo e bem arejado embora assim como grande parte da estrutura escolar, encontra-se em processo de deterioração. Cupins nas partes de madeira, portas e janelas, pintura das paredes com sinais de sujeira e envelhecimento. É neste local que são feitas as formaturas, reuniões e a feira de ciência da escola. O espaço é amplo não contendo cadeiras fixas, mas sim cadeiras de plástico que facilitam a remoção do local quando necessário para outras atividades, este espaço localiza-se ao lado esquerdo das quadras de esportes.

Quanto ao prédio principal que compõe a estrutura destinada ao ensino médio, é um prédio antigo e com má conservação. É um edifício alto, espaçoso, as salas que frequentei eram bem ventiladas, com janelas amplas de abertura total, ventiladores no teto, não possuíam condicionadores de ar, nem recursos audiovisuais, tendo unicamente disponível ao professor, quadro negro e giz. As portas das salas de aulas, algumas se encontram sem maçaneta, as janelas, igualmente estão envelhecidas sendo que em alguns casos são fechadas com arames.

As salas de aulas, das turmas 101, 201, 301, as quais eu limitei as minhas observações, embora amplas e bem ventiladas, no que concerne ao caráter de infraestrutura deixava bastante a desejar, o recintos das aulas tinham um aspecto de mal cuidado, assoalho com partes solta colocando em risco até mesmo o bem estar dos alunos. Na sala de vídeo era possível encontrar a mesma situação, havia falta de manutenção, cadeiras e classes quebradas, com parafusos soltos.

O ensino médio regular, foco específico das observações, foi criado recentemente na escola no ano de 2011, ou seja, a turma de alunos em que foram feitas as observações deste trabalho era a primeira turma de alunos de ensino médio da instituição. É válido resaltar que somente a partir do ano de 2012 deu-se início as alterações para caracterizar o ensino médio da instituição como Ensino Médio Politécnico, segundo a proposta de reestruturação apresentada pelo governo estadual no final de 2011 (RIO GRANDE DO SUL, 2011), sendo que a turma inicial continuou no currículo anterior. É importante salientar que o IEEOB é diretamente subordinado à 8ª CRE.

De maneira geral o público atendido pela escola vem de diferentes extratos sociais, ou seja, a escola recebe alunos tanto das localidades próximas como também de bairros mais distantes, assim como também recebe estudantes de outras cidades que vem para Santa Maria se prepararem para o vestibular.

O IEEOB abrange todas as esferas da educação básica, desde a educação infantil, até o ensino fundamental e ensino médio. Também possui a educação de jovens e adultos (EJA), com funcionamento noturno e curso normal com ensino profissionalizante para formação de professores que é vinculado ao ensino médio mesmo antes do ensino médio regular. Em 2013, a escola contava com um numero total de 1638 estudantes, 126 professores e 31 funcionários.

Cabe ressaltar que as observações focaram na disciplina de sociologia unicamente das turmas 101 (segundo semestre letivo de 2011), 201 (no decorrer do ano letivo de 2012), 301 (no decorrer do ano letivo de 2013). As relações estudante e professor, assim como a relação do professor e do aluno com a matéria trabalhada foram os principais elementos desta observação. Em função disso é que buscamos relatar aquilo que se mostrou como sendo os pontos mais significativos para responder a questão norteadora das observações.

Em 2011 quando me dirigi a escola Olavo Bilac, estava um pouco apreensiva, com receio de escutar outro não em relação a minha presença em sala de aula. Eu não conhecia a escola, nem mesmo algum professor ou funcionário. Ao chegar ao portão ele estava apenas encostado, deslizei o mesmo para o lado e entrei. Do portão já era possível visualizar a grande estrutura física da escola.

O Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac possui características Arquitetônicas do ecletismo da primeira metade do Sec. XIX, sendo uma edificação com qualidade arquitetônica. Também possui grande valor cultural, pois tem significado histórico para comunidade de Santa Maria. (Acervo Histórico IEEOB)



Figura 1 - Imagem da fachada central do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac.

Por ter grande valor histórico os prédios centrais da IEEOB foram tombados como Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Santa Maria, RS, pelo Dec. exec. n.º.344 de 22/11/2006, (Acervo histórico IEEOB). Em virtude do tombamento, qualquer reforma que venha a ser feita na escola ou qualquer uso ou ocupação de espaço que possa ser feito, não deve causar nenhum dano a estrutura arquitetônica da escola (PACHECO, 2012).

Logo ao adentrar a porta do prédio principal, a mesma visível do portão de entrada, visualiza-se no hall do primeiro andar, um grande painel sobre a parede.



Figura 2 - Painel de Juan Amoretti no Hall do prédio central

Fonte: Acervo Histórico da IEEOB

As escadas que dão acesso ao segundo e terceiro andar, do prédio central, são amplas com direcionamento para o próximo andar tanto pela esquerda como pela direita. No topo das escadas encontra-se exposta uma imagem do Cristo crucificado, segundo a IEEOB foi um presente dos alunos do 4º ano para a escola em 1956.²³

O prédio principal tem três andares dos quais abrigam as séries finais do ensino fundamental e o ensino médio, bem como salas administrativas entre outras. Foi no terceiro pavimento do prédio principal que passei a maior parte do tempo em que estive observando as aulas de Sociologia.

Neste terceiro pavimento se encontram além das salas de aula, a sala da direção e também a sala de vídeo. Logo no final da escadaria encontra-se disposto um grande painel para recados, avisos sobre eventos e também exposição de trabalhos. O espaço é amplo e bem arejado com janelas grandes dispostas no decorrer do corredor com vista para os fundos da

²³ Mais informações sobre o Acervo Histórico da escola podem ser encontradas no site do Acervo da Escola: <http://acervohstolavobilac.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html>

escola. Sempre que cheguei a escola, encontrava alunos escorados a beira da janela conversando sobre as banalidades do cotidiano.

A IEEOB sendo uma escola dessa grandeza necessita de uma organização administrativa que de conta de administrá-la. Para tanto a Direção é centralizada, porém cada grupo de aprendizagem, ou seja, o ensino médio normal e politécnico possui uma vice-direção e organização pedagógica própria que é responsável por gerir as questões referente a tal grupo.

De modo geral a IEEOB é uma instituição que tem como lema *Para diante sempre além* (Regimento Escolar IEEOB).

O IEEOB defende a partir da ação da comunidade escolar posturas que revelam: moralidade, respeito, ética, honestidade, responsabilidade, comprometimento, impessoalidade, profissionalismo, solidariedade, autenticidade, humildade, linguagem adequada, participação, publicidade, legalidade, probidade (pontualidade, assiduidade, zelo, integridade...), coragem...

A família exerce grande influência na educação das crianças e adolescentes. Deve atuar junto ao Instituto, sem abster-se de suas responsabilidades. Entende-se que cabe a família desenvolver a formação voltada para a prática dos valores morais, hábitos e atitudes.

É dever de a família educar os filhos, para que neste Instituto e no meio social, realizem suas atividades com comprometimento, responsabilidade e sucesso.

O aluno deve ser responsável, assíduo e pontual. É absolutamente necessário que o mesmo evidencie atitudes de respeito com todos que estão a sua volta, valorize e zele pelo patrimônio público, sendo capaz de demonstrar competências e habilidades inerentes ao convívio social e ao desenvolvimento intelectual. (CEZIMBRA 2009, p.12)

O primeiro dia de observação aconteceu numa quinta pela manhã. O dia estava muito bonito e ensolarado e eu estava me sentindo muito contente.

Este foi o primeiro dia oficial na turma que eu acompanharia nos próximos dois anos e meio, visto que até então eu havia acompanhado a professora em suas atividades pela escola, conhecido a secretaria e assistido aulas do curso normal (de formação de professores) e três semanas de aula da turma 101, no primeiro semestre.²⁴ Essa convivência anterior as observações, tinham o intuito de me aproximar da professora e ganhar sua confiança.

Quinta feira. Faz muito frio. Cheguei a escola e fui direto ao terceiro andar como combinado com a professora Mara. Sentei na poltrona disposta em frente a sala da Direção e esperei. Estava bastante ansiosa era o primeiro período do dia, a Mara logo chegou e foi me abraçar. Ela me recebeu muito bem, assim como nas demais

²⁴ Digo primeiro dia oficial, porque três semanas de aula do primeiro semestre não revelariam muita coisa a respeito da turma, sendo que logo entram em férias e eu não havia me aproximado de nenhum deles. Foi no início do segundo semestre letivo que comecei pra valer o trabalho de observação. Contudo o trabalho etnográfico requer esse primeiro contato de reconhecimento que foi de extrema importância para a minha entrada no universo da sala de aula.

vezes que conversamos. Ficamos alguns minutos sentadas na sala da direção conversando e durante estes minutos, em que estivemos ali, alguns alunos que passaram pela porta entraram e abraçaram a professora.

A Mara durante nossa conversa, relatou que a turma 101, que vou observar, é bastante agitada e às vezes ela tem bastante dificuldade para conseguir prender a atenção deles, mas que são alunos “ágeis” que “pegam o conteúdo muito rápido”. (Diário de campo, Agosto de 2011).

A turma 101 do ensino médio regular da IEEOB era composta por estudantes com idade entre 14 e 16 anos, a sua grande maioria não ultrapassava os 15 anos de idade. Eram alunos provenientes de diversos extratos sociais, filhos de policiais, funcionários da prefeitura, professores municipais e estaduais, técnicos de enfermagem, empregadas domésticas, autônomos, secretarias de estabelecimentos, advogado, mecânico, engenheiro, militar e economista.

A turma 101 realmente era bastante agitada, como havia avisado a professora. Os alunos eram inquietos, caminhavam seguidamente da classe que estavam sentados para a do colega, enquanto a professora explanava comentários sobre os conteúdos.

Na primeira aula de Sociologia do segundo semestre, pouco se adentrou em questões teóricas, a professora conversou com os alunos sobre as férias e, se haviam estudado Sociologia. Eles sorriram como se dissessem que não.

A professora logo que chegou comunicou que daquele dia em diante eu assistiria as aulas de Sociologia com a turma. Os alunos já me conheciam de algumas aulas observadas no primeiro semestre então não foi preciso maiores apresentações. A própria Mara explicou porque do meu interesse em observar as aulas e apontou que estava muito feliz em contribuir com a pesquisa e que no decorrer do semestre deixaria uma de suas aulas para os alunos fazer questões e tirar dúvidas em relação ao projeto, caso fosse do interesse deles.

Alguns alunos não deram muita importância para minha presença, outros gostaram e teve quem brincasse se deveriam me chamar de professora e se eu podia ajudá-los a fazer os trabalhos. A Professora então respondeu dizendo: “Se ela quiser pode ficar livre para expressar sua opinião e ajudar a sanar dúvidas que vocês venham a ter, em relação ao conteúdo”.

A aula passou depressa, parecia que a pouco tempo tínhamos entrado na sala e o sinal que avisa o termino de um período e início de outro, já estava tocando. A ansiedade não me deixou perceber muita coisa naquele dia. Apenas que a turma era grande, cerca de 30 alunos um pouco menos talvez, a sala era espaçosa com 4 fileiras com classes distribuídas uma atrás da outra, contendo ao fundo duas grandes janelas das quais entrava um vento um tanto gelado e que logo no início da aula foram fechadas. Antes da professora se retirar avisou

que retomaria os principais conceitos trabalhados até então e pediu que os alunos dessem uma “recapitulada” no que ela havia passado no primeiro semestre.

Depois que o sinal tocou, foi feita uma rápida despedida com os alunos. A professora Mara tendo que se deslocar para outra turma, também se despediu dos alunos. Seguindo até o corredor ela se despediu de mim e seguiu até a outra sala de aula onde a outra turma a esperava.

Na semana seguinte a professora retomou o que para ela eram, “os principais pontos das teorias de Marx, Durkheim e Weber”, os quais já haviam sido estudados no primeiro semestre daquele primeiro ano de ensino médio. De acordo com a colocação feita pela professora ao pedir que retomassem o conteúdo, era para a turma “retomar o material” repassado por ela no semestre anterior, ou seja, dar uma lida para lembrar.

Foi então que durante o decorrer daquela aula eu anotei um pouco do diálogo entre a professora e os alunos repassando alguns dos principais pontos das teorias, dos teóricos clássicos, vistos no primeiro semestre.

Retomada dos principais pontos das teorias de Marx, Durkheim e Weber.
Vocês se lembram quem são os principais teóricos da Sociologia?

Esta foi a pergunta pela qual a professora começou o trabalho do dia.
As respostas foram sendo dadas aos poucos timidamente:
Marx - Durkheim – Comte-Weber.

Professora:

Comte é importante para a Sociologia, como já vimos no início deste ano, ele é considerado o pai do positivismo e fundador da Sociologia. Vocês se lembram o que é o positivismo?

Os alunos ficaram em silêncio e a professora retomou a fala:

Augusto Comte é considerado o pai do positivismo, doutrina filosófica elaborada com o objetivo de reorganizar o conhecimento humano e que propõe um conhecimento baseado na observação, comparação e experimentação. Vocês se lembram, que para ele o método científico é o único válido para se chegar ao conhecimento. Se as reflexões feitas por um pesquisador não puderem ser comprovadas pelo método científico, não tem valor algum. Mas não vamos voltar agora, nesse autor, vamos rever Marx, Durkheim e Weber por enquanto. O que foi visto sobre Comte no primeiro semestre é o que vocês precisam saber sobre ele, retomem as leituras.

E sobre Durkheim? O que vocês se lembram.

Aluno:

Fato Social professora.

Coerção.

Ele é funcionalista né profe?

Tem alguma coisa relacionada a generalidade.

Fenômenos são coisas?

Professora:

Tudo isso está relacionado a teoria dele sim. Durkheim é um teórico funcionalista. Alguém se lembra por quê?

Aluno:

Não é porque ele vê a sociedade como um ser vivo, professora? (tom de questionamento)

Professora:

Isso mesmo. Para Durkheim, a Sociologia deve estudar os fatos sociais, os quais possuem três características: coerção social, exterioridade, e generalidade. E o que significa cada um desses conceitos?

Aluno:

Qualquer acontecimento na sociedade professora é um fato social.

Professora:

Muito bem e alguém saberia dar um exemplo?

Aluno:

Um casamento professora.

Vir na aula professora é um fato social.

Professora:

Mas porque é um fato Social?

Aluno:

Porque têm regras fixas, todo mundo tem que seguir aquela regra determinada, só que ninguém mais se dá por conta que é uma regra inventada.

Professora:

E o que Durkheim quer dizer quando compara a sociedade com um organismo, como um de vocês apontou?

Aluno:

A sociedade funciona como um corpo e agente tem função dentro da sociedade que nem os órgãos.

Professora:

Isso mesmo, para Durkheim a sociedade tem que funcionar como o organismo biológico e se tem um órgão que não está funcionando bem ela entra em crise. Por isso ele é considerado um funcionalista, porque para ele cada órgão dentro da sociedade tem um trabalho a desenvolver que ajudará o todo ficar sadio e funcionando. A escola pode ser um exemplo, se o professor não cumpre seu trabalho o aluno não aprende, se o faxineiro não limpa a escola fica suja, se vocês não vierem à aula, não tem escola.

E sobre Marx o que vocês se lembram? Tem muito mais coisas sobre Durkheim, mas durante o semestre se surgirem dúvidas agente retoma se não, não será possível revisarmos os três autores.

Aluno:

O Marx divide a sociedade em proletário e patrão.

Ele escreveu o Manifesto Comunista professora.

Ele que criou o método dialético para analisar a sociedade.

Para ele o trabalho dignifica o Homem.

Para ele a religião é o ópio do povo.

Para o Marx a condição material do homem que vai dizer quem ele é.

Não sei professora, não me lembro. (rumores de contrariedade com a colocação do aluno, feita em tom de brincadeira).

- Tocou o sinal!

Professora:

Pessoal retomem os principais conceitos em casa e na próxima aula continuaremos, não se esqueçam de trazer seus materiais. (Anotações do Diário de Campo, 2011)

A aula passou muito depressa, nem todos os conceitos foram possíveis de serem lembrados em função do tempo, além disso, a turma se mostrou bastante inquieta, grande parte dos alunos não tinham consigo o material e pareciam pouco interessados no que estava sendo apontado pela Professora. Contudo, essa aparente falta de interesse no que estava sendo colocado não condizia com o posicionamento dos alunos, pois apesar de estarem conversando entre eles, alguns com fones de ouvido e outros mexendo no celular, quando questionados pela professora respondiam demonstrando que estavam prestando atenção no que estava sendo posto em aula e que lembravam o conteúdo estudado ainda no primeiro semestre na disciplina.

Alguns permaneceram em silêncio, porém copiavam em seus cadernos as explicações dos colegas e da professora. Aqueles que não tinham o material e que aparentavam não estar muito interessados na aula ao contrário eram os que mais participavam. Um pequeno grupo tinha o material e além de copiar também se manifestava. Ao sairmos da sala a professora Mara disse: “tu viu como eles são inteligentes, mas preguiçosos, não trazem material, não copiam, mas estão sempre ligados, sempre prontos para dar uma resposta”.

Durante as observações daquela aula, muitas perguntas surgiram. Eu senti que não daria conta de anotar todos os questionamentos dos alunos, nem todas as reflexões da professora. Além disso, observei que dentro do espaço daquela sala de aula se encontravam alunos com diferentes habilidades, ou seja, alunos que demonstravam precisar anotar tudo que ouviam, assim como para outros bastava estar com o material na mão e ainda havia aqueles aparentavam estarem desinteressados pela aula, não copiando, não olhando no material, mas que se expressavam em relação aos conceitos satisfatoriamente.

A partir destas inquietações na semana seguinte procurei conversar com a professora para compreender melhor como ela planejava as aulas, tendo em vista as diferentes habilidades dos alunos.

Rúbia, essa turma é um desafio novo para mim eu nunca dei aulas para o ensino médio, é a primeira turma que assumo. Estou agindo como sempre fiz com as turmas do Curso Normal, primeiro tento compreender a turma e suas dificuldades. Esse primeiro ano é um ano que estou procurando apresentar a Sociologia de uma forma mais geral e tentando mostrar a eles a importância dessa disciplina. Mostrando do dia a dia, exemplos que possam ser compreendidos através da teoria.

Eu tento deixar a turma o mais livre possível, desde que não desrespeite os colegas e a mim.

É assim que vou conhecendo melhor a turma e, a partir de quem são esses alunos eu penso a minha aula. Acredito que enquanto educadora, tenho que pensar numa aula para todos, para aqueles que querem continuar estudando e para aqueles que não vão continuar estudando, assim como para aquele que irão trabalhar sem dar, ter família, o seu próprio negocio.

Todos que estão ali precisam compreender a sociedade em que vive e saber quais são os seus direitos, precisam saber que devem participar da política e que é importante opinar, saber ouvir, saber compreender a sociedade em que vive.

Essa é a minha maneira de pensar a aula, sempre foi com as turmas do curso normal, vamos ver se vai dar certo com o ensino médio. É um teste, não sei se funcionará com o ensino médio, estou me dedicando para que os alunos descubram o seu melhor e eu vou dar o melhor de mim. (Diário de campo, agosto de 2011)

As aulas que se seguiram, a professora passou trabalho, fez questões sobre Durkheim e Marx e não se deteve muito em falar sobre Weber. Segundo a Professora Mara, Weber é um autor bastante complexo para o primeiro ano e pretende aprofundar sua teoria nos anos seguintes, quando começar a trabalhar com temáticas.

As questões aplicadas aos alunos, escritas no quadro negro, sobre a revisão feita em sala de aula foram as seguintes:

Sobre Durkheim:

1-Defendendo a imparcialidade e a objetividade da Ciência, Durkheim afirma: “o sentimento é objeto da ciência, não é critério de verdade científica”. Para Durkheim a verdadeira ciência deve se guiar pelos sentimentos pessoais dos cientistas? Porque?

2- Como a Sociologia deve estudar os fatos sociais?

3-Como Durkheim define os estados normal e patológico?

4-O crime para Durkheim é um fato social norma ou patológico? Porque?

5-O que é consciência coletiva?

6- Defina a solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica.

8- Segundo Durkheim qual o objetivo da vida social?

Sobre Marx:

1-O que Marx entende por alienação?

2-Como Marx concebe as classes sociais e suas relações políticas?

3-Que fatos sociais contribuíram para a origem do capitalismo?

4, O que é salário? Como se determina o valor do salário?

5-Que relação Marx estabelece entre trabalho e valor?

6-Segundo Marx de onde provem o lucro do capitalismo?

- 7- O que é mais valia?
- 8- O que são forças produtivas?
- 9- O que são relações sociais?
- 10- O que é modo de produção? Qual a sua importância para a análise que Marx faz das sociedades.

Esse trabalho teve início na sala de aula e o restante ficou para ser terminado em casa. Nesta aula a direção passou na sala de aula e distribuiu pirulitos pela semana, do dia do estudante, depois que os representantes da direção se retiraram a Professora Mara conversou com os alunos. Ela falou que este “era um dos melhores momentos” da vida de todas as pessoas, mas um “momento de impasse também”, pois é o momento das “escolhas” e salientou que “é preciso ter força crítica para não ser “patrolado” pelas ideologias que existem” (Diário de campo, agosto de 2011).

Neste dia percebi que a relação dos alunos com a Direção era de muito respeito e amizade. Brincadeiras, abraços e muita descontração aconteceram em poucos minutos em que a direção permaneceu com a turma, distribuindo pirulitos e desejando um semestre produtivo. Além disso, pelo discurso da professora, após a pausa e o pirulito, ela exerce uma forte influência sobre os alunos, eles a ouviram e com gestos de concordância ao balançar a cabeça pareciam estar refletindo o que a Professora havia dito.

Esse primeiro mês de aula foi de contato e aproximação com a turma. Geralmente havia aqueles que não copiavam os trabalhos aplicados pela professora. Contudo sempre que possível, eu também anotava as tarefas, no meu Diário de campo e repassava via email ou Facebook para a turma. Assim eu fui me aproximando deles e eles foram desenvolvendo certa confiabilidade em mim.

Neste início do segundo semestre as aulas da turma 101 eram no primeiro período da manhã, eu chegava mais cedo e ficava conversando com os alunos na sala de aula, no corredor, debruçados junto a janela, onde se encontrassem os estudantes. Alguns reclamavam, naquele momento, da bagunça dos colegas e da conversa em aula. Um aluno chegou a dizer numa dessas conversas que sobre o comportamento da turma: “Eles não respeitam porque não são eles que estão dando aula”.

O aluno se referia aos colegas mais inquietos da turma. A Professora havia, no início das aulas, avisado a mim que a turma era bastante agitada e agora os próprios alunos demonstravam desconforto em relação a agitação do grupo.

No início do mês de setembro, a Professora, antes de iniciar a aula da semana, conversou com a turma sobre o excesso de barulho e conversas paralelas durante as aulas, a falta de atenção, são ausências de alguns alunos. Perguntou o que estava acontecendo com a

turma, visto que havia outros professores igualmente apontando que a turma estava “sem limites”.

A professora Mara colocou a turma em silêncio e questionou a turma: “Vocês são super inteligentes o que está acontecendo com vocês? Não se interessam em ouvir as aulas, não têm o material, não copiam. Assim, como vão estudar depois para o vestibular ou até mesmo fazer os trabalhos de vocês?”.

Os alunos ficaram em silêncio e não disseram nenhuma palavra, eles já haviam conversado comigo sobre esta mesma situação e direcionaram o olhar para mim e eu retonei com uma expressão de quem tinha sentido o “puxão de orelha” que eles estavam recebendo.

Alguns alunos haviam reclamado para mim que a disciplina de Sociologia é muito “chata” porque precisam “ler um monte de coisa”, “é um monte de texto que agente não entende direito”, “eu prefiro escutar a professora e ler depois, por isso não leio os textos”, “eu aprendo melhor com a explicação da professora, se eu ler não entendo, por isso nem gasto com Xerox”. O que eu havia compreendido em relação ao desinteresse da turma e conseqüentemente a conversa em sala de aula, a má vontade em ler e buscar informações ou até mesmo ter o material consigo, estava diretamente ligada ao desinteresse pela disciplina.

O fato da disciplina não ter chamado a atenção da turma, ser extremamente teórica, sendo que estudar sociologia para os estudantes significava ler o tempo todo algo que não era motivador, “textos desinteressante”, como enfatizou um dos estudantes, tudo menos o conteúdo era motivo de atenção dos alunos.

Foi então que após aquela aula, em que a professora chamou atenção dos alunos, eu a procurei e conversei sobre o que os alunos haviam exposto a mim. A minha intenção era buscar um caminho para compreender em que momento a Sociologia faria algum sentido aqueles alunos, pois o que estava sendo visível era um grande desinteresse da turma pela disciplina.

A professora Mara concordou com o posicionamento dos alunos, que o conteúdo da disciplina tem uma leitura difícil e que “é o professor que precisa descobrir a melhor forma de orientar a disciplina”. Ela pediu para que eu alertasse ela sobre as reclamações dos alunos, quando possível, porque assim ela poderia ver onde estava errando (Diário de campo, setembro de 2011). Naquele momento eu nem percebi o quanto eu estava interferindo no desenrolar a disciplina e conseqüentemente na prática da professora e na formação que aquela turma receberia.

Isso só se tornou visível depois de algumas críticas que recebi no decorrer da minha formação e com a releitura do meu Diário. Ao trocar informações com a professora e

concomitantemente com os alunos eu estava participando da construção do conhecimento daquele grupo de estudantes. A certeza ficou evidente quando na formatura a turma se referiu a mim como alguém que teve “participação especial” na formação pessoal deles. Dedicaram a mim uma parte dentro do discurso da turma e me ofereceram uma rosa como agradecimento.

2.2 Turma 101

Como já mencionado a turma 101 era bastante intransigente. A meninada não queria saber de Sociologia, na verdade de disciplina alguma, era o que transparecia.

Eles eram bastante bagunceiros, não se sentavam em seus lugares, estavam sempre conversando, dispersos, no celular, com fones de ouvido escutando música. Muitas vezes fazendo trabalhos de outras disciplinas durante a aula de Sociologia. Na maioria das vezes um ou dois faziam as tarefas de casa, esses mesmos eram os únicos a terem o material deixado pela professora para cópias²⁵.

Previendo este tipo de comportamento a Mara quase sempre tinha um “plano B²⁶” para salvar a aula, trazendo ela mesmo cópias do conteúdo para os alunos, colocando-os a trabalhar em grupo ou em dupla, para que todos pudessem ter acesso ao material. Como de costume no final da aula eu acompanhava a professora pelo corredor até a próxima turma e nestes momentos comentávamos sobre a aula.

Em uma manhã de outubro após uma aula, ela comentou comigo o seguinte: “Eles já melhoraram bastante desde o começo do ano, tu precisava ver como era o primeiro semestre, cheguei a pensar que não daria conta”.

Uma das estratégias utilizada, conforme a Professora, para se aproximar dos alunos naquele ano, foi “ouvi-los”. Outra estratégia, para se aproximar de seus alunos, segundo a professora, é sempre que recebe uma turma nova, a qual ela não tenha tido contado

²⁵ Quanto ao material, a Mara deixava o na livraria em frente a escola, para que os alunos obtivessem suas cópias, mas na medida do possível ela levava para sala de aula, varias cópias e disponibilizava aos alunos, visto que geralmente eles não se preocupavam em adquirir o material.

²⁶ Plano B significa que a professora planejava duas ou mais possibilidades de apresentar o conteúdo. Se o planejado era vídeo, trazia também o material impresso para não correr o risco de ficar sem dar sua aula, por qualquer motivo pudesse vir a impedir o programado, como falta de energia elétrica, problemas com a manutenção dos equipamentos, etc.

anteriormente, pedir para que os mesmos façam uma autobiografia²⁷, que contem sobre suas vidas, quem são, onde moram, onde nasceram, o que quiserem contar sobre si.

A professora Mara afirma que essa estratégia tem lhe ajudado a se aproximar dos alunos no decorrer de sua trajetória como docente.

É preciso compreender que nenhum aluno é igual ao outro e que nem sempre uma estratégia de ensino vai funcionar para todos, cabe ao professor ter essa sensibilidade para perceber quando um aluno não está conseguindo acompanhar a turma e ir buscar informações sobre o que está acontecendo com este aluno. (MARA, 2011)

Por este motivo, a autobiografia se apresenta como uma boa estratégia para conhecer quem são aqueles sujeitos. Saber a realidade social dos alunos, seus sonhos, seus desejos, ajuda o professor a pensar uma aula *para* os alunos, com questões do interesse deles e que possa instigá-los a reflexão, a se reconhecer, a saberem quem são dentro desta sociedade, (Diário de campo outubro, 2011).²⁸

Com a turma 101, a Professora trabalhou bastante na apresentação da disciplina buscando enfatizar em suas colocações, o que é Sociologia e para que aprender Sociologia. Neste primeiro semestre de observações efetivas, tive a oportunidade de me familiarizar um pouco mais com a disciplina na prática. Foram muitas informações e reflexões que em algumas ocasiões eu fiquei muito confusa e não sabia para que lado focar o meu olhar, o que perceber e saber ou o que buscar naquelas aulas. Isso tudo me deixava inquieta e preocupada.

A sala de aula se apresentava como um espaço cheio de possibilidades, muitas informações, muitas perspectivas de pesquisa, mas eu precisava saber no que aprofundar minhas observações, visto que, por mais que eu tivesse ali quase todas as aulas, seria uma tarefa impossível observar o comportamento dos alunos, da professora e ainda anotar os conteúdos e todas as falas, todos os gestos que se faziam presentes naquele ambiente.

Deste modo o segundo semestre de 2011 foi o momento de exploração daquele ambiente e de busca pela confiança dos alunos e a professora, assim como serviu para reconhecer e desmistificar alguns pré-conceitos sobre o ensino de Sociologia.

No decorrer dos dias 4 de agosto a 22 de dezembro de 2011, segundo semestre letivo, sendo que a disciplina de Sociologia tinha apenas um período de 50 minutos semanal e levando em conta que no ano de 2011 os professores estaduais fizeram algumas paralisações, reivindicando melhores condições de trabalho, foi possível, dentro deste espaço de tempo,

²⁷ Não tive contato com estas autobiografias, pois nelas os alunos contaram sobre suas vidas e a professora achou que não tinha o direito de passá-las adiante.

²⁸ Colocações da Mara em conversa fora da sala de aula.

aproximar-me consideravelmente dos alunos. Alguns um pouco mais outros um pouco menos. Neste período muitas provocações foram direcionadas a mim pelos alunos, eu utilizei esses momentos para conquistar a confiança deles.

Geralmente, quando eu era questionada pelos alunos, respondia com outro questionamento, ou seja, antes de responde-los eu perguntava o que pensavam a respeito do que estavam me perguntando. Certa aula um aluno me perguntou por que eu tinha escolhido estudar Sociologia. Eu perguntei: porque você vem à escola? A resposta foi: “Porque sou obrigado”. Os outros alunos que estavam próximos e participando da conversa, responderam: “Porque para conseguir um trabalho decente preciso ter no mínimo o ensino médio”; “Porque para entrar na faculdade é preciso ter feito o ensino médio”. Um deles me disse, “Eu venho nas aulas porque minha mãe me obriga a estudar e eu dependo dela”.

Aquelas respostas não eram as que eu esperava ouvir, na verdade nem sei que resposta eu esperava ouvir, mas essas respostas me fizeram olhar de outra maneira para o ensino e principalmente para a disciplina de Sociologia.

Segundo o Art. 22. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a educação básica “tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum e indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” Contudo os alunos estavam indo à escola por obrigação e não estavam compreendendo no que seria útil aquilo que estavam aprendendo em Sociologia, assim como nas demais disciplinas, pelo que transpareceu em seus discursos.

Ao comentar, em outra ocasião, com a professora sobre as colocações dos alunos, ela disse que para o próximo ano, iria mudar de estratégia, que no decorrer das férias pensaria em algo que estimulasse e chamasse a atenção deles para a disciplina e que se eu tivesse alguma ideia nova ela estava aberta a sugestões.

A Professora Mara se utilizava de jogos e brincadeiras para dinamizar a aula, dava leituras e para serem avaliados, os alunos confeccionavam jogos livre (pergunta e resposta, jogo da memória, banco imobiliário etc.). Mas de acordo com os alunos o “chato na disciplina são as leituras pesadas”. Essa metodologia, que estimula a construção de jogos e brincadeiras era bem vista pelos alunos, mas não estava sendo o suficiente para eles se interessarem pela disciplina.

O material ²⁹ utilizado pela Mara, geralmente era confeccionado por ela, com fragmentos dos textos originais e reflexões posteriores em forma de questões, ou

²⁹ Na maioria das vezes, a Mara usava fragmentos dos textos originais, no entanto se valia de obras de autores como TOMAZI, GIDDENS, BAUMAN. Também fazia uso do livro de Luiz Fernando de Oliveira e Ricardo

simplesmente debates em sala de aula. Como complemento ela pedia que os alunos realizassem uma pesquisa na internet sobre o assunto que era refletido na semana seguinte em sala de aula. Caso algum dos alunos não tivesse conseguido acesso a internet, a professora colocava que era só procura-la que ela forneceria material.

Durante esse semestre, além de retomar os conceitos dos principais autores a professora debateu sobre o surgimento do capitalismo, as principais mudanças ocasionada pelo surgimento do capitalismo e suas características, as condições do funcionamento do modo de produção capitalista, desigualdades sociais, educação, neoliberalismo, globalização. Esses foram os assuntos trabalhados no decorrer do segundo semestre de 2011.

Abaixo organizei um esquema para representar a exposição feita no quadro pela professora para explicar sobre os autores.

Teóricos:	Principais obras	Principais conceitos
Durkheim	As regras do método Sociológico. A divisão Social do Trabalho. As formas elementares da vida religiosa	Fato Social. Objetividade; coerção, generalidade. Solidariedade mecânica e orgânica; anomia, patologia; funcionalismo.
Marx	O manifesto do partido comunista. O capital. A ideologia Alemã.	Dialética; materialismo; Estrutura; Determinismo e econômico; superestrutura.
Weber	A ética protestante e o espírito capitalista. Economia e sociedade.	Ação Social; Valores; Tipo ideal; Burocracia;

Figura 3 - Ilustração criada pela pesquisadora, para reproduzir a explicação apresentada pela Professora sobre os Clássicos, (2011)

A professora apresentou cada autor fazendo um breve comentário sobre cada um deles e explicando a importância das obras e os principais conceitos que seriam trabalhados e utilizados nas discussões no decorrer do ensino médio como um todo.

Como já mencionado, ela não deixou de expor sobre o autor Augusto Comte, o qual foi apresentado aos alunos como o “fundador do positivismo, teórico que propôs um conhecimento baseado na observação, comparação e experimentação”. Ilustrou que este autor “é importante para analisar a Política e o Estado”. Também se reportou a Gramsci como importante teórico para se estabelecer uma reflexão sobre as questões políticas, tanto quanto os três teóricos principais citados anteriormente.

Essas colocações foram feitas na aula de retomada dos conteúdos. “Apresentar diferentes autores e suas diferentes interpretações é importante para que vocês vejam que há diferentes maneiras de interpretar a sociedade”.

A Professora enfatizou dizendo que “a intenção da disciplina de Sociologia é que vocês saibam que há diferentes maneiras de interpretar a sociedade, para que vocês não sejam “joguetes” do sistema e não sejam alienados”.

O que ficou visível com as observações é que a Professora Mara priorizava o diálogo e a liberdade de expressão dos alunos. Ela apresentava o conteúdo, os autores, os alunos realizavam seus questionamentos, tiravam suas dúvidas e em seguida a Professora colocava no quadro negro alguns questionamentos para os alunos refletirem. Como tarefa eles realizavam o exercício de reflexão em casa em forma de jogos, esquemas explicativos, recortes, enfim, de acordo com a criatividade de cada um e, na semana seguinte, na sala de aula, era dada a continuidade ao estudo do conteúdo através da apresentação dos jogos e dos esquemas realizados pelos alunos. No decorrer da exposição dos alunos, a professora sanava as dúvidas sobre os autores, os conceitos, em relação ao que tivesse sem explicação ou aquilo que os alunos tenham apresentado equivocadamente por falta de entendimento.

A professora Mara aceitava propostas diferentes de expressão do conteúdo, desenhos, grafites e poemas. Abaixo o trabalho de um aluno do primeiro ano (turma 101), seu olhar sobre a sociedade capitalista a partir do viés Marxista.



Figura 4 - Atividade avaliativa (2011).

Fonte: Material cedido pela Professora Mara.

No final do primeiro ano, a Mara cedeu uma das suas aulas para eu conversar com os alunos. Perguntei a eles como tinha sido a experiência deste primeiro ano de Sociologia, se estavam compreendendo o que era a Sociologia, sua importância, quais eram suas posições sobre a forma como o conteúdo tinha sido apresentado, críticas, etc.

Com esta conversa, foi possível visualizar a evolução deles em relação ao entendimento sobre a Sociologia, comparando ao modo como se manifestavam sobre a disciplina em relação às considerações que eram realizadas em sala de aula, no início do semestre pelos estudantes.

Seus argumentos ainda estavam a maior parte imbuída do senso comum, embora já começassem a rever suas opiniões sobre a teoria Sociológica. Entretanto, continuavam a reclamar que os textos eram pesados e que a linguagem era muito difícil.

Os conceitos dos autores como: mais valia (Marx), ação social (Weber), fato social (Durkheim), são “complicados de entender”³⁰. Argumentavam que nunca haviam escutado falar sobre estes conceitos e que “era difícil guardar na cabeça o significado”.

Eu perguntei como seria uma boa aula de Sociologia para eles. Alguns não souberam responder por que não entendiam “porque é preciso estudar sobre estes autores”, mas teve alunos que sugeriram que a professora trabalhasse com exemplos que eles pudessem “enxergar”, que fossem visíveis e mais acessíveis.

Quando a professora dá exemplos que agente vê ou na televisão ou na casa da gente, fica mais fácil de entender, porque quando ela manda ler texto é muito difícil de saber o que o autor ta querendo dizer. (L. 2011)

A turma 101, no final do ano letivo, encontrava-se mais calma, aquela rebeldia inicial, pelo menos nas aulas de Sociologia, estava sendo contornada. A professora no decorrer do semestre deu liberdade para que eles se posicionassem na sala como melhor se sentissem confortáveis, uns sentavam em dupla, outros ficavam em pé escorados na janela no final da sala, uns sentavam em cima da classe, mas a única exigência era participação. Essa tática deu certa, quando era hora das tarefas eles trabalhavam, quando era hora de exposição, do debate, o que importava era a participação, no mais não faltando com respeito, poderiam sentar-se na classe, ficar em pé.³¹

Acredito que este tipo de liberdade e confiança depositado pela professora aos seus alunos, foi o que conquistou a atenção e o respeito deles, motivando-os a participar, a opinar e a responder as provocações da professora. Provocações no sentido de problematizar as respostas dos alunos e levá-los a refletir sobre o que estavam argumentando.

“Por quê? Porque você acha isso? Com base no que você chegou a essa conclusão?” Provocações essas faziam os alunos voltar ao conteúdo e principalmente refletirem sobre seus argumentos. No trabalho apresentado acima em forma de desenho, o aluno teve igualmente que apresentar uma consideração teórica, uma explicação com base no conteúdo trabalhado na

³⁰ A. K. (2011)

³¹ Vale salientar neste momento, que não foi tão simples assim os alunos respeitarem a liberdade que estavam recebendo, mas todas as vezes que a aula começava a fugir do controle, ou seja, a atitude dos alunos estava atrapalhando a continuidade da aula, a Professora parava por alguns instantes o trabalho, por vezes, chegou a perder quase o período inteiro da sua aula, para conversar com a turma. Na maioria das vezes que precisou chamar atenção dos alunos, pontuou que o comportamento dos alunos direcionaria o modo como eles seriam tratados. Se não soubessem usar a liberdade que estavam ganhando, iriam sentar-se em fila e ter aulas tradicionais, ou seja, ela passaria o conteúdo e aplicaria prova escrita, quem alcançasse a nota passaria e quem não alcançasse reprovaria. Contudo, fazia questão de dizer que esta era uma decisão da turma. “Vocês são responsáveis pelo tratamento que receberão.”

disciplina, que ilustrasse a coerência do desenho com a teoria do respectivo autor. A explicação do aluno em relação ao seu desenho foi a seguinte:

Marx é contra a ideia de que a relação burguês de produção é natural. Para ele tudo é passageiro e o modo como os homens pensam e se portam são em decorrência da relação da pessoa com o meio em que ele vive. O que o homem faz é dominar a natureza para prover seu sustento, e o trabalho é o que dignifica o homem. Só que nesse processo todo, tem uns que tem mais dinheiro, o capital para investir, ai contrata outros que trocam seu trabalho por dinheiro. Só que esse dinheiro as vezes não é suficiente para o sustento da família, mas se ele reclama um salário mais alto pode ser demitido porque tem muitos desempregados que aceitariam aquilo que o outro acha pouco. É por isso que ele chama o trabalho de mercadoria, tu troca o teu serviço por uma quantia de dinheiro. Só que, quando tem mercadoria sobrando, é que nem tomate, se tem tomate sobrando ele se torna barato, é assim com os trabalhadores. E ai sempre tem os tomates que sobram, ou seja, os que não são contratados. Dessa visão do Marx, dá para gente entender porque tem tanto desempregado e alguns com muito dinheiro. (Reprodução da explicação do aluno sobre a teoria de Marx.)

É importante apontar que a Professora Mara, sempre informou aos seus alunos, que a Sociologia “precisa ser apresentada e suas considerações justificadas teoricamente para que não se torne senso comum”. Em uma de nossas conversas, fora da sala de aula, ela apontou que “os alunos precisam compreender que a Sociologia não é qualquer resposta, um eu acho, mas que precisa ter argumentação com base em algum fator”.

Fui percebendo, com o passar do semestre, que alunos ainda no primeiro contato com a disciplina começaram a perceber a importância da Sociologia e a formular suas primeiras considerações reflexivas sobre a sociedade. Era perceptível, em suas explicações e manifestações sobre os assuntos em sala de aula, como visto na explicação acima, o quanto estavam conseguindo emitir reflexões concretas sobre o pensamento dos teóricos e ainda relacionar com alguma situação da vida cotidiana.

Começaram, ainda no primeiro ano do ensino médio, a se dar por conta que estavam mudando suas formas de ver o mundo. Salientemos é claro que são considerações simples que pode parecer sem sentido para aqueles que não acompanharam o processo de aprendizagem, contudo evidenciam uma reflexão particular do aluno a partir do contato dele com a Sociologia.

“Eu adquiri muito conhecimento este ano e posso argumentar meus pensamentos tanto com base nos textos que eu li como no que a professora falou. O estudo de Sociologia me faz pensar nas coisas e ver o mundo de um jeito diferente”, (Y. A. 2011).

Neste fim de ano considerando o pouco tempo para aprender varias coisas na área da sociologia posso dizer que a disciplina de Sociologia é importante ela ajuda a formular opiniões perante o mundo. (J. S. 2011)

“A Sociologia me ajudou a ver que na sociedade, um grupo de pessoas dita as regras e padrões para o “bem coletivo”. O estranho é que esse bem coletivo é aplicado para um pequeno grupo. A elite econômica, a elite financeira. Os poderosos ganham mais poder, os ricos ganham mais dinheiro, mais lucro. E o resto e as outras pessoas o que acontece com elas? São alienadas, controladas, exploradas cedem a sua mente e o seu discernimento de mão beijada e ainda dizem: obrigado. (P. M. 2011)

A turma 101 finalizou o ano letivo bastante reflexiva, alguns demonstravam mais nitidamente o choque que foi perceber que algumas coisas naturalizadas por eles podiam ter outras explicações. A grande maioria, nos seus trabalhos finais apontou para uma “mudança no modo de pensar”³².

Essa postura, já no primeiro ano de estudo é um dado importante, pois reflete o inesperado, uma vez que as informações que tínhamos, em termos estruturais e pedagógicos, sobre a situação da disciplina na escola básica, nos levavam a acreditar que a mesma teria um insucesso.

A Sociologia nos faz ver o que não nos damos por conta, por exemplo, que a novela dita uma moda e as pessoas saem usando aquele estilo como se fosse seu. Na verdade a pessoa foi manipulada, eu também achava que o estilo era meu, mas com as explicações da Mara percebi que na verdade eu uso uma roupa porque é legal, ta na moda, se a moda mudar eu vou me adaptar a ela. Somos a geração coca-cola. (L.N. 2011)

Aqui já é possível inferir algumas considerações sobre a disciplina de Sociologia, pois, a partir do entendimento dos alunos sobre os fenômenos sociais revela-se o desempenho da disciplina. Isso é refletido na mudança dos discursos, nas questões realizadas e nas reflexões concretizadas pelos estudantes que deixam de questionar porque precisam aprender Sociologia, para propor discussões mais dinâmicas e pontuar assuntos dos quais gostariam de compreender ou refletir o motivo que leva uns a pensarem desta e outros daquela maneira sobre o mesmo acontecimento.

Foi em meio a esta experiência que percebi o quanto seria proveitoso mostrar essa prática e refletir sobre a utilidade deste saber para a compreensão dos fenômenos que fazem parte do nosso dia a dia. Isso tudo a partir da Sociologia que estava sendo descortinada pelos alunos do ensino médio, ou seja, das considerações que estavam sendo elaboradas pelos estudantes.

³² Afirmação que prevaleceu na maioria dos trabalhos finais da turma 101.

2.3 A caminhada continua: turma 201

No ano de 2012 dei continuidade as observações em sala de aula, com o respectivo grupo de alunos. A intenção era manter as observações, procurando seguir no projeto iniciado no ano anterior, buscando compreender o andamento do processo de ensino de Sociologia daquele grupo de alunos.

A Professora Mara e os alunos, antes mesmo que eu me manifestasse, ao final do primeiro ano letivo, manifestaram-se pedindo para que eu permanecesse com eles no ano seguinte, ou seja, 2012. Naquele momento eu não tinha nenhum trabalho acadêmico para desenvolver, visto que não havia conquistado uma vaga em programas de pós-graduação, mas, como o meu propósito era mesmo dar continuidade ao estudo, senti uma grande alegria em ver que o grupo estava me acolhendo com tanto carinho e ao mesmo tempo iria ser possível continuar acompanhando as aulas.

Uma informação importante quanto a isso é que, de acordo com a Professora Mara, as minhas observações auxiliavam ela a se auto avaliar vendo o que estava dando certo no seu trabalho como docente e o que ela deveria mudar. Tínhamos o hábito de conversar sobre a turma. Em geral, quando ela pensava em uma metodologia diferente para apresentar o conteúdo, antes de colocar em prática com a turma, conversava comigo e pedia minha opinião.

As minhas opiniões, eram realizadas de acordo com o que eu ouvia dos alunos. Textos longos, termos complexos sem explicação no meio do texto, texto sem explicação prévia dos conceitos eram as maiores reivindicações dos estudantes do primeiro ano do ensino médio. Dessa forma, a partir destas conversas entre a Professora Mara e eu, ela pensava como melhorar a metodologia de suas aulas e ao mesmo tempo eu recebia informações mais específicas de cada aluno, o que contribuía para a minha avaliação sobre o aprendizado dos mesmos.

No primeiro ano de ensino médio, a Professora apresentou aos alunos a “teoria mais pesada”, de acordo com suas palavras. Contudo, como não acompanhei o primeiro contato dos alunos com essa teoria, posso apenas dizer que os alunos reclamavam bastante que não conseguiam assimilar os conceitos apenas com a leitura, sendo que somente vinham a compreender após a explicação da professora (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2011).

Para o segundo ano, turma 201, a Professora Mara optou em trabalhar com conceitos. Trabalhar com conceitos para ela, na minha compreensão, significava primeiro apresentar os

conceitos principais sobre o tema ou o assunto que seria discutido e posteriormente, depois de um breve esclarecimento das maiores dúvidas a respeito dos tais, a Professora adentrava na leitura de um texto ou fragmento de um autor.

Desta forma os alunos familiarizavam-se anteriormente com os termos que encontrariam no decorrer da leitura. A Professora, também investiu na apresentação de vídeos curtos sobre determinados assuntos, como por exemplo, o vídeo “*A história das coisas*”, que se tornavam base para trabalhar diversos temas. O vídeo em questão foi apresentado no início do semestre, em março de 2012 e foi lembrado em diversas aulas no decorrer do ano letivo.

As aulas passavam muito depressa, essa era a sensação que eu tinha. Os alunos num tom de reclamação, quase sempre diziam, “mas já”, quando a sirene sinalizava que tinha chegado ao fim de mais um período. A professora Mara, seguidamente, também suspirava com ar de decepção, pois na grande maioria das vezes, não havia sido possível concluir, segundo ela, “satisfatoriamente” a reflexão.

“Vão pensado em casa o que vocês acharam sobre o conteúdo, anotem suas dúvidas e na próxima aula continuaremos”. Essa era uma frase que com muita frequência eu escutava ao final das aulas.

Mas retornando ao vídeo *História das coisas*, como referido anteriormente, este vídeo foi utilizado pela Professora para trabalhar alguns conceitos. Contudo, sempre fora complicado utilizar como ferramenta de apoio a sala de vídeo, pois 50 minutos nem sempre eram suficientes para a Professora se deslocar de uma turma até a outra, no segundo ano, as aulas eram no período anterior ao recreio,³³ e ainda organizar a turma, fazer chamada, propor a atividade, deslocar os alunos até a sala de vídeo, acalmar os estudantes nas cadeiras, assistir um vídeo e ainda ter tempo suficiente para trabalhar o conteúdo.

Neste dia a sirene tocou logo após o início das reflexões. Desta forma o trabalho foi retomado na aula seguinte, porém fazendo uso de alguns minutos a mais após a sirene, propôs um trabalho para ser realizado em casa.

Como tarefa, que começaria em casa e teria continuidade na aula da semana seguinte, a Professora solicitou que os alunos refletissem sobre a “lição que o documentário passava”, ou seja, qual a mensagem estava sendo apresentada. O que os alunos haviam extraído de importante do vídeo. Apontou que seria importante que anotassem suas dúvidas e quem desejasse poderia procurar na internet e assistir novamente.

³³ Espaço para lazer entre as aulas (Hauaiss, 2004)

Na semana seguinte, muitas foram as colocações apontadas pelos estudantes em relação ao que aprenderam com o documentário. Entretanto os poucos minutos de reflexão já demonstravam que os alunos estavam atentos ao conteúdo relativo ao filme.

Aluno:

O nosso valor é medido de acordo com o quanto nós compramos.

As nossas ações refletem nas futuras gerações, assim como as ações passadas influenciaram na nossa vida.

Temos que comprar menos para reverter a situação do planeta.

Nós ajudamos as grandes corporações a dominar o mundo. Acabamos nos tornando dependentes de produtos. A mídia ajuda nos tornarmos dependente, ela incentiva o consumo.

Eu já havia visto este vídeo, mas não tinha percebido essas coisas que a professora colocou.

Professora:

Esse documentário é muito útil para discutirmos vários assuntos, como por exemplo, produção e consumo no sistema capitalista, ele mostra como é complexo esse sistema econômico. Faz crítica as formas de exploração dos recursos naturais, o poder das corporações e também mostra o papel dos Estados. Fala sobre as condições de trabalho nas indústrias, a geração de poluentes, sobre o uso de produtos tóxicos. Mostra o poder da mídia no aumento do consumo. Aponta o destino final dos resíduos e algumas possibilidades para ter um mundo sustentável. (Diário de campo, março de 2012).

Na aula seguinte a Professora retomou alguns pontos, que segundo ela eram importantes para a reflexão sobre o conteúdo do vídeo.

Ela começou a aula questionando os estudantes sobre o objetivo da Sociologia. Num primeiro momento, achei estranha a forma como ela estava conduzindo o trabalho, pois o propósito da aula era finalizar, ou iniciar as considerações sobre a produção *A história das coisas*.

Os estudantes ficaram em silêncio, esperavam também uma reflexão sobre o vídeo. A professora prosseguiu dizendo:

O objetivo da Sociologia é fazer com que vocês saiam do senso comum e tenham condições de perceber os fenômenos sociais de uma maneira mais consciente. Sair do senso comum é fazer uma análise fundamentada a partir de teorias, de dados confiáveis, de informações conferíveis, que tenham sido estudadas, problematizadas e conferidas.
Mas o que é o senso comum, quem sabe dizer?

Aluno:

Pensar uma mesma coisa, como se fosse uma crença.
É uma crença que surge da sociedade.

O que é comum, pensado na sociedade a partir de uma crença.

Professora:

Ótimo e o que há de equívoco no senso comum?

Aluno:

Carregado de valores formatados.

O senso comum é um pensamento pessoal, é algo que eu digo porque acredito, mas não sei se é verdade.

O senso comum cria preconceito sobre algumas coisas.

Senso comum é comum porque todo mundo usa. (alguns fizeram gestos de contrariedade, porque o aluno que fez esta colocação, estava com tom de brincadeira ao se manifestar sobre o senso comum, mas a professora prosseguiu.)

Professora:

Muito bem, tirando as brincadeiras, agora digam: o que vocês pensam é de vocês ou é o que a sociedade quer que vocês pensem?

Aluno:

Se você não pensa o que o grupo pensa, muitas vezes você é criticado professora.

Eu acho que sim professora, o que eu penso é meu.

É nada.

Claro que é, se eu escolho uma ideia, fui eu quem decidi, é minha.

Professora:

Na maioria das vezes pensamos que as ideias são nossas, mas não são. Desde pequenos somos direcionados a pensar de acordo com o que a nossa família acha que é o certo. Por exemplo, uma menina que mora na Índia aprendeu que meninas precisam usar véu. Vocês meninas usariam?

- As meninas responderam que não, houve aquelas que somente movimentaram a cabeça negativamente.

Professora:

Pois é, mas com certeza se vocês tivessem sido educadas na Índia, concordaria que é certo usar o véu. Isso mostra que somos educados e que somos direcionados a uma crença, para uma cultura e que embora tenhamos nossos estilos, ainda assim pegamos daqui e dali exemplos que moldam a nossa forma de pensar, de se vestir, de agir.

E quem organiza as ideias de um grupo, alguém saberia dizer?

Aluno:

As leis, elas são regras. (só um aluno respondeu, os outros aparentaram não saber ou tinham dúvidas)

Professora:

Isso, as leis. Cada grupo social tem suas regras e suas leis. Aqui, para os brasileiros, não é regra usar o véu, na Índia sim.

Aluno:

O senso comum é a moda e as marcas né profe?

Professora:

Podemos dizer que sim.

E o que são as leis?

Aluno:

As regras que uma sociedade tem.

O conjunto de regras.

O que organiza uma sociedade.

Professora:

E quem escreve as leis e organizam elas, vocês sabem?

Aluno:

Os políticos professora.

O estado.

Professora:

Muito bem, então digam, para uma sociedade funcionar o que é preciso?

Aluno:

Pessoas.

Regras professora? (o tom foi de questionamento)

Trabalho.

Lugar para morar.

Comida. (aqui os alunos sorriram)

Roupa. (ouve quem brincasse que os índios andam pelados e vivem em sociedade. Com isso a Professora retornou a dizer que isso serve de exemplo para demonstrar que cada grupo tem suas regras, seus costumes e que o que parece errado para nós pode ser apenas um hábito cultural em outra sociedade e que a Sociologia nos ensina a perceber estas diferenças e a entender porque esse fenômeno acontece. A reflexão não foi aprofundada.)

Professora:

Bom, isso tudo está correto. Neste ponto podemos retornar ao vídeo. Se precisarmos de um lugar para morar, logo, precisamos de bens materiais: alimento, roupas, comida, como vocês apontaram.

Mas, para que tenhamos bens de serviço precisamos de conhecimento, pois é com o conhecimento que se desenvolvem as máquinas e se aperfeiçoa o modo de produção. Lembram o que é modo de produção?

Aluno:

Sim. Dependendo do período, tem-se um modo de produção.

Professora:

Isso, e qual é modo de produção atual?

Aluno:

Capitalista. (Os alunos falaram em coro).

- O sinal toca e a professora deixa como tarefa, que os alunos façam um texto, a partir da seguinte questão: *Qual o papel e desempenho dentro da sociedade?* (Diário de campo, abril de 2012).

A aula seguinte eu precisei me ausentar ³⁴, mas a Professora me relatou que poucos se lembraram de fazer o texto, porém ela permitiu que entregassem até o final do semestre, para poder avaliá-los.

Em outra oportunidade conversamos, eu e a Professora Mara sobre a metodologia utilizada no trabalho com o vídeo. Quanto a isso ela apontou que, se ela mesma for apontar o que o vídeo ou o texto quer dizer, os alunos acabam não exercitando o pensamento reflexivo. Muitas vezes, segundo a Professora, refletir sobre o que esta em torno do material passado, pode parecer que se esta fugindo da reflexão proposta, contudo, “é uma maneira de estimular o aluno a relacionar pontos que aparentemente não estão conectados com fenômenos que ocorrem dentro da sociedade” (Diário de campo, abril de 2012).

Eu tive a oportunidade de ler alguns dos trabalhos daqueles alunos que entregaram no período estipulado pela professora. Os devolvi, para a professora, mas tomei nota de algumas passagens.

Dentre as colocações tinham.

Todos exercem um papel dentro da sociedade é o que Durkheim diz. O meu papel é de filha e estudante, por enquanto, mas no futuro vou exercer uma profissão e a minha profissão terá uma função dentro da sociedade. (L.P)

Eu trabalho com o meu pai então eu exerço uma função dentro da sociedade, ajudo nas despesas de casa e, também, contribuo para a economia, pois com o meu salário compro o que preciso e o dinheiro circula. (A.K)

Eu ainda não sei qual o meu papel dentro da sociedade, não trabalho, só estudo, dependo dos meus pais, não contribuo para economia. Mas eu sei que tenho um papel dentro da sociedade, só não sei qual. (o aluno esqueceu de colocar o nome no trabalho)

Eu ajudo minha mãe em casa, então exerço uma função dentro da sociedade, ajudo minha mãe. Também venho a escola e a professora disse que sem aluno não tem escola. (J.). (Diário de campo abril de 2012)

O primeiro semestre da turma 201 iniciou no dia 7 de março e se estendeu até a segunda semana de julho. No decorrer destes meses a Professora Mara seguiu uma linha de raciocínio interligando os pontos de uma aula na outra. Os alunos opinavam sobre os pontos que gostariam de enfatizar e a Mara preparava o material conforme as indagações dos alunos. Eram textos pequenos com uma página, as vezes duas, que a professora trazia de casa pronto, algumas vezes os alunos trabalhavam em grupo para o material ser suficiente para todos e,

³⁴ Em 2012 precisei trabalhar para me sustentar, em função disso em algumas ocasiões precisei optar entre o trabalho que fornecia o meu sustento ou as observações das aulas.

aqueles que quisessem o material só para si, eram liberados para que fossem até a livraria, que localizava-se em frente ao portão principal da escola, fazer cópia.

Neste primeiro semestre do segundo ano do ensino médio, poucos pesquisavam algo extra, se contentavam com o conteúdo que a professora passava, pareciam ainda não muito motivados com a Sociologia, embora participassem das discussões em sala de aula e demonstrassem estar compreendendo os conteúdos. Porém, quando a professora dava como tarefa procurar algo mais do que ela havia apresentado, eles faziam o exercício pedido.

Foi em uma de nossas conversas que a Professora Mara, naquele final do primeiro semestre, falando sobre o andamento da disciplina e a forma como estava sendo trabalhada, salientou que havia optado por focar nos temas de interesse dos alunos, pois era uma estratégia pensada para motivar mais a turma a pesquisar e estudar Sociologia.

Pensando assim, a professora Mara, pediu novamente sugestões de temas para serem trabalhados no próximo semestre. Temas como política, sociedade, globalização, trabalho, desigualdades sociais, tinham sido apresentados aos alunos, mais para o final do primeiro semestre, com o intuito de serem retomados novamente no segundo semestre conforme surgissem oportunidades dentro das discussões.

Isso aconteceria em virtude de que os temas de interesse dos alunos eram assuntos que, conforme a Professora Mara, precisariam de mais tempo para serem aprofundados. Segundo ela, “cada tema necessitaria de um semestre inteiro para ser discutido profundamente. Se for levado em consideração que temos apenas uma aula de 50 minutos por semana”. Em vista disso, as temáticas desejadas pela maioria foram priorizados. Globalização foi um dos assuntos de interesse de todos.

A professora trabalhou globalização utilizando os próprios estilos de vida dos estudantes, o tênis, o celular, o estilo do cabelo, o gosto musical, etc. Ela passou um texto com recortes dos textos originais de alguns autores e reflexões sobre eles, que ela mesma elaborou a partir de leituras pessoais. Citou como referência *As consequências da modernidade* (Giddens) e *O mal estar da pós-modernidade* (Bauman).

Anotei o que pude de suas colocações. Vale ressaltar aqui, que a opção de anotar o que a professora apontava, suas falas, e os diálogos que iam surgindo no decorrer das aulas foi uma escolha tendo em vista que os alunos assinalavam que era a partir da explicação da professora que se tornava possível compreender as relações entre os fenômenos sociais, o sentido de uma ação, de uma atitude, etc.

Desta forma o modo como a professora trabalhava era de grande relevância para compreender o que o modo como os alunos percebiam a disciplina.

Professora:

Esses autores possuem diferentes opiniões sobre a globalização, isso já nos mostra que não existe uma única forma de ler o mundo, uma única resposta ou explicação para as mudanças sociais.

Giddens vê a globalização como sendo um processo de profundas mudanças sociais, sendo que essas mudanças ocorrem na estrutura social e fazem surgir outros processos a partir da intensificação, do aumento, das relações sociais em escala mundial. O que isso significa?

Que hoje, em questão de segundos, você sabe o que está acontecendo do outro lado do planeta. Que agora você pode conhecer pessoas do Japão sem sair de casa, vocês podem conversar com um amigo que esteja em outro país, você vê e ouve ele como se estivessem um do lado do outro.

Todos nós de uma maneira ou de outra somos atingidos por esse processo. Um evento que aconteça nos Estados Unidos pode refletir na economia lá do bairro em que vocês e a família de vocês moram e o mesmo também pode acontecer, algo que ocorra aqui em Santa Maria poderá ter consequências mundiais, dependendo do impacto que o tal acontecimento tenha para a sociedade.

Bauman também vê a globalização como fruto da intensificação das relações sociais, e sociais aqui envolve o econômico, político e tudo mais. Só que ele é mais pessimista que Giddens. Enquanto um vê mais o lado positivo desse forte aumento das relações e interferência de um acontecimento sobre o outro, de uma sociedade sobre a outra o outro analisa mais as consequências negativas desse processo (...), (Diário de campo, julho de 2012).³⁵

Como trabalho avaliativo sobre a globalização a Professora Mara pediu que eles elaborassem de maneira criativa um texto, um esquema, algo que pudesse expressar o entendimento deles sobre o assunto. Como base para o trabalho, ela sugeriu que os alunos retomassem o vídeo *A história das coisas*, disponível na internet, para auxiliar eles a pensarem a respeito das considerações realizadas em aula, a partir do material sobre globalização.

Foi sugerido que, aqueles que quisessem, podiam procurar outras leituras na internet sobre o assunto. Em função desta temática, surgiram questionamentos como: “professora, a ideia de que se tu tem dinheiro tu é feliz é o capitalismo que emprega?”

A professora fez uma reflexão simples em resposta: “A sociedade, diferente do que Durkheim falava, é fruto do nosso trabalho, de nossas ideias, depende de nós aceitarmos ou não o que nos é apresentado”. A aluna ficou reflexiva e em silêncio, pois acredito que, assim com eu, ela estava esperando uma opinião da professora e não foi o que aconteceu, ficou a cargo da aluna responder o seu próprio questionamento.

Outros estudantes, também fizeram suas colocações, em relação ao que a colega perguntara, apontando que “as pessoas são manipuladas, acham que para ser feliz tem que ter o tênis da moda, tem que ter dinheiro para comprar um telefone importado”. “Nós somos educados que se não tivermos dinheiro não seremos felizes, mas tem muita gente cheia do dinheiro que é infeliz”.

³⁵ Colocações da professora aos alunos.

A professora retomou a conversa dizendo: “Não nos damos por conta que estamos sendo influenciados, porque não temos o costume de refletir sobre as nossas vontades, sobre as nossas necessidades, por isso é importante vocês saberem quem vocês são dentro da sociedade, refletirem sobre o papel que vocês exercem”.

A professora aproveitou o momento para chamar a atenção quanto a entrega dos trabalhos, apontou sobre a importância de todos apresentarem suas considerações sobre os temas trabalhados em aula, bem como refletirem sobre os acontecimentos sociais de modo geral, pois, isso “fará vocês (os alunos) saírem daqui, sabendo defender um pouco melhor as suas ideias”.

No decorrer desta aula, entre reflexões e perguntas, dois alunos apresentaram seus trabalhos. Um deles ilustrou sua explicação da seguinte maneira:

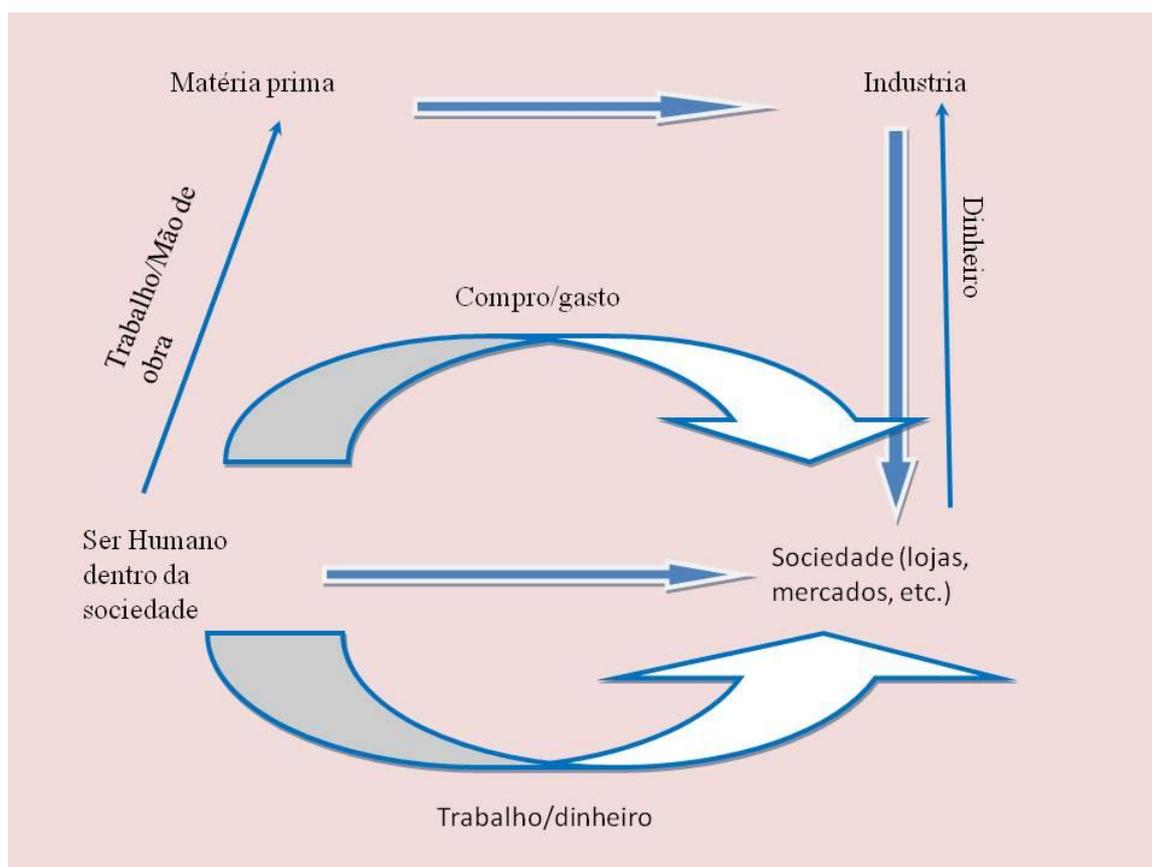


Figura 5 - Atividade avaliativa (2012), aluno (A. K).

Fonte: Diário de campo (2012)

O esquema acima é o trabalho avaliativo, sobre globalização, apresentado por um dos alunos. Ele se referiu a forma de organização do capitalismo para apontar que a

“globalização existe por causa do capitalismo” e “um não vive sem o outro”.³⁶ Nesta mesma aula, outro aluno levou um lindo cartaz, com um desenho ilustrativo ³⁷ para expor sua opinião sobre a temática. Ele também se reportou ao capitalismo para falar sobre a Globalização, reproduziu a imagem de um homem, alto e forte pisando sobre outro com aparência frágil. Segundo o estudante: “Quem tem mais poder e dinheiro vence e quanto mais poder, mais opressão”. Isso seria uma consequência negativa do capitalismo, para este aluno.

Houveram alunos que apontaram o lado positivo do capitalismo e da globalização, mas o que prevaleceu nas apresentações foram as negativas.³⁸ Pelo entusiasmo demonstrado pelos alunos nas aulas, pode se dizer que gostaram muito de estudar esta temática. Assegura-se isso, tendo em vista que os estudantes se mostraram super empolgados para falar sobre o assunto e todos em grupo, individualmente ou em dupla, realizaram a tarefa dentro do período proposto.

Fizeram cartazes com recortes de revistas, outros desenharam, alguns misturaram desenho com recortes, pinturas, utilizaram material reciclado, tudo isso para ilustrar o desenvolvimento tecnológico, a rapidez com que tudo chega em todos os cantos do mundo. Assinalaram para o intercâmbio cultural, para as trocas simbólicas, gírias, vestimentas. Uns enfatizaram o lado ruim da globalização como a falta de privacidade, a validade das informações, a exploração.

Era nas colocações e conexões realizada nas apresentações de seus trabalhos que se tornava visível o quanto os alunos estavam progredindo. Ponderações simples com uma linguagem mais comum, mas que estavam demonstrando uma reflexividade sobre a temática. Como por exemplo:

Com a globalização um país fica dependente do outro, os países ricos utilizam a mão de obra dos países pobres. Um país produz a matéria prima o outro o produto, as grandes corporações se mudam para os países pobres em busca de mão de obra barata, depois que sugam todas as capacidades daquele país vão embora para outro.

A informação chega mais rápido em todas as partes do mundo devido ao grande desenvolvimento da tecnologia. A tecnologia se desenvolvendo rapidamente gerando concorrência e os fabricantes são obrigados a baratear os custos, isso faz

³⁶ O esquema acima é uma reprodução, que eu fiz, copiei do material do aluno. Esta no meu Diário de campo (2012). Embora, naquele momento, o aluno tenha me emprestado o trabalho original, e o devolvi, depois de reproduzi-lo no meu Diário. Quando novamente solicitei à ele, para anexar o original neste trabalho, o aluno não o encontrou, relatando que, deve ter ido fora junto com outros papeis.

³⁷ Este desenho, não ficou comigo, era um cartaz grande e ficou na escola, naquele momento não tive a iniciativa de fotografá-lo, e mais tarde quando percebi a importância de apresentá-lo, pedi à professora e ao próprio aluno, se ainda era possível ter acesso ao cartaz, mas ambos não sabiam do paradeiro do mesmo.

³⁸ Para fazer o trabalho sobre Globalização os alunos me pediram ajuda, eu indiquei o site do professor Holgonsi Soares. Disse a eles que no site deste professor encontrariam bastante coisa sobre globalização, suas consequências, etc.

com que mais pessoas tenham acesso a tecnologia. Claro que os países tipo o Brasil sempre estão atrasados, o celular que nos Estados Unidos é ultrapassado aqui no Brasil está sendo lançado como novo modelo.

A globalização gera uma mistura de diferentes culturas, diferentes pessoas convivem e trocam informação.

Globalização significa conversar com alguém do outro lado do planeta em tempo real, antigamente a notícia ia por carta e demorava muito tempo para alguém saber de um acontecimento. Se alguém viajava para outro país só tinha notícia dessa pessoa de vez em quando, agora não, é só ligar o computador ou usar o telefone.

Com a globalização a gente entra em contato com pessoas distantes, mas se pensarmos um pouco, seguidamente deixamos de conversar pessoalmente com as pessoas que estão perto. Tudo é no computador, ninguém mais se visita, as crianças não brincam com bola, agora é só jogo no computador.

A globalização transformou a vida das pessoas, nada é mais como antes, as pessoas não são mais as mesmas; é possível ter acesso a diferentes estilos musicais, diferentes tipos de roupas, conversar com pessoas que falam diferentes idiomas mesmo sem falar sua língua, dá para traduzir no Google tradutor.

Aprendemos sobre diferentes culturas sem sair de casa. (Diário de campo, maio e junho de 2012).³⁹

Neste ano letivo junto a turma 201, minha relação com eles e com a Professora foi bastante próxima. Em algumas ocasiões, em que a Professora Mara precisou se ausentar, por problemas de saúde ou outro problema pessoal, ela me ofereceu a oportunidade de assumir a turma.

No entanto, estas eram oportunidades que eu aproveitava para conversar com os alunos sobre a minha pesquisa, com o consentimento da Professora. Momentos dos quais eu aproveitava a presença se não de todos, da grande maioria dos estudantes para coletar informações, perguntar à eles sobre o andamento da disciplina, quais mudanças a Sociologia estava proporcionando na vida deles a partir do que estavam aprendendo, o que tinham a dizer sobre a disciplina, etc.

Nestas ocasiões, eles também faziam colocações sobre outras disciplinas, outras situações vivenciadas por eles dentro da escola e nas suas vidas pessoais. Era um ambiente que nos aproximava bastante ao mesmo tempo era uma boa oportunidade para saber de assuntos que eles não conversavam nas aulas, nem na presença da Professora.

Eu os indagava sobre as aulas, quais eram suas opiniões em relação a metodologia utilizada pela professora, entre outras discussões referentes a escola. Se havia reclamações e sugestões que gostariam de fazer. Na maioria das vezes eu começava o diálogo e eles mesmos

³⁹ Não referenciei no Diário quais alunos fizeram estas ponderações, por isso não referenciei com a inicial de seus nomes.

direcionavam a conversa para aqueles pontos que mais os atingia, seja negativamente ou positivamente.

As ocasiões em que perguntei a eles suas opiniões em relação a metodologia utilizada pela Professora Mara, eles se reportavam quase sempre à outras disciplinas fazendo comparações. Geralmente aquelas que eles não simpatizavam com a maneira utilizada pelo professor(a) para a apresentação dos conteúdos. A disciplina com maior número de reclamações na turma era de História. Segundo eles o Professor de História, a cada aula lia um fragmento do livro, ou os fazia lerem e aplicava questões das quais depois era preciso somente decorá-las para as provas: “é pedido exatamente as mesmas questões e é só decorá-las”⁴⁰.

Essa postura revelava que os estudantes não estavam aprovando essa metodologia de ensino. Um dos alunos, com tom de voz um pouco irritado disse: “eu odeio ter que decorar datas ou qualquer coisa. Eu decoro para a prova, mas depois me esqueço”⁴¹.

Em relação a esta questão é plausível trazer a reflexão realizada pelo Educador Pedro Demo, Segundo ele:

Os professores, por cacoete de formação, têm dificuldade extrema de se aceitarem “discutíveis”. Nossa tendência é de encarnar o argumento de autoridade – impróprio no mundo científico – em especial transmitindo reprodutivamente conteúdos curriculares, em geral sem produção própria. (DEMO, 2010a. p.868)

De acordo com a fala dos alunos, outros Professores, não somente o da disciplina de História, apenas reproduz o livro didático. Em algumas ocasiões, o faz “copiarem o que está escrito no livro”, dizendo a turma que o que precisam saber é “aquilo que a universidade vai cobrar no vestibular”.

Ao ponderarem sobre a metodologia das aulas da Professora Mara foram quase unânimes as opiniões de que “os debates e as pesquisas” são elementos que contribuem para uma compreensão melhor do conteúdo, isso porque segundo a turma, eles podem “perguntar e dar opiniões”⁴². “A professora Mara nos escuta, deixa nós falar, não nos impõem a vontade dela”⁴³ “Para que eu preciso saber o que vai cair no vestibular se eu quero ser militar”⁴⁴.

O fato de, a Professora Mara compartilhar algumas decisões com a turma, acredito que foi o que ajudou ela a conquistar a confiança dos alunos. Ao dar a eles responsabilidades,

⁴⁰ G.(2012)

⁴¹ R.(2012)

⁴² A.k (2012)

⁴³ L.P. (2012)

⁴⁴ M (2012)

permitindo que decidissem quais temas eram de maior relevância para suas vidas, transformando o interesse deles em problemáticas discutíveis em sala de aula, colaborou para que os alunos se envolvessem mais com a disciplina. Dessa forma o que estava sendo posto nas aulas era aquilo que haviam sugerido, não havia porque demonstrarem desinteresse.

Segundo Celso Antunes em palestra proferida no VI Congresso Internacional de Educação: *Educação Humanizadora e os desafios éticos na Sociedade Pós-moderna*, entre os dias 06 e 09 de maio de 2015 em Santa Maria, RS, a integração entre professor e aluno é muito importante, ou seja, mostrar que a solidariedade é necessária, trazer este aluno para organizar a disciplina, para pensar os conteúdos, mostrar que este aluno é, também, responsável na construção do seu conhecimento, ajuda a estimular o interesse deste para aquilo que esta sendo trabalhado na disciplina. Dessa forma o aluno se sente respeitado e contribui para que ele se descubra artigo de sua própria felicidade.

É o professor que tem que mudar a cara da aula. Ele precisa ensinar o aluno a trabalhar em grupo a se solidarizar, e o professor precisa materializar isso em aula. Ensinar o aluno a se redescobrir e desenvolver valores como uma condição de vida, pois muitas vezes o aluno não tem certa postura não porque não quer, mas porque não teve a oportunidade de aprender. IV Congresso Internacional de Educação (2015)

Percebo que a postura da professora vai ao encontro das colocações de Celso Antunes. Desta forma a postura da professora Mara revela uma metodologia legitimada dentro da comunidade acadêmica.

A professora Mara Miranda em suas aulas abriu espaço para críticas e sugestões de como melhorar as suas aulas. Essa forma de comandar a disciplina, a meu ver, foi o que levou a aula da Professora Mara a trilhar num caminho exitoso. E exitoso aqui vai além de uma boa convivência entre a turma e o Professor, mas envolve aspectos como o despertar dos alunos para reflexões novas sobre aquilo que é banal em suas vidas. De acordo com Celso Antunes (2015), a maneira mais prática de ensinar é relacionando, comparando e analisando, e é o professor que precisa ajudar o aluno aprender os caminhos para alcançar essa ação.

Segundo a própria professora Mara:

Ainda que as respostas dos alunos não estejam sendo bem elaboradas, totalmente coerentes, tenham frases soltas, suas manifestações demonstram que estão conseguindo olhar para a realidade social e enxergarem as relações que existem entre um fenômeno e o outro. Isso mostra que eles são capazes de elaborar suas próprias reflexões sobre os fatos e também nos mostra que a Sociologia tem um papel importante dentro da escola. E é para isso que eu estou aqui, não é somente

para dar uma nota no final do semestre ou ensinar o que vai cair no vestibular. (Diário de Campo, 2012).

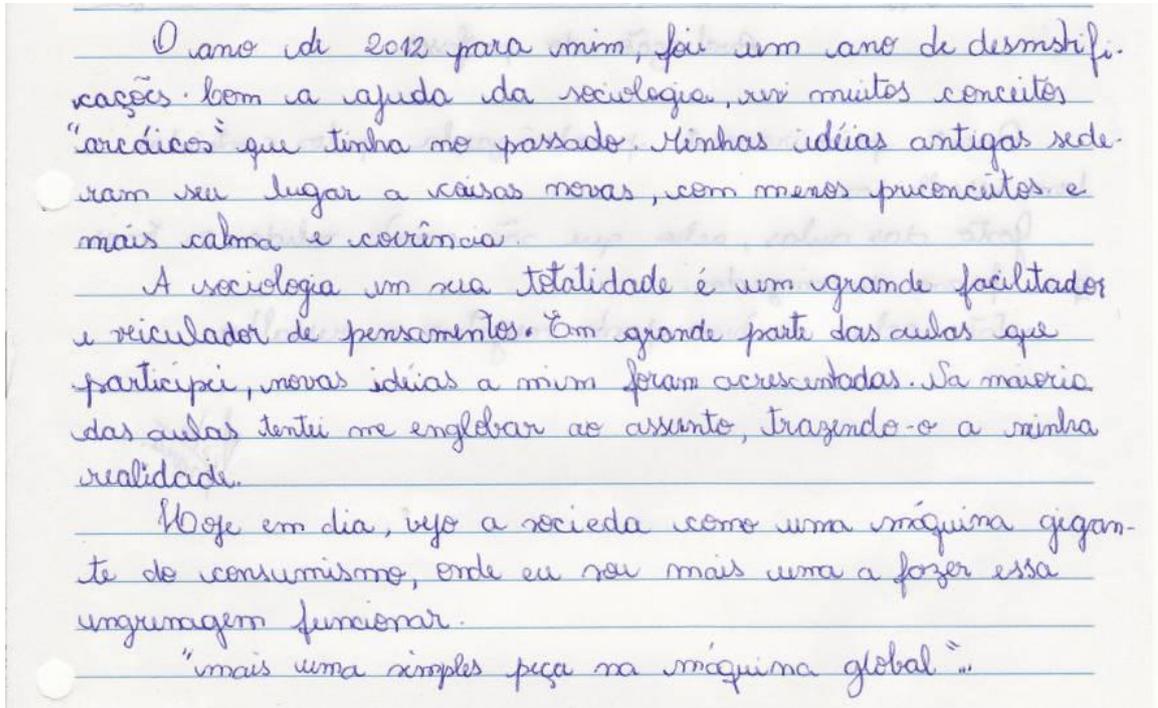


Figura 6 - Reflexão de final de semestre e avaliação.

Fonte: Material cedido pela professora. Aluno J. N. (2012)

Tanto o pedagogo Américo Peças, membro do Movimento da Escola Moderna Portuguesa, quanto Celso Antunes apontaram que a afeição pelo professor, o carinho e a capacidade de ensinar a introspecção do que está sendo ensinado são elementos fundamentais para garantir o sucesso da aprendizagem.⁴⁵

A partir disso percebi que a estratégia de trabalho em conjunto com os alunos, deixando-os escolher, pautar suas sugestões trouxe benefícios para as aulas de Sociologia. Os estudantes, neste segundo ano de ensino médio, começaram a se preocupar com o futuro, com o depois do ensino médio. Estavam mais calmos, menos bagunceiros, as aulas estavam mais interessantes, mais instigantes.

Os alunos perguntavam, se questionavam, debatiam, discordavam da Professora e dos colegas, era uma aula onde todos de maneira geral participavam. E de acordo com o

⁴⁵ IV Congresso Internacional de Educação, Santa Maria, 2015.

posicionamento dos alunos, a forma como a Professora conduzia as aulas, respeitando eles mesmo que divergissem de opinião, fez com que eles começassem a gostar da disciplina.

Com a turma 201 a Professora Mara, também optou em organizar a turma em círculo, isso igualmente contribuiu para o aumento da participação. Alguns alunos não gostaram da ideia, mas a maioria não se opôs e no decorrer do ano letivo a turma, antes mesmo de, a professora entrar em sala de aula, já se posicionavam em círculo.

É possível perceber na colocação e na postura dos alunos em sala de aula, o quanto as estratégias colocadas em prática pela Professora tinham sido bem recebidas pela turma.

Gostei muito de todos os conteúdos propostos, gostei muito dos trabalhos que nós escolhemos os temas. O método da professora é muito bom, pois ela nos ouve e faz com que nós formamos as nossas ideias. Vou levar muita aprendizagem com as aulas de Sociologia, como ser bem comunicativa, etc. Uma sugestão que eu faria é que fizéssemos grupos sobre o assunto, apresentássemos as ideias e depois cada um teria que se posicionar. (L. S. N. 2012)

A professora é muito boa, procura métodos novos de ensino, faz as aulas serem diferentes a cada dia, só tenho a agradecer por tudo que a professora faz, pelas palavras maravilhosas que coloca em nossas aulas. (S. N. 2012)

A matéria foi bem trabalhada e os conteúdos foram bem discutidos e fez nós pensar em nossas atitudes e da sociedade. Tenho sugestões: ter mais conversa em sala de aula e mais trabalhos interativos, pois é melhor de fixar o conteúdo. (L. G. T. 2012)

Apesar de poucas aulas. Eu acho que o objetivo foi cumprido. Fazer com que todos compreendam o conteúdo, não só aprender, mas sim entender, ter um conhecimento geral da nossa sociedade. Método de ensino ótimo, fazendo com que todos interajam com todos, mas não só entre os colegas e sim com a sociedade. A única sugestão para o próximo ano é que aumente o número de aulas, um período é muito pouco para um longo, debate ou troca de ideias. (W. P. 2012)

O ano de 2012, foi difícil para a Professora Mara, ela se mudou com a família para outra cidade, até cogitou a ideia de ir embora e deixar a escola, mas ela preferiu formar a turma e, além disso, pensou também no meu trabalho. Existia a possibilidade da professora que viesse substituí-la, não permitir que eu fizesse observações em suas aulas e com isso não iria ser possível concluir os três anos de observação com a turma.

Além disso, os estudantes não receberam com muita satisfação a possibilidade da professora ser substituída. Reclamaram, diziam: “Sorinha do meu coração, não nos deixe”, “vou mudar de escola”, “a senhora não nos ama mais, vai nos entregar para outra qualquer”.

Um pouco sensibilizada, tanto com os alunos e com a possibilidade da minha pesquisa não ter uma continuidade a Professora Mara decidiu ficar na escola até a turma se formar. Ela se deslocava de Santa Maria à Rosário do Sul, cerca de 140km para dar aulas. Algumas vezes permanecia em Santa Maria no decorrer da semana e nos finais de semana

retornava para casa. Passou a ser uma situação “cansativa” de acordo com ela, mas preferiu enfrentar mais esse desafio em nome do seu trabalho.

Não quero abandonar os meus alunos na metade do caminho, não sei quem virá me substituir, não sei o que e como vai dar a disciplina. Essa meninada tem um grande potencial, percebem as coisas rapidamente, têm tudo para saírem do ensino médio sujeitos mais reflexivos e questionadores e se eu deixa-los agora, vou ficar com a sensação de que não cumpri o meu dever. (Diário de campo, julho de 2012)

Aqui cabe, a meu ver, uma reflexão realizada por Américo Peças. Ao refletir sobre a educação nos tempos atuais, ele aponta para o fato de que “sem afeição não conseguimos assumir efetivamente a tarefa de ser professor”. Quando ele disse: “conseguimos”, ele se referiu ao fato de que ele é professor também, porém percebe-se nas colocações da professora Mara que ela se afeiçoou pela turma, ela assumiu o papel de conduzir com “carinho e amor”, como aponta Peças e Antunes. Porém é complicado dizer que o sucesso de um aprendizado depende disso, porém, pode-se dizer que contribui muito.

Os assuntos que se seguiram no decorrer do primeiro semestre do ano de 2012, foram, mídia, consumo, controle social, controle ideológico, indústria cultural, cultura, agentes de controle, estado, governo, poder, política. Como já mencionado, o material oferecido pela professora era composto por um texto compilado pela mesma a partir de fragmentos originais de vários autores, os quais a professora não apresentava a referência completa no final da página do referido texto, tendo em vista que aumentaria a quantidade de páginas e assim seriam mais folhas para foto cópias e com isso os custos do material se elevaria, contudo em sala de aula quando citava algum conceito, não deixava de se reportar a autoria do mesmo.

No que se seguem, algumas manifestações dos alunos sobre os temas trabalhados na disciplina de Sociologia.⁴⁶ Como de costume eles apontavam frases aleatórias a respeito do conteúdo que estava sendo trabalhado e em meio a essas lembranças a professora construía um novo questionamento que se relacionasse com a frase pontuada, buscando avaliar a expansão do conhecimento do aluno em torno daquilo que ele mesmo tivera apontado.

Sobre controle social:

Aluno:

O estado controla os interesses da sociedade.

⁴⁶ Como apontado em outras ocasiões dentro deste trabalho, os diálogos observados em sala de aula, as conversas, os posicionamentos tomados nota por esta pesquisadora, não terão nenhuma identificação, pois durante as aulas, para dar conta de tantas informações, nem sempre foi viável anotar pontualmente o que cada aluno expressava.

O governo que comanda a sociedade.

Professora:

Não só isso pessoal, a sociedade também pode controlar o governo. A sociedade civil, que somos nós, pode participar das decisões tomadas pelos órgãos públicos, o que a maioria das pessoas não fazem, porque não tem conhecimento de que podem participar das decisões públicas. E quem são os agentes de controle que vocês conhecem?

Aluno:

Polícia. (aqui a professora não deu muito tempo para outros alunos se manifestar, após a primeira resposta, realizou a seguinte e assim deu continuidade nas demais questões e explicação, acredito que tendo em vista o horário passar muito depressa, se ela fosse dar espaço para todos se manifestarem, não teria tempo suficiente para adentrar um pouco mais no conteúdo que ela havia programado.).

Professora:

E como é que a polícia exerce esse controle?

Aluno:

Através da força, professora.

Prendendo quem desobedece a lei.

Nem sempre, os políticos roubam e não vão preso. (quando a este questionamento a professor apontou que o aluno não estava errado em pensar assim, contudo é uma questão que com o tempo ela iria trabalhar, mas que antes disso precisavam entender alguns conceitos chaves).

Professora:

Isso, mas só a polícia exerce esse tipo de controle?

Aluno:

Acho que não.

Claro que não. A família, também tem esse papel.

E o governo também, por isso os políticos roubam e não são presos, são eles que controlam a sociedade e é lógico que não vão prender si próprio. (a professora colocou que o argumento era válido, mas que era preciso compreender porque essa situação é possível e que ela ia chegar lá até o final da disciplina).

Professora:

Porque a família é um agente de controle?

Aluno:

Porque ensina o que é certo.

Ensina o que aprendeu como certo, isso que tu ta querendo dizer.

Professora:

Vocês estão corretos, a família é o primeiro contato que se tem com a sociedade e quem nos dá as primeiras diretrizes para a entrada na sociedade.

Outro mecanismo de controle social? Quem sabe? Vocês estão presentes nele.

Aluno:

A sala de aula?

Tu professora? (Neste ponto os alunos ficaram pensativos, quietos olhando para a professora. Tive a sensação de que não haviam refletido sobre a possibilidade da escola ser um mecanismo de controle).

Professora:

Pessoal, a sala de aula, o professor, ambos fazem parte da escola que é um dos principais agentes de controle social. Isso porque, de certa forma, a escola impõe um conhecimento a vocês, ela diz o que vocês precisam saber, quais conteúdos vocês precisam aprender. Mas a escola é controlada por outro órgão de controle social que é o estado, a escola é um dos meios que o estado utiliza para controlar a sociedade. A escola ensina aquilo que o estado elege como sendo necessário para o desenvolvimento cognitivo de vocês. Por isso é importante saber refletir sobre as informações que chegam até vocês, como também sobre aquilo que vocês lêem ou o que é cobrado que vocês saibam.

Na ocasião desse assunto a professora referenciou o debate com base nos autores Gramsci e Mannheim: “Mannheim (1971) define controle social como o conjunto de métodos pelos quais a sociedade influencia o comportamento humano, tendo em vista manter determinada ordem”.⁴⁷ Enfatizou que em sua teoria a palavra é empregada “tanto para designar o controle do Estado sobre a sociedade quanto para designar o controle da sociedade (ou de setores organizados na sociedade) sobre as ações do Estado”.

Já tinha se tornado costume, a partir das discussões realizadas, a Professora Mara sugerir ao final das suas aulas que lessem e refletissem um pouco mais sobre o que tinham trabalhado. Isso se devia ao curto período de tempo que, não permitindo, na maioria das vezes, que fosse concluído todas as reflexões e ficassem sanadas todas as dúvidas dos alunos.

Além disso, prevendo que nem todos os alunos leriam novamente o material, a professora, comumente, sugeria que eles fizessem pesquisas na internet em relação ao ponto que mais havia chamado a atenção no tema trabalhado. Havendo dúvida, ela retomaria a discussão, mas também ressaltava, seguidamente que “na disciplina de Sociologia os assuntos se interligam e por conta disso muitas discussões poderiam ficar com lacunas abertas, tendo em vista que uma coisa se liga a outra e é gradativamente que os conceitos vão sendo apresentados e compreendidos, assim como gradualmente, também será, o desenvolvimento da capacidade de associação do que o aluno está aprendendo com a realidade que está presenciando” (Diário de campo, julho de 2012).

As aulas da disciplina de Sociologia, com a professora Mara, eram aulas continuadas, o assunto de uma aula interligava-se a outra, ou, as vezes, um assunto que fora trabalhado em semanas anteriores, era retomado como enfoque explicativo para dar início a outra temática. Como por exemplo, a aula sobre controle social teve alguns pontos retomados em outra aula em que foram debatidos os temas: Política, Estado, educação, legítimo e legal.

⁴⁷ Um dos fragmentos referenciados pela professora, o qual copiei do material fornecido por ela aos alunos.

Essas temáticas foram sugestões dos alunos e rendeu uma boa discussão. Tive a oportunidade de contribuir com a reflexão sobre política, na aula em que esta temática foi trabalhada, por motivos pessoais, a professora Mara precisou se ausentar e me pediu, se eu daria conta de discutir o assunto com eles.

Eu geralmente ocupava as aulas para conversar com os alunos sobre suas inquietações e dúvidas relacionadas a disciplina de Sociologia, ou seja, o que não estavam entendendo, quais as dificuldades em relação ao conteúdo, que tipo de aula eles sugeriam, etc. Contudo até então eu apenas observava, questionava-os e também enviava dicas de leituras. Assumir a turma foi uma responsabilidade, assim como uma grande oportunidade profissional, pois eu estaria por alguns instantes no lugar da professora e poderia sentir mais profundamente o que significa estar responsável por direcionar as reflexões referentes a um dado fenômeno social.

Essa experiência contribuiu com as ponderações que busquei realizar sobre a relação do professor com a forma de ensinar. Era metade do segundo semestre letivo de 2012, que teve início em setembro e fora finalizado no início de dezembro. Essa temática ocupou espaço significativo de algumas aulas de Sociologia. A Professora deu início ao trabalho, lembrando algumas considerações que haviam sido feitas no período em que havia sido apresentado o tópico controle social.

(...) As nossas ações foram assimiladas por nós no decorrer de nossas vidas. Nós pertencemos a uma sociedade e temos que agir dentro dos padrões do grupo a que pertencemos. Os padrões sociais funcionam como instrumento de socialização. Socializa-se é integrar-se ao grupo é assimilar o conjunto de hábitos e costumes característicos do grupo social.

Como já apontado, há vários agentes de controle social e o primeiro agente é a família, depois a escola, a Igreja e assim vai. Tenham em mente que todas as instituições sociais são agentes de controle. As instituições se valem da persuasão como também da coerção para controlar.

As ideologias também são poderosos agentes de controle social. Através da ideologia se estabelece uma visão de mundo. Em fim agora que vamos conversar sobre política e Estado, ficará um pouco mais claro para vocês tudo isso que já discutimos em aulas anteriores. (Diário de campo, outubro de 2012)

Como já não era mais nenhuma surpresa, os alunos não haviam feito cópia do material. Contudo a Professora trouxera cópias que possibilitou a turma toda trabalhar. Nesta ocasião a Professora Mara argumentou que para compreenderem o que é política se faz “necessário a leitura de um texto mais complexo, mais elaborado”.

Pessoal eu sei que é chato ficar lendo um texto muito longo, sobre assuntos que as vezes não são muito simples de compreender, mas vocês já estão no segundo ano do

ensino médio e precisam desenvolver o hábito da leitura, ler nos ajuda a adquirir vocabulário e argumentos. Vocês têm preguiça de ler duas ou três páginas, querem tudo mastigadinho e pronto, mas ano que vem muitos de vocês vão fazer o vestibular e entrarão na faculdade. Fiquem sabendo que lá vocês terão que ler artigos, livros e se não tiverem desenvolvido essa habilidade irão sofrer, vai ser mais difícil a adaptação. E outra coisa, vocês precisam aprender a encontrar dentro de um texto mais complexo aquilo que é importante, vocês precisam aprender a ler o que o autor ta querendo dizer, interpretá-lo, porque só reproduzir o conceito não significa que aprenderam a usá-lo. (Diário de campo, outubro de 2012).

Com esta conversa a Professora ocupou boa parte da aula, falou da necessidade dos alunos se interessarem pela leitura e o quanto isso é importante para o desenvolvimento das suas argumentações. “Vocês precisam aprender a formar suas próprias considerações sobre os textos”, disse ela aos seus alunos.

Vale salientar que haviam alunos dedicados, que buscavam informações além do que a professora passava, mesmo sem ela pedir, mas isso era uma minoria, outra parte se dedica ao que tinha sido apresentado na sala de aula e alguns, bem poucos pareciam não se interessarem pelas aulas.

De modo geral o fato de não lerem os textos é “pura preguiça”, de acordo com a Professora e, também, porque acham os textos longos “chatos” ou “difíceis de entender”, segundo os alunos (Diário de campo, 2012).

A primeira impressão, é de que os alunos são desleixados e desinteressados, têm dois ou três que vêm a aula quando querem, na maioria das vezes chegam atrasados, não copiam e nem entregam os trabalhos. Contudo, embora o fato de não adquirirem o material nem se preocuparem em copiar, não significa que não estejam participando e aprendendo.

A turma, ainda que não tenha o mesmo grupo de alunos a qual teve início em 2011, continua sendo dinâmica, heterogênea e bastante agitada. Porém, pode-se dizer que os alunos que ingressaram posteriormente à turma, aprovaram o modo com que a disciplina era encaminhada e aos poucos foram perdendo o receio de se manifestar durante as aulas.

No decorrer do ensino médio, a turma percebeu que pesquisar na internet as temáticas trabalhadas era mais fácil e mais acessível do que fazer cópia do material. Em uma das conversas livre, que tive com a turma, questionei porque não traziam o material e as principais razões apontadas pelos alunos foram:

Acho na internet tudo sobre esses assuntos.

A professora sempre manda agente pesquisar sobre os assuntos na internet, então eu prefiro não ficar com esse monte de folha, que depois vai ir fora mesmo.

Eu prefiro escutar a Mara a ler os textos, depois eu pesquiso na internet aquilo que me interessa mais ou aquilo que é preciso saber para a próxima aula.

A professora fala muito bem e eu entendo melhor ela do que o texto.⁴⁸

Observa-se que textos complexos e teoria pesada não atraem a atenção dos alunos e por conseguinte faz com que não se interessem pelo assunto. Preferem que a Professora compile, resuma as teorias. Essa forma de apresentação do conteúdo facilita o andamento da aula e faz com que os alunos leiam, contudo na opinião da Professora, isso “reduz a visão dos alunos sobre o conteúdo”, pois eles acabam se atendo nos recortes que ela apresenta e com isso torna-se reduzido, também, o alcance das discussões e das reflexões deles.

Porém a estratégia da pesquisa extraclasse, após a ponderação feita em sala de aula sobre as temáticas, foi um dos modos encontrado pela Professora para fazer com que os alunos não se fixassem unicamente no que ela estava dizendo. Além disso, colocá-los em conflito com suas respostas auxiliava a Professora a avaliar as considerações particulares de cada aluno.

Segundo a Professora Mara:

No momento em que eles estão procurando na internet sobre um tema, eles estão lendo. E para não copiarem de um único texto as informações, visto que sabem que vou contestá-los e ficam com receio de perderem notas, procuram vários fragmentos e compilam. Assim, eles já estarão lendo diferentes informações sobre tal assunto e isso já é válido, porque aprendem a selecionar as informações, a escolher aquilo que se aproxima do entendimento deles.

Eu não sou ingênua em achar que eles não copiam da internet, mas o professor precisa aprender a perceber nas colocações dos alunos, naquilo que eles selecionaram para representar o seu posicionamento, o que o aluno está querendo mostrar. Por isso eu estou sempre os questionando. O "por quê?" é muito importante. Porque tu escolheste esta e não aquela resposta? Porque tu pensou assim e não daquele outro jeito?

Esse é o momento em que o aluno vai associar aquilo que ele copiou da internet com o seu discurso e se foi um aluno que só copiou e nem se preocupou em refletir sobre o que estava copiando, ele não saberá explicar porque selecionou este e não aquele fragmento (Diário de campo, novembro de 2012).

No que se referem ao interesse demonstrado pelos alunos em realizar pesquisas na internet ou rever o que havia sido trabalhado em aula e formular questionamentos, observei que esta postura foi se desenvolvendo gradativamente a partir do momento em que a Professora começou a trabalhar em aula aquelas temáticas sugeridas pelos próprios estudantes.

⁴⁸ Perguntas que fiz ainda em julho para os alunos, mas que reflete o conselho apontado pela professora na aula de outubro.

Retomando a aula sobre Política, após uma breve reflexão sobre controle social, a professora começou apresentando conceitos básicos como:

Estado: Conjunto de instituições que compõem ou exercem o poder político numa sociedade territorialmente delimitada. É ele que detém o monopólio legal dos meios de violência (exército, polícia).

As funções do estado englobam o poder Legislativo, que legisla, administra. A função deste departamento é elaborar leis, aprovar ou rejeitar projetos.

O poder executivo, no caso de países presidencialistas, como o Brasil, é representado pelo Presidente.

O executivo tem a função de executar leis já existentes e propor novas também. Esse poder é organizado em três esferas. A esfera federal, representada pelo Presidente, a estadual, representada pelo governador e a municipal que é representada pelo prefeito.

O Judiciário tem o papel de julgar quaisquer conflitos que possam surgir no País, baseando-se nas Leis que se encontram em vigor. Cabe-lhe a função de aplicar as Leis, julgando de maneira imparcial e isenta, determinada situação e as pessoas nela envolvidas, determinando quem tem razão e se alguém deve ou não ser punido por infração à Lei.

É através do legislativo que o povo participa do Estado, ou seja, da criação de Leis, projetos etc. Por isso é importante saber escolher os representantes.

Governo: É o conjunto de mecanismos específicos para a tomada e a implantação de decisões dentro de uma unidade política (Estado ou nação) num período determinado.

Função do Estado: Segurança, execução das Leis.

Política: unificada pelo poder político, governadores, deputados, senadores (todos os parlamentares).

Sociedade Civil: atuam as instituições que estão fora do aparelho do Estado (sindicatos, Igrejas, empresas, movimentos sociais).

Poder: Força, autoridade (no sentido de reconhecimento, pode ser prestígio moral), conhecimento científico, experiência, etc.

A autoridade confere legitimidade ao poder. Ex: O médico tem autoridade, ou seja, reconhecimento científico, e é isso o que faz o paciente reconhecer, legitimar sua decisão.

Instituições organizadas na sociedade civil, mas que atuam, também, no estado (sociedade política). (Resumo do Material da professora. Diário de Campo, outubro de 2012).

As duas aulas que se seguiram eu me comprometi a trabalhar esta temática com os alunos, e quando a Professora retornasse, verificaria se a turma tinha algum questionamento, alguma dúvida. Foi uma experiência bastante importante para mim. Eu fiquei bastante ansiosa, mas feliz por que os alunos aceitaram que eu trabalhasse com eles no lugar da Professora Mara. Isso para mim foi um sinal de confiança.

Para não ter nenhum problema e nenhuma reclamação em relação ao fato de não ser a Professora Mara dar aula para eles, ela teve uma conversa com a turma anteriormente e solicitou à eles se concordavam ou não que eu a substituísse em uma ou duas aulas. Caso, contrário, eles estariam liberados naquele período, se a Direção assim concordasse ou, o mais provável, outro(a) professor(a) utilizaria o período para dar sua aula.

Além disso, se eu não ficasse com a turma, a Professora Mara teria que recuperar essas aulas no sábado. Os alunos adoraram a ideia, fiquei até um pouco apreensiva. Foi então que me comprometi na medida do possível ir, lentamente, apresentando o conteúdo, até a Professora voltar.

Como referência eu usei o texto que a professora me forneceu, eram 4 páginas com letras miúdas. Eu li todo aquele texto e pensei uma forma dinâmica para trabalhar o conteúdo proposto pelo material.

No dia da aula em questão, eles não tinham o texto consigo e nem haviam lido o material. Seria uma aula que eualaria e eles escutariam, visto que não sabiam do que se tratava o texto programado.

Desta forma, optei por partir do que eles sabiam sobre política e ir desconstruindo aqueles posicionamentos ligados ao senso comum. Foi então que decidi naquele momento fazer uma reflexão sobre o que eles sabiam ou entendiam sobre Política.

Desta maneira, após passar uma folha para que anotassem suas presenças, neste dia, a turma se fez presente quase que por completo, dei início aos trabalhos questionando-os sobre o que vinha em suas mentes quando escutavam a palavra *Política*. Como resposta eu ouvi muitas afirmações baseadas no senso comum, visto que não tinham se familiarizado com os conceitos anteriormente.

As colocações eram feitas sem reflexão previa do assunto, denotando a falta de conhecimento deles sobre o assunto. As respostas mais assinaladas em relação ao que sabiam ou pensavam sobre Política foram: “Corrupção, desvio de dinheiro público, partido, roubalheira, político desonesto”.

Para organizar o trabalho fiz uma lista, com o que eles iam colocando, visível a todos, no quadro negro. Primeiro deixei que se posicionassem, sem interferir e após o silêncio da turma, direcionei á eles alguns questionamentos. Entretanto a classe não havia lido, dessa forma, procurei ajudá-los a perceber o quanto seus discursos estavam impregnado pelo senso comum.

Primeiro rememoramos o que eles haviam estudado sobre senso comum e posteriormente apontei para o fato de que eles estavam afirmando coisas que haviam ouvido em casa, em noticiários. Que estavam reproduzindo o que o pai, a mãe ou os amigos diziam sobre política. Também, retomei alguns pontos da conversa que a Professora Mara tivera com eles sobre a importância da leitura.

Conversei com eles em relação ao fato deles não terem se interessado em ler o texto ou buscar em outras fontes, dados que embasassem suas afirmações sobre a temática que eles

mesmo pediram para ser trabalhada. Conversei bem tranquilamente, como se eu estivesse dando um conselho. Os alunos concordaram que não tinham se preocupado em ler o texto, porque seria eu a Professora.

Para adentrar no conteúdo, comecei dizendo à eles que a política esta presente em todas as relações, embora, na maioria das vezes, a primeira coisa que nos venha a mente, quando ouvimos falar de política seja políticos e partidos. Que Política se faz em casa, que ela esta presente nos relacionamentos, na relação estabelecida dentro da sala de aula.

Assinalei que existe política em toda e qualquer forma de relacionamento dentro de uma sociedade e que por isso é muito importante compreender os usos que são feitos dessa palavra. Eles ficaram pensativos e alguns pediram se eu não poderia ler o texto com eles.

Naquela aula, solicitei que anotassem suas colocações e lessem o texto em casa para que na semana seguinte, tivessem condições de construir suas próprias reflexões e questionamentos. Além disso, procurei deixar claro que, aquelas dúvidas que eu não soubesse esclarecer, seriam repassadas à Professora e em outra oportunidade ela esclareceria.

Na aula seguinte, adotei outra técnica, coloquei a palavra Política no quadro e fui questionando eles, com base nas informações que havia no texto.

De onde vem a palavra política, qual a sua origem? Eu sugeri que eles procurassem nas suas anotações e alguém lesse o fragmento do texto, caso não lembrassem.

“A palavra política originou-se da palavra grega *polis*: cidadão. A *polis* caracterizava-se como uma unidade de vida social, política e autônoma, do qual os cidadãos gregos participavam ativamente, decidindo sobre o destino das cidades”.⁴⁹

Eu não me preendi nas questões históricas, mas foi a maneira que encontrei para partir do texto a discussão. A partir dali dinamizei a aula voltando para as questões práticas e visíveis a eles.

Apontei que comumente as pessoas se referem a política como uma ação do Estado, para descrever a ação dos partidos, o ato de votar, entre outras coisas, mas que o termo também é empregado para expressar situações em que a política se manifesta, como por exemplo, a política sindical, política de igreja e política ecológica. Apontei para o fato de que a política não se restringe a atividades desenvolvidas no âmbito do Estado em quanto Instituição Política e que ela faz parte das nossas vidas, ela permeia todas as formas de relacionamento, até as afetivas.

A seguir, apontamentos do meu Diário de Campo em relação ao que trabalhamos sobre a temática.

⁴⁹ Fragmento do texto que foi lido por um aluno.

Política são relações de poder vividas na sociedade.

E o que é o poder se não as normas, as leis das quais precisamos nos submeter.

O poder esta em todas as relações sociais, na família, na escola, no trabalho, no hospital. (colocações que fiz aos alunos)

Mas como assim Rúbia o poder esta em todas as relações. (questionamento de um aluno)

Nós não nos damos por conta disso, mas a autoridade que nossos pais exercem sobre nós é uma forma de poder. O professor, ele exerce um poder sobre o aluno. No hospital o médico decide o que é melhor para o paciente, ele tem o poder de decisão em relação a nossa saúde. (reflexão em resposta ao que o aluno perguntou)

Então o que é poder mesmo? (os alunos ficaram receosos de responder, ficaram calados esperando eu continuar.).

Poder é esse conjunto de relações de força que indivíduos ou grupos sociais estabelecem entre si.

Essa força de que estamos falando, que um indivíduo exerce sobre o outro é a capacidade de estimular ou inibir uma ação, não pela coerção física, mas por um lento processo de formação do nosso comportamento. Aqui entra a família, a escola, a igreja.

Não nos damos por conta, mas os líderes da nossa religião também exercem influência sobre nossas decisões.

Aqueles que não têm uma religião por certo o pai ou a mãe ou um amigo também o influenciará de algum modo.

As relações de poder fazem parte da organização social e política moderna, estamos imersos a essas relações de poder.

A Professora deixou no texto um questionamento, quero saber o que vocês têm a dizer sobre ele?

Se a política faz parte da nossa vida, pois está presente em todas as relações sociais, porque essa forma de vivência não é consciente em nosso cotidiano? (Questão posta no final do texto pela Professora, para auxiliar nas reflexões em sala de aula).

Em geral, no Estado moderno, temos como forma de governo uma democracia representativa, que é representada pelos três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário).

Os políticos eleitos representam os interesses dos grupos sociais, por isso, a importância do voto e de saber em quem votar, tendo em vista que as decisões políticas tomadas pelos representantes que têm o poder institucional afetam a vida de todos os membros da sociedade.

Por exemplo, para que fique mais compreensível: as relações de trabalho são regulamentadas por uma legislação que é elaborada e sancionada pelos nossos representantes no congresso, logo temos que saber quais as propostas e quem melhor pode nos representar. Isso nos mostra que também somos responsáveis pelas decisões dos políticos e pelas Leis que são aprovadas, já que somos nós que elegemos eles.

Problemas de saneamento básico, transporte, educação, saúde, todas essas problemáticas nos dizem respeito e somos também responsáveis por elas. Isso quer dizer que nossas escolhas podem contribuir para consolidar uma situação.

Se nos omitirmos estaremos contribuindo igualmente.

Lembro que um colega, na aula passada, disse que votar de nada adianta.

Aí que vocês se enganam, é votando que vocês podem mudar a situação, mas é votando consciente, investigando as melhores propostas, quem são os políticos, o que já fizeram enquanto representante da população.

Claro que nem sempre o candidato cumpre o que prometeu, mas por isso que tem eleição de quatro em quatro ano, no caso do Brasil, para que, caso o político não se mostre competente, possa ser trocado por outro.

Mas para isso acontecer, temos que participar e fiscalizar, ficar por dentro das decisões tomadas por nossos representantes e votar.

O que complica o entendimento em relação a parcela de responsabilidade de cada um, em relação a coletividade ou para com os problemas sociais é o fato de que, embora saibamos que a sociedade é dividida em classes (classe média, classe média alta, ricos, pobres) e que os conflitos sociais sejam evidentes, a sociedade nos é constantemente apresentada como uma unidade.

E vocês precisam perceber essa diferença.

A mídia, a escola, a família, a igreja nos dão uma interpretação parcial da realidade, aqui o indivíduo é isolado e responsabilizado pela situação em que se encontra, como se as coisas dependessem da vontade dele. Esses indivíduos, somos nós mesmos.

Diante disso perdemos a noção de comunidade e também deixamos de participar da vida pública, porque não nos sentimos como parte de um todo. Esse é um dos grandes problemas da nossa sociedade, o desinteresse da maioria pelos assuntos públicos.

O povo acaba deixando as decisões nas mãos dos políticos e estes decidem o que é melhor para nós.

Vocês disseram que não adianta reclamar ou que não sabem onde ir para reclamar.

Eu diria, não elege mais esse político. Vai para a rua reclamar, participem de movimentos sociais. Existem várias formas para reivindicar seus direitos.

Mas acontece que as pessoas votam e na outra eleição nem lembram em quem votaram ou votam porque é do partido que o pai é filiado ou é do partido que a família vota. Eu mesma já fui assim.

Tem outra coisa, as pessoas se esquecem de que a omissão é uma forma de participação. É muito importante participar por isso, quando você se omite contribuiu para que uma situação mal posta continue.

Pense como é importante participar, compreender como funciona um estado, um governo, como é necessário entender como são feitas as leis, quem decidiu as regras de uma nação, se é possível participar e como participar.

A política também está ligada a economia, então é preciso compreender alguns elementos ligados a economia, para saber por que das crises, dos altos juros, porque os preços das mercadorias oscilam.

Temos que ficar atentos, pois é da nossa indiferença que surgem os políticos autoritários e todas as formas de desmandos.

Dentro da escola é a mesma coisa, existe uma administração escolar, representada pelo Diretor, tem os conselhos e por isso você tem um representante da turma. Isso é política. (Diário de campo, outubro e novembro, 2012).

A reprodução acima é o resumo do conteúdo da aula que substituí a professora Mara. Reproduzi unicamente a minha fala no diário de campo visto que não havia como anotar as colocações dos alunos, pois eu não estava somente observando e sim conduzindo a aula. Além disso, esta era a minha primeira experiência frente a uma turma e a lição que aprendi é que apontar a falha dos outros quando se está de espectador parece simples, contudo *Estar Professor* ou *Ser Professor* requer mais do que conhecimento teórico, necessita-se de uma habilidade que a teoria não te ensina.

Essa percepção fez com que eu compreendesse as queixas realizadas pelos Professores da rede pública de Santa Maria, responsáveis pela disciplina de Sociologia e pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFSM, quando assinalaram que a Universidade não prepara suficientemente os profissionais da educação, neste caso os Licenciados, para a realidade escolar.

Isso tudo vai de encontro também ao posicionamento de outro estudante de Licenciatura em Ciências sociais, reproduzido aqui mesmo neste trabalho, de que “se aprende a ser professor na prática”.

Posso dizer que:

A turma me surpreendeu. De início parecia que não iam se importar com a aula, pois eles têm uma intimidade grande comigo e num primeiro momento pensei que isso iria atrapalhar, mas não.

Teve apenas um aluno que fez uma “gracinha” do tipo riscar o quadro com desenhos bobos e não querer apagar. Isso no início da primeira aula em que tomei conta da turma.

Tive que impor respeito aquele dia. Foi nesse instante que percebi que estar no lugar do professor não é fácil, que observar não é se colocar no lugar dele.

No momento tive que ser firme com eles, falei seriamente e não dei espaço para assuntos que não se referiam a disciplina de Sociologia.

Na aula em que os alunos não leram o texto, ficou mais claro o quanto a teoria é importante para a construção de um posicionamento livre do senso comum.

Enquanto os alunos somente tinham como respostas, frases e palavras prontas, que nem mesmo eles sabiam explicar porque estavam afirmando tal coisa ou porque acreditavam no que estavam falando, foi difícil construir um debate reflexivo.

Teve quem fizera críticas ao governo por conta da bolsa família, aquele velho discurso pronto que coloca que a bolsa família é uma “maneira de controlar os pobres e garantir votos”.

Deixei que se manifestassem e pedi que lessem o texto, todos, porque cairia na prova. A frase cair na prova foi uma ótima estratégia, a Mara geralmente não fazia prova, então eles se assustaram. Mas na verdade foi uma estratégia que surgiu na minha cabeça, mas que a Mara não havia se referido.

Eu disse a eles que cairia na prova e que aquela era a hora deles pedirem a minha ajuda para entender o conteúdo. Todavia sem ler, sem procurar saber do que se tratava a discussão não haveria como terem dúvida e quem iria se prejudicar era somente eles.

Na aula seguinte todos sabiam os pontos principais, alguns pegaram palavras chaves e procuraram os conceitos na internet, isso ficou visível, mas outros leram o texto, porque tinha ele em mãos e com marcações no decorrer do papel.

Outra tática que utilizei, foi me movimentar na sala de aula. Num primeiro momento eu sentei na frente e deixei a turma se posicionar como queria, não fiz círculo, mas aqueles que gostam de uma conversa foram para o fundo da sala e ficaram papeando, foi então que fui para o fundo da sala e os alunos se viraram nas suas classes, conforme eu ia falando eu indagava justamente àquele que estava conversando.

E você o que entendeu sobre poder? Quais são os três poderes mesmo?

E assim foi a dinâmica que utilizei. Deu certo.

Para responder, precisavam prestar atenção ou retornar no material e assim a turma começou aos poucos a opinar. Nem esperavam eu questioná-los e já se posicionavam.

Essa sensação de estar cumprindo bem o papel à que fora designada é tão boa. Senti-me professora por um dia, mas ser professora por um dia me fez ver que é necessário ser criativo e ter muitas “cartas na manga”, além de um plano B, quando se vai para a sala de aula. Falar de política é difícil até para mim, pois é um tema que requer bastante cuidado e conhecimento ao ser trabalhado, por isso não adentrei em questões ideológicas, fiquei só no plano prático, ou seja, o que cada setor significa, que função desempenha, adentrei um pouco na importância da participação, tentei mostrar aos alunos que o voto é sim importante e que a política acontece em todos os lugares, que política não é só sinônimo de política partidária e que ser político não significa se filiar num partido ou se candidatar a um cargo político, mas que só

o fato de se relacionar com o vizinho, com o colega de sala de aula já é uma ação política.

A maior curiosidade dos alunos era em relação ao voto, muitos deles achavam que votar não adiantava nada, que o voto era só um ritual necessário, mas que não mudaria o que havia sido conferido à eles.

Alguns se manifestaram colocando que nunca tinham pensado que era possível refletir de outra maneira sobre política, ou que entre amigos ou namorados existia um tipo de política, que isso era uma ação política.

“Para mim política era só safadeza, mas eu não sabia que nós podíamos mudar essa realidade, que votar era tão importante”. “Agora eu vou tirar o meu título de eleitor”.

“Eu achava que não votando eu estava me rebelando contra a corrupção”. “La em casa sempre ouvi que política é roubalheira eu achava que política era isso”.

Como trabalho eu passei para eles uma questão e com base nesta tarefa a Mara avaliaria a minha aula.

Não era prova, mas falar de prova colaborou para que eles se interessarem pelo assunto.

Todas as colocações e reflexões realizadas pela turma apontavam que eu havia conseguido chamar a atenção dos alunos para a temática e, principalmente, tinha colaborado para que eles se dessem por conta que precisavam avaliar suas ponderações, rever seus conceitos.

Deixei como trabalho avaliativo à eles a seguinte questão, bem ampla, bem aberta, para eles refletirem.

Descreva o que você entende por política. A onde e como você enxerga a política nas relações da nossa sociedade? (Diário de campo, novembro de 2012)

Estar em sala de aula é estar no meio de uma porção de informações e visualizar em um mesmo ambiente, diversas formas de interpretar o mundo, diferentes visões sobre um fato, sobre a vida. Foi extremamente complicado dar conta das falas, de todas as manifestações realizadas pelos alunos e selecionar aqueles elementos que mais se aproximariam da real condição daquela turma e da disciplina de Sociologia. Mas observar, é isso, é captar aqueles elementos que estão fazendo sentido ao grupo e, a partir disso, construir uma reflexão sobre o porquê aquela coisa, aquela frase, aquela colocação fez sentido àqueles sujeitos, naquele momento.

Dessa forma as informações identificadas como importantes, durante o andamento da disciplina, eram as que revelavam o desempenho dos alunos. Aqueles momentos em que os estudantes começavam a se dar por conta que há outras explicações para as coisas e a partir de então tomavam a iniciativa de reformular suas considerações ou admitindo que pode haver outra explicação que não seja aquela que acreditam ser verdadeira.

Este foi o caminho que segui para compreender o papel da Sociologia ou como me refiro: Para que serve a Sociologia no ensino médio? Tenho consciência de que essa é uma pergunta bastante ampla, pois o que visualizo é que cada aluno tem uma interpretação singular do que é a Sociologia ou para que ela serve.

Cada aluno tem como base para suas reflexões a sua bagagem pessoal, aquilo que trouxe de fora da escola. O que acontece é uma resignificação daquilo que eles afirmavam

como também uma compreensão daquilo que não fazia muito sentido. É um despertar, os alunos percebem que existem muito mais coisas por trás daquilo que eles estão acostumados a ver e ouvir.

Como aponta Fonseca (1993, p.33-35, grifo meu), “reconhecer que **a nossa** consciência foi historicamente construída põem em relevo os limites dela” e a partir disso torna-se importante “compreender a lógica do outro, não somente do indivíduo, mas do grupo histórico, **e isso é o primeiro passo para desconstruir a moralização que sustenta os processos de exploração**”. Percebi que os alunos do segundo ano começaram a perceber que suas consciências são historicamente construídas, na medida em que compreenderam que há algo que impulsiona eles a serem como são.

Quando dizem que há “quem manda e quem obedece”, mas quem obedece, obedece “não porque quer”, mas porque “nem sabe que ta obedecendo”. No momento em que, um aluno no início da aula disse que “votar não serve para nada” e no final da aula disse “vou tirar meu título de eleitor”, fica evidente que é o início de uma transformação do modo de agir, é o despertar para uma realidade que nunca havia sido questionada, ou seja, percebe-se que os estudantes começam a enxergar que existe a possibilidade de se pensar de modo diferente.

Para finalizar o ano letivo de 2012, as últimas aulas foram de apresentações livre, cada aluno em grupo ou sozinho como quisesse, escolheria um tema livre do seu interesse e faria uma pesquisa, que foi apresentada aos colegas. A Professora Mara propôs esta dinâmica, também, como forma de avaliar os interesses pessoais dos alunos.

Os temas escolhidos foram muito interessantes: Trabalho (a reflexão foi direcionada para as mudanças no mundo do trabalho); Relacionamentos (o foco foi de como os relacionamentos aconteciam e de como são os relacionamentos afetivos hoje); Relacionamento homoafetivo (Rememoraram a Grécia, voltaram no início do sec. XX para mostrar as mudanças e as conquistas homoafetivas); Comunismo (os alunos, buscaram nas obras de Marx, Engels, Lenin os conceitos que utilizaram para explicar que o comunismo é “mal interpretado”); Alimentação (o grupo relacionou a influência da tecnologia nas relações familiares: “o lanche não é mais um momento de troca”. Relacionaram o desenvolvimento do capitalismo com a mudança dos hábitos alimentares) (Diário de campo, novembro e Dezembro de 2012).

Enfim, para dar conta das apresentações outro professor que havia terminado seu conteúdo cedeu as suas últimas aulas. Não houve muito tempo para discussões sobre as temáticas, mas foi bastante revelador, pois confirmava o quanto os alunos tinham crescido.

Estavam demonstrando ter condições e conhecimento para construir ponderações sobre diversas questões sociais, além disso, estavam sabendo problematizar os fenômenos sociais dentro de seus contextos de origem assim como percebiam as relações dos mesmos com a atualidade.

2.4 Balada 301⁵⁰

Em 2013 o andamento das observações tomaria um rumo mais específico, tendo em vista que eu havia conseguido uma vaga no programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFSM. O mestrado oportunizou a exposição das minhas observações, pois havia o interesse por parte desta pesquisadora em levar até outros acadêmicos a experiência de estar dentro de uma sala de aula, convivendo e compartilhando as inquietações dos alunos e do professor.

Durante o período em que permaneci observando a disciplina de Sociologia, ouvi os relatos dos alunos sobre a disciplina, sobre a metodologia utilizada pela professora, suas reclamações assim como seus elogios. Acompanhei o processo de desenvolvimento do aprendizado Sociológico deles, com a finalidade de responder as indagações realizadas pelos próprios estudantes, no primeiro ano do nosso contato, ou seja, pra que serve a Sociologia?

Esse questionamento apareceu ainda no primeiro ano das observações. Foi realizada pelos alunos à mim. Eu não respondi a questão, mas procurei a partir de outro questionamento investigar se os alunos sabiam por que estudavam as demais disciplinas e assim foi surgindo outras e outras questões que motivaram a minha curiosidade.

Porém, o que senti naquele momento, é que nem sempre existe uma explicação ou o entendimento, por parte dos alunos, do porque ou para que aquilo que o professor esta ensinando serve, ou qual a utilidade de tal conteúdo para vida das pessoas. Essas indagações e essa percepção direcionaram as minhas reflexões nos demais períodos que estive com a turma.

Contudo este era um trabalho pessoal que eu realizara porque surgiu em mim um grande interesse pelo ensino. Eu não havia, até então, seguido um roteiro metodológico preciso, o que no presente momento tem gerado algumas controvérsias, visto que trabalhei

⁵⁰ Este era a denominação dada pelos próprios alunos à turma.

sem orientação e deixei de guardar muitas informações que hoje poderiam fazer o diferencial para este trabalho.

No entanto o material que possuo é bastante extenso e, suficiente para mostrar o processo de ensino da disciplina de Sociologia, desenvolvido pela professora Mara, na Escola Olavo Bilac. A turma formou-se no final de 2013 e, com muita convicção a professora argumentou para mim: “cumpri o meu objetivo”.

A turma 301 mudou bastante em relação a turma 101 e a 201, mais da metade dos alunos não eram os que iniciaram o ano em 2011 na turma 101. Do primeiro ano para o segundo, alguns estudantes reprovaram em outras disciplinas, uns mudaram de escola em função de começarem a trabalhar.

Houve alunos que desistiram de continuar estudando, outros foram fazer o EJA noturno. Dessa forma a *Balada 301* era uma turma bastante diversificada, alguns alunos haviam chegado a turma ainda em 2012, outros ingressaram em 2013. Apenas 12 eram colegas desde o primeiro ano de ensino médio.

Diante disso a Professora Mara novamente em 2013 recapitulou os clássicos das Ciências Sociais, os principais conceitos. Verificou o que os alunos haviam aprendido nas outras escolas, pediu que se houvessem dúvidas no decorrer do ano, se os alunos se deparassem com um conceito que não haviam estudado, seria importante que pedissem explicação, tirassem suas dúvidas.

A Professora deu continuidade a metodologia que vinha utilizando, ou seja, trabalhando com temáticas e pesquisas. Sugeriu que os alunos novos apresentassem seus interesses e manifestassem suas opiniões em relação aos temas de suas preferências.

A turma 301 era uma turma mais madura, os 12 alunos que permaneceram desde o primeiro ano, se mostravam bastante focados, assim como os demais que foram sendo agregados, alguns começaram a fazer cursinho pré-vestibular, mas como os cursinhos não ofereciam a disciplina de Sociologia, de modo geral os alunos estavam bastante interessados na aula. Perguntavam, traziam sugestões de temas para serem pesquisados.

O último ano letivo da turma foi bastante tenso. Apresentou greve de professores, as aulas de Sociologia foram muitas vezes interrompidas, muitas reuniões ou compromissos foram marcados no horário da disciplina. Os alunos, algumas vezes, se mostraram incomodados com a situação questionando a Professora sobre o porquê das interrupções serem sempre nas aulas de Sociologia.

A nova administração⁵¹, não tinha muito carisma entre os alunos. Eles passaram a reclamar e fazer muitos comentários de insatisfação. Dessa forma comecei a acompanhar mais atentamente essa relação e, fazendo um comparativo com os anos anteriores, observava-se que agora a postura apresentada pelo responsável pelo ensino médio era de pouco diálogo com os alunos. Foi um ano de insatisfação geral, por parte da turma, muitas aulas perdidas, muitas reclamações e até desconfortos pessoais fizeram parte do ano letivo de 2013, no contexto da turma 301.

Em uma das aulas, perto do final do primeiro semestre letivo de 2013, a Professora Mara, aparentemente estando bastante insatisfeita, com ar de cansaço e decepção, fez um chamamento, deu um “puxão de orelha” nos alunos, como ela mesma se referiu.

Faz um mês que não consigo trabalhar com vocês e isso prejudica muito o aprendizado de vocês, mas vocês precisam participar mais dos conselhos, reivindicarem os direitos de vocês. Não podem ficar calados, não podem ser somente eu a defendê-los, vocês precisam participar e também demonstrarem suas insatisfações. Não é porque vocês estão se formando que não precisam mais se importar com o andamento da escola, muitos de vocês têm irmãos estudando aqui e estes continuaram a fazerem parte desta instituição. (Diário de campo, junho de 2013).

Segundo a réplica dos alunos, em relação a colocação da professora, não estava adiantando reclamar, se posicionar. “Ninguém da bola para o que a gente diz”, “não adianta reclamar professora”.

Essa conversa foi realizada após o resultado de um conselho de classe do qual, os representantes da turma, não se fizeram presente. Eles alegaram que são “voto vencido” e que os professores “sempre estão com a razão” quando comentam sobre eles.

Neste mesmo dia, senti a necessidade de contribuir com a professora. Pedi se alguém lembrava da nossa aula de política, ocorrida no ano anterior. Alguns poucos confirmaram com a cabeça, mas a grande maioria permaneceu em silêncio. “Omitir é participar” lembram-se? Foi o que lhes disse.

Neste dia havia completado quatro semanas em que a Professora Mara não conseguia dar sua aula, em função de reuniões e decisões do conselho. Ela estava visivelmente insatisfeita com isso.

⁵¹ Em 2013 o responsável pelo ensino médio foi substituído. Outra administração outra forma de organização interna também. Horários modificados; várias vezes o período de Sociologia foi trocado de horário. Começou no primeiro, foi para o terceiro período e posteriormente voltou para o primeiro. Sendo que algumas vezes os alunos tiveram aulas a tarde.

O que “pareceu”, segundo a própria Professora Mara é que a “escola está colocando a Sociologia como sendo uma disciplina “menos importante”, aquela que fará menos falta” aos alunos. Além disso, existiam algumas questões de ordem pessoal, que não ficaram muito claras para mim, pois os demais professores e a direção não permitiam a minha presença como pesquisadora nos seus ambientes de trabalho, alegavam que a minha pesquisa era sobre a disciplina de Sociologia, logo não foi permitido que eu adentrasse mais profundamente nas questões institucionais da escola e a Professora Mara não tecia comentários sobre os demais Professores ou em relação a Direção e seus membros, a não ser em ocasiões como a apresentada acima, em que ela não conseguia esconder a contrariedade.

Tendo em vista que este trabalho se referia as práticas da disciplina de Sociologia, fui informada, no decorrer de 2013, pela Direção, que não seria autorizado explanar sobre a instituição nem mesmo sobre o que quer que eu possa ter presenciado fora do contexto da sala de aula da turma.⁵² Diante desse “pedido”, os enfoques sobre a escola ficaram restrito, majoritariamente aos comentários tecidos pelos alunos e pela Professora de Sociologia, salvo algumas exceções.

A Balada 301 era bastante agitada, os alunos reclamavam bastante, posicionavam-se em relação as temáticas, sendo que, se eram contrários, se não concordavam com a reflexão de algum autor ou do colega e da Professora, não temiam pontuar o que pensavam. Demonstravam ter uma postura firme sobre suas ideias, algumas vezes convictos e sempre que tinham oportunidades abriam um debate ou questionavam a Professora. Essa postura era bem acolhida pela Professora Mara, mas aos olhos de outros profissionais soava como “petulância”.

Como dito anteriormente, naquele instante de discussão, sobre a ausência compelida à Professora, eu não consegui compreender muito bem o que estava gerando tanto desconforto. Sendo assim, marquei uma conversa com a Professora Mara, para entender melhor o que estava acontecendo, pois no que se referiam aos alunos, eles haviam apontado que nos Conselhos escolares eles não são respeitados ou suas opiniões “de nada valem”.

Os professores se unem para massacrar a gente nestes conselhos. Os alunos são sempre os malvados, mas eles não fazem um conselho para ouvirem o que nós

⁵² Essa postura foi tomada pela nova administração responsável pelo ensino médio, administração que assumiu o posto em 2013. Fui intimada pelo (a) responsável pelas turmas do ensino médio, a apresentar um documento por escrito no qual eu me responsabilizaria em não falar sobre a Instituição, sobre os acontecimentos do interior da Escola. Caso eu não concordasse não seria permitido identificar a Instituição. Contudo os alunos e a Professora haviam liberado as suas identificações, a pós algumas ressalva, como apontar apenas as iniciais dos estudantes. Tentei marcar entrevista com a Direção do ensino médio, mas não obtive respostas, por isso a escola é apresentada de maneira parcial no decorrer do capítulo.

temos a dizer sobre eles. Estamos fazendo greve, não vamos ir mais aos conselhos, porque a gente vai lá só para ouvir que somos o problema da escola. (Aluno representante da turma no Conselho).

A conversa com a Professora revelou que a Instituição ou aqueles que estão no “comando” dela não são abertos ao diálogo assim como não estão dispostos a incentivar a criticidade dos alunos ou quem sabe ainda, não estão preparados para trabalhar de outra forma que não seja aquela velha conhecida de todos nós que aponta o Professor como o detentor do conhecimento e o aluno sendo aquele que está ali para aprender o que lhes esta sendo ensinado.

Tem colegas que não enxergam que cada ano as turmas não são as mesmas, que cada aluno não é igual ao outro. Um aluno é diferente do outro. E eu não estou aqui para oprimi-lo e exigir que todos tenham o mesmo desempenho, além do que ninguém aprende ou sente prazer em aprender aquilo que é jogado, empurrado de qualquer jeito. (Declaração da Mara. Diário de Campo, agosto de 2013)

Segundo a Professora ela estava sendo “uma pedra no sapato” dos demais dentro da Instituição, pois defendia os alunos. A Mara ponderou que: “Alguns alunos muitas vezes estão chamando a nossa atenção para algo mais grave que esta acontecendo com ele e a situação deste adolescente, irá piorar se tratarmos como um delinquente”.

Essa postura despertou meu interesse, visto que, nas aulas da Professora Mara, os estudantes não faltavam com respeito, nem com a professora, nem comigo, nem com os colegas. Às vezes, quando discordavam um do outro, o tom de voz se alterava, mas em nenhuma situação a Professora Perdeu o controle da turma.

Porém, um dos fatores principais era que nas aulas de Sociologia os alunos tinham liberdade de opinar, dar seu contraponto. Contudo, de acordo com a Professora de Sociologia, nem todos os professores estavam “dispostos a mudar sua metodologia de ensino” e a turma estava assumindo uma postura mais crítica e não estavam tendo receio em apontar suas opiniões com os outros professores, que não se mostraram preparados para tal situação e com isso estavam agindo de maneira autoritária.

Em função das aulas estarem bastante tumultuadas, ou seja, muitas interrupções, reuniões, as ausências da Professora Mara, ela optou por priorizar a pesquisa. Continuou trabalhando com temáticas, os alunos elegiam o assunto de seu interesse, os mais reivindicados foram política e ética, direita e esquerda.

A professora deixava-os livres para pesquisar, não sugeria fontes, mas pedia que fossem apresentadas. Em aula ela orientava os alunos, a partir de suas apresentações, buscando apontar outras referências sobre aquilo que os estudantes estavam trazendo.

Tendo em vista esta nova dinâmica. Passei a me comunicar diariamente com os alunos através das redes sociais. Eles viam em mim uma espécie de auxiliar de professora, pediam dicas de material para que pudessem pensar as temáticas, as quais eles haviam selecionado para apresentar.

Por meio do grupo criado no Facebook, passei a enviá-los vídeos sobre temas diversos, assim como textos e figuras reflexivas. Eram assuntos dos mais variados, abaixo uma relação de alguns dos materiais mais visualizados pelo grupo.



Figura 7 - Material compartilhado no grupo da turma no facebook.

Essa relação mais aproximada que se desenvolveu entre eu e a turma, através das redes sociais, contribuiu para aproximar aqueles alunos que ingressaram no último ano na turma. Sempre que fui solicitada por eles, para dar uma dica de leitura, de conteúdo, procurei recomendar algo que contribuísse para o desenvolvimento das reflexões proposta pela professora. Por exemplo, quando a turma pediu para a Professora trabalhar sobre *direita* e *esquerda*, os alunos reivindicaram à mim alguma dica de leitura.

Para auxiliá-los encontrei um artigo na internet que fazia um breve resumo da obra de Norberto Bobbio: “*Direita e Esquerda*”, e enviei à eles .



Figura 8 - Material compartilhado no grupo da turma no facebook.

Na aula em que foi trabalhada esta temática, tive problemas de saúde e precisei me ausentar, mas conversando posteriormente com a Professora e com os alunos, eles apontaram que, a partir da leitura do material que os enviei e do debate em sala de aula, chegaram a conclusão de que são de esquerda. De acordo com a Professora, está foi uma conclusão unanime daqueles alunos que se faziam presente.

O ano de 2013 foi bastante tenso, manifestações ocorreram por todo o país, em Santa Maria teve ocupação da prefeitura, protestos contra o aumento da tarifa do transporte público, várias manifestações, em função da tragédia da boate Kiss, também movimentaram a cidade.

Isso tudo gerou discussões e despertou a curiosidade entre os alunos a respeito destes acontecimentos.

Nas redes sociais era possível visualizar seus posicionamentos a respeito dos movimentos que estavam sendo mobilizados por todas as partes do país, bem como o quanto estavam interessados em entender alguns fenômenos que estavam ocorrendo na nossa sociedade.

Vários dos alunos participaram da ocupação da prefeitura, também foram para as ruas na caminhada que mobilizou mais de 30 mil pessoas contra a corrupção, por educação de qualidade, que ocorreu em Santa Maria. Eles queriam entender o que estava acontecendo, queriam se posicionar e isso os motivou a lerem e pesquisarem, bem como querer saber mais sobre a política e os movimentos sociais no Brasil.

A turma solicitou à mim, material sobre esses movimentos. Eu os enviei os vídeos gravados no debate realizado pela Universidade Federal de Santa Maria: “O inverno Brasileiro”, que debateu sobre os movimentos trazendo a visão antropológica, sociológica e política do fenômeno.



Figura 9 - Material compartilhado no grupo da turma no facebook.

A professora também conversou com eles a respeito desses movimentos, quando trabalhou com o tema movimentos social.

Visualizava-se que estes assunto, relacionados a política, despertava muito o interesse da turma. Outro tema solicitado foi Mulheres. Debater sobre suas conquistas, as dificuldades os preconceitos vivenciados por elas em busca de respeito e de espaço dentro da sociedade.

Essa temática foi sugestão de um menino, que durante uma aula em que a turma conversava com a Professora sobre as mobilizações, ele apontou que os movimentos e as lutas das mulheres é uma temática que “ganha pouca importância, mas que mostra a evolução das relações sociais e políticas e também pode servir para entender o que é um movimento social”.⁵³

Posturas como esta apontavam o quanto os estudantes estavam conseguindo perceber as relações de intersecção entre um fenômeno social e outro, suas relações de interdependência e conseqüentemente a partir dessas percepções estavam formando pontos de vistas mais sólidos, baseados em reflexões construídas a partir de um olhar mais cauteloso sobre os acontecimentos.

Foi assim que aos poucos os resultados foram sendo apresentados. Os alunos foram aprendendo a relacionar a vida concreta, os acontecimentos sociais, o “mundo objetivo” com todas aquelas reflexões e abstrações retiradas das teorias.

Segundo (YAMAUTTI, 2003, s.p.):

Ao praticarmos a relação entre as ideias abstratas e o mundo objetivo, corrigiremos um problema grave que existe nas Ciências Sociais que consiste na dificuldade que temos de utilizar as ideias e teorias dos pensadores clássicos como instrumentos para compreender a realidade social ao nosso redor. Este é um problema, inclusive, de nós professores que estudamos durante 20 anos as ideias de determinados pensadores clássicos como se fossem ideias suspensas no ar que existiriam apenas enquanto estrutura logicamente articulada a ser desvendada na sala de aula.

O que o autor coloca, reflete um problema que conjectura a educação de modo geral, não é exclusivo das Ciências Sociais, e isso ficou claro a partir das assertivas dos estudantes quanto as demais disciplinas que contemplavam a sua formação na escola básica.

Contudo, tendo em vista o posicionamento da Professora a qual eu observei suas aulas, torna-se oportuno dizer que em certas ocasiões o professor necessita deixar de lado o livro e a teoria e construir reflexões plausíveis ao entendimento do aluno. Nem sempre a teoria da conta de traduzir todos os fenômenos ou, se traduz, não é uma tradução que alcance a necessidade de entendimento daquele estudante, daquele sujeito.

Podemos dizer que o aluno aprende teoria, mas é a realidade cotidiana deste aluno, destes sujeitos que conduzirá a leitura sociológica que eles realizarão. Os sujeitos, a partir do conhecimento que adquiriram, precisam estar sensíveis as mudanças ocorridas dentro da

⁵³ P.W (2013). Este mesmo estudante apontou os movimentos LGBTs, como grupos que se mobilizam em busca de espaço e direitos e que também fazem parte dos movimentos sociais.

sociedade e perceber em que momento suas vidas se entrelaçam com os fenômenos que aparentam não ter nenhuma relação consigo.

A Sociologia tem me auxiliado a entender as minhas experiências pessoais. Tem me feito pensar também, sobre as coisas que vivencio com as outras pessoas. Percebi que coisas que para mim eram normais dentro destas relações nem sempre são normais. Por exemplo, eu acreditava que a bolsa família era só uma forma de manter aquelas pessoas dependente do governo, mas não, é uma política de distribuição de renda. Ainda não concordo com isso, mas já consigo compreender de outra forma essa situação. (H. P.)

Depois que comecei a refletir sobre a sociedade, vi que preciso rever meus conceitos. Nem sempre aquilo que eu acredito serve para julgar uma situação ou um acontecimento. Isso é etnocentrismo, conforme a Sociologia. (L. P)

Eu aprendi que não existe o que é certo, mas aquilo que é aceitável, conforme a Sociedade. Cada Sociedade aceita um tipo de comportamento, mas isso não quer dizer que seja certo para mim. (P)

Acho que descobrir que não sou totalmente livre me decepcionou. A gente se conforma com as coisas e não se da por conta que esta sendo coagido. Achamos que ser livre é ter dinheiro para comprar casa, carro, comer bem, mas não nos damos por conta que somos dependentes do sistema. (M. R.)

Seria inviável apresentar de maneira precisa as discussões que foram abordadas em sala de aula e todas as reflexões realizadas pelos alunos. Como pesquisadora eu teria que ter múltiplos ouvidos e olhos, pois em alguns momentos eram tantas as manifestações que ou eu escutava, buscando verificar a postura dos alunos e suas fontes ou optava por tomar nota de tudo o que eu estava vendo e ouvindo.

A minha opção na maioria das vezes foi ouvir, observar o comportamento dos alunos e a reação da professora às suas colocações e posteriormente, em casa, descrever o que eu havia captado no momento. Como já apresentado no decorrer do capítulo, os alunos iam pontuando livremente sobre determinado assunto, algumas vezes eram frases e palavras soltas, outras pensamentos mais elaborados.

A professora deixava-os se manifestarem, organizando essas colocações soltas, fazendo com que aquilo que os alunos haviam dito fizesse sentido e posteriormente retornava com uma questão para que eles pudessem refletir sobre o que tinham colocado.

Nem sempre foi assim, a Professora aos poucos experimentou formas diferenciadas de trabalhar. No início de 2011 trabalhou com “aulas expositivas e leituras”, que de acordo com os alunos era “muito chato”. Neste mesmo ano, começou a experimentar outras metodologias, passou a fazer uma aula mais dinâmica com jogos, leituras curtas, textos compilados, mais acessíveis à turma.

Com o segundo ano ela deu ênfase maior as temáticas do interesse dos alunos, incentivou o uso da internet para pesquisas, deu maior liberdade para criação, ou seja, apresentar os trabalhos em forma de texto, a partir de desenhos, recortes, em slides, apenas expositivo. Essa forma de trabalhar, permitindo aos alunos que manifestassem suas reflexões de forma livre, colaborou para que aqueles alunos mais tímidos perdessem o receio de se posicionar.

Assim, em 2013 a pesquisa em fontes livre, foi a metodologia mais usada pela Professora. De acordo com a professora era importante que fossem se acostumando a procurar pelas informações assim como aprenderem a selecionar o que encontram transformando isso em conhecimento.

Este modo de perceber a construção do conhecimento, pela professora, se aproxima da proposta do Educador e pesquisador Pedro Demo. Segundo ele:

a pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa a se reconstituir pelo questionamento sistemático da realidade, **pois** para sair da condição de objeto (massa de manobra) é **preciso** formar consciência crítica desta situação e contestá-la, com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho da mudança. (DEMO, 1998, p.8, grifo da autora).

A própria Professora Mara reportou-se ao autor, quando em uma de nossas conversas, disse ter como referência os “conselhos” metodológicos dele.

Dessa forma, segundo ela, estava satisfeita com o resultado que vinha alcançando.

Estou satisfeita com as turmas, não somente com o ensino médio que é novidade para mim como professora, mas como educadora que sou, tenho visto bons resultados, alunos elaborando reflexões críticas e conscientes a partir do que tenho trabalhado com eles em sala de aula. Das colocações mais simples às mais elaboradas, é possível perceber que os alunos, cada um de acordo com a sua condição, está desnaturalizando o mundo a sua volta. (Diário de Campo 2013)

Dessa forma podemos trazer aqui algumas ponderações realizadas pelos estudantes, quanto a disciplina ou ao que ela e a professora representaram à eles, elaborado e entregue por escrito à professora e repassado por ela à mim.

A Sociologia faz você ver as coisas de outro modo e mudar seu pensar. Ela abre sua mente. Essa matéria deveria ser dada desde o fundamental. (L. A. M. 2013)

No ensino básico, os alunos são fantoches que repetem o que o professor fala. Deveria haver Sociologia e Filosofia desde o início da nossa vida escolar. (M. R. C. 2013)

A Sociologia é algo que vamos utilizar pelo resto da vida, pois quando conversamos com alguém automaticamente estabelecemos uma relação sociológica com esta pessoa. (A. K. R. 2013)

Em minha opinião a Sociologia ajuda a entender diversos requisitos da sociedade. Ela nos ajuda a respeitar os outros, a ter tolerância com as pessoas a nosso redor, ela nos mostra como as coisas funcionam na nossa sociedade. Mas isso só acontece se tivermos uma professora tão maravilhosa como a senhora. Te respeitarei tanto como profissional, como pessoa, eternamente. É uma das mulheres que entrou na minha vida e que mais admiro e é o teu exemplo que vou levar para sempre. (G. M. C. 2013)

Hoje vejo diferença na minha maneira de pensar comparado ao início. Isso foi graças a Sociologia. Infelizmente acho que não vou ver mais a professora, já vejo ela somente uma vez por semana, durante as aulas e isso é pouco, muito pouco para uma matéria tão importante para jovens como eu. Espero reencontrar a professora e espero dar orgulho a ela. (H. P. 2013)

Eu não gostava desta disciplina, mas ela me fez conhecer mais sobre educação e maneiras de ser uma pessoa melhor, esses 3 anos me fizeram refletir e aprender a nunca se esconder e ter vergonha de si mesmo. A sociologia me fez ver isso. (E. P. 2013)

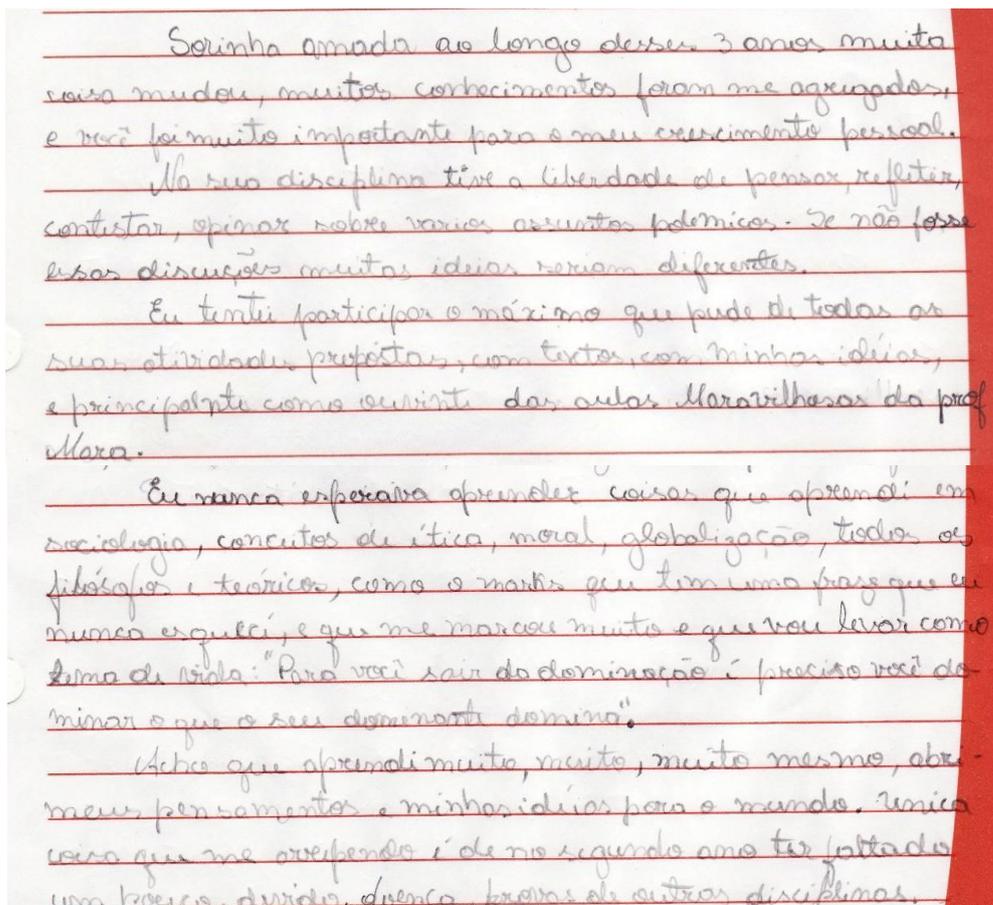


Figura 10 - Reflexão de final de semestre e avaliação, aluno (a) L.

Fonte: Material cedido pela Professora (2013).

Para Ingold (2010), o conhecimento é uma “descoberta orientada”, logo podemos dizer que a habilidade de pensar sociologicamente é fruto de uma longa prática orientada por praticantes já experientes, os professores. Cada aluno, seguindo as orientações que lhes são apresentadas, construirá uma cognoscibilidade sociológica.⁵⁴ Não é unicamente um processo de transmissão de conhecimento do professor para o aluno, mas sim de “redescobrimto dirigido”, o aluno não copia o professor, mas a partir do que ele observa, das construções e reflexões do professor, ele desenvolve sua própria capacidade reflexiva, podendo, porque não, ter condições de fazer associações e reflexões cujo seu professor não tenha pensado em fazer, tendo em vista que o aluno pode ter percorrido um campo de prática, fora da escola, que possibilite uma inferência mais consistente em relação a um dado fenômeno em que o seu professor não tenha experienciado.

Dessa forma a reflexão continuada⁵⁵ propicia que o aluno vá agregando cotidianamente informações que ao longo do tempo auxiliara ele a elaborar considerações mais complexas. Como aponta Demo (2010b) o aluno precisa alcançar a capacidade de formular, redigir, colocar no papel o que quer dizer e fazer, sobretudo é importante que ele alcance a capacidade de formular suas respostas, seus pensamentos cultivando o espírito crítico. Ao aprender a duvidar e a perguntar, a querer saber sempre mais e melhor, a partir desse momento, surge o desafio de elaboração própria por parte do aluno.

Pensar diferente foi o que os alunos mais apontaram como mudança pessoal. Mas o que significa mudar a maneira de pensar, para esses alunos? Eu perguntei á eles e as explicações foram as mais diversas.

Ver o mundo com outros olhos.

Perceber as influências que moldam o nosso comportamento.

Saber que podemos ser influenciados e ficar atento a tudo que nos rodeia.

Saber dizer não, mas também compreender quando o outro não concorda com a nossa opinião.

Saber por que estou criticando e não apenas criticar por que não concordo.

Hoje eu sei que as mudanças que acontecem na sociedade podem influenciar as pessoas. A novela influencia a vida das pessoas, eu nunca tinha pensado sobre isso.

Eu mudei minha opinião sobre política, agora eu sei que é importante votar.

⁵⁴ Quero dizer uma capacidade de reflexão a partir do conhecimento sociológico apreendido pelo aluno.

⁵⁵ Aqui podemos comparar a forma como a Professora trabalhou os conteúdos, interligando as reflexões de um conteúdo ao outro semanalmente, sempre que possível.

Eu não gostava de Sociologia, mas eu mudei de opinião, aprendi que é importante entender como funciona a sociedade, fica mais fácil de entender as pessoas.

A sociologia faz agente pensar sobre o que a gente diz, eu achava que o que eu dizia era meu, mas agora eu sei que é influencia dos meus pais.

Temos um pensamento, e achamos que ele é fruto da nossa mente, só que não é. Pensamos naquilo que algum dia escutamos de alguém, lemos de algum livro, ouvimos da televisão, te toda parte. O que fazemos é adaptar o que ouvimos, de acordo com o que concordamos, ou de acordo com aquilo que a nossa família nos ensinou. Eu não tinha pensado sobre isso. Agora eu penso.

Eu penso que tenho muita coisa para pensar.
(risos...). (Diário de campo, novembro de 2013).

Para Émile Durkheim (1858-1917), a educação é, por natureza, social e tem a função de desenvolver as competências e capacidades necessárias para preservar a sociedade. Durkheim atribui à educação duas funções simultâneas, a de homogeneizar e a de diferenciar. Ele afirma que a sociedade só poderá perpetuar-se, se renovar continuamente as condições da sua própria existência e, que essa renovação é feita através da educação, em que as gerações adultas atuam sobre as mais jovens. Homogeneiza transmitindo valores e normas básicas e comuns, diferencia especializando para as diversas tarefas no mundo do trabalho. Durkheim vê a educação essencialmente tendo como função a integração e a conservação social.

Contudo Max Weber (1864-1920), ao entender por ação social todo o comportamento intencional que se desenvolve num sistema de interação ou interdependência social entre a sociedade e o indivíduo, valoriza a ação do indivíduo, sendo este a base para o estudo dos fenômenos sociais, ele critica os conceitos que coletivizam ignorando a ação pessoal dos sujeitos.

A perspectiva de Weber tem o nome de Individualismo metodológico, uma vez que valoriza as ações do indivíduo, estando esse na base dos fenômenos estudados, e critica conceitos coletivizantes que ignoram as ações das pessoas. Weber não reduz o ser humano a uma simples expressão da sociedade, ele tenta compreender as pessoas no seu contexto, em meio aos seus condicionantes. Para ele, só assim é possível explicar e perceber os comportamentos intencionais que conduzem às mais variáveis relações e fenômenos que ocorrem dentro de uma sociedade.

As diversas possibilidades apresentadas pelas diversas teorias Sociológicas para ler e compreender as relações sociais é um fator motivador quando os alunos falam da disciplina. Para eles, isso abre um leque de possibilidades, que os ajuda a romperem com a ideia de certo ou errado.

A partir deste momento, os estudantes começam a criar, a vislumbrar reflexões singulares, novas, diferentes daquelas as quais estão imersos no seu dia a dia.

Essas “afirmações” foram elaboradas depois de várias conversas que tive com os alunos. Eles pontuaram que apesar do pouco tempo proporcionado às aulas de Sociologia, sentiam que a disciplina fez diferença em suas vidas.

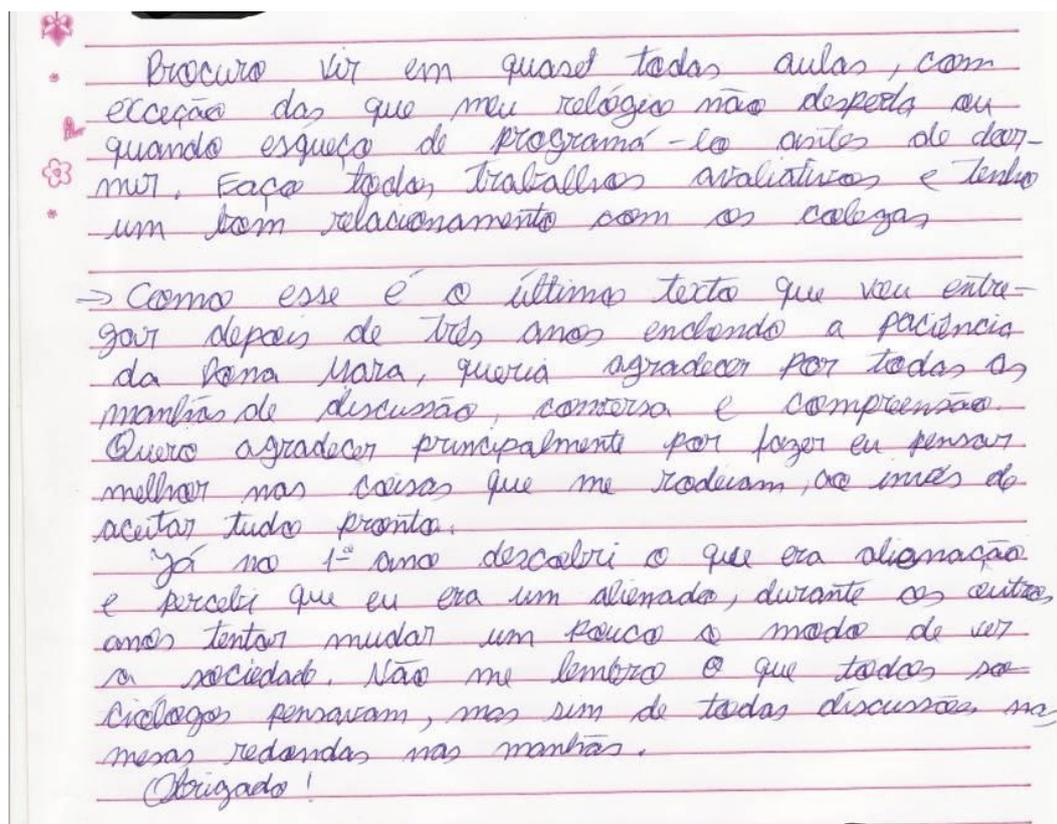


Figura 11 - Reflexão de final de semestre e avaliação, aluno (a) Y.

Fonte: Material cedido pela Mara

O aprendizado teórico, as reflexões sobre os autores, a meu ver, não foi o que a Professora priorizou, contudo o que a sala de aula revelou é que o aprendizado deste conhecimento pode contribuir para certas mudanças particulares. Contribuiu no redirecionamento do olhar, ajudou na reformulação de perspectivas e ideais na turma de ensino médio da Instituição Olavo Bilac.

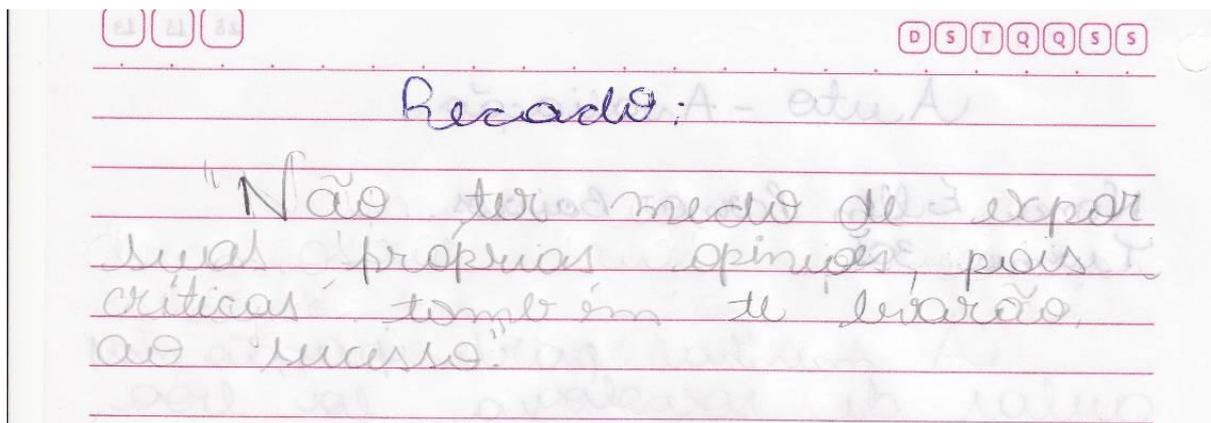


Figura 12 - Aluno (a) recado deixado pelo aluno (a) E. P. B. atrás da folha em que fez sua reflexão de final de semestre e avaliação.

Fonte: Atividade desenvolvida em sala de aula

O recado deixado pelo aluno transparece uma realidade que nem sempre é discutida ou levada em consideração nas salas de aulas pelos professores e que se fez presente no discurso dos alunos, ou seja, a liberdade de expressar-se. Construir sujeitos pensantes sem dar a eles liberdade para expressarem suas aspirações, suas imaginações seria o mesmo que abrir a gaiola para um pássaro que tem suas asas cortadas.

Como diz Paulo Freire (1996, p.46), “ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para sua própria produção ou construção”, e para isso é preciso criar oportunidades para reflexões particulares, mesmo que inicialmente estejam recheadas de pré-conceitos, pois “respeitar a leitura do mundo do educando, significa tomá-lo como ponto de partida para a produção do conhecimento”.

A Balada 301 concluiu o ensino médio em 2013, sendo que a grande maioria encaminhou-se para suas profissões desejadas. Aqueles que queriam ser militares estão um na Aeronáutica e o outro no Exército. Os demais seguiram a carreira acadêmica. Alguns conquistaram suas vagas já no vestibular de 2014, tanto na região e Santa Maria como em Universidades de outras regiões do Estado.

Outros garantiram sua vaga no curso superior desejado, somente em 2015. Vale lembrar que há aqueles que não fizeram vestibulares, porque estudar não fazia parte das opções, isso porque trabalhar era a opção. Contudo, pode-se afirmar que dentro da Sala de aula estas possibilidades foram pautas de discussões e por certo neste momento estes sujeitos têm condições de compreenderem quem são e seus papéis dentro da sociedade a qual fazem

parte. Isso porque eles mesmos enquanto estudantes corroboraram para que compreendêssemos a utilidade deste conhecimento e sua aplicabilidade para a compreensão de diversas situações vividas no âmbito social, a resposta foram eles quem solucionaram.

CAPITULO III

3 EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DE UMA PESQUISA EM SALA DE AULA

3.1 A disciplina de sociologia: reflexões sobre o campo de pesquisa

A inexperiência com pesquisa no campo educacional foi um desafio pessoal, pois em campo é preciso “dar conta dos procedimentos interpretativos e dos raciocínios práticos do cotidiano pelos quais os indivíduos descrevem suas experiências e suas atividades”, aproximando-me sensivelmente das atividades dos atores pesquisados afim de melhor apreender suas ações uma vez que são sujeitos dotados da capacidade de refletir, (RIUTORT, 2008, p. 112). No entanto para mim, enquanto pesquisadora estava sendo o primeiro desafio neste campo e, desta forma, a atividade tornava-se mais que a execução de um trabalho acadêmico, mas sim um desafio pessoal.

O contato com a realidade escolar apontou que a sala de aula é um espaço heterogêneo no qual, ideias e perspectivas diferentes convivem cotidianamente. Em função disso, a instituição escolar pode ser percebida como “uma instância de mediações entre os significados, os sentimentos e as condutas da comunidade social e desenvolvimento particular das novas gerações”, (PEREZ GOMES, 2001, p.11). Mais do que isso, a escola, também pode ser considerada um espaço de encontros geracionais, (ANTUNES, 2015).

No âmbito escolar de forma geral, assim como, no espaço restrito a sala de aula, ambas as afirmações se fazem presentes. Ao passo que o professor é quem realiza as mediações entre o conhecimento teórico e o conhecimento individual de cada aluno, atesta-se que ali já existe uma mediação de significados, visto que muitas das visões dos teóricos trabalhados em sala de aula pertenceram a outro tempo histórico, no qual os significados, as condutas sociais não são as mesmas vivenciadas pelos estudantes. Aprender a ler o universo social contemporâneo a partir do olhar dos teóricos que viveram em outras épocas, em outros contextos históricos por si só já é a realização de um encontro geracional.

Bourdieu (2009) aponta que o sistema educacional serve muitas vezes de instrumento de legitimação das desigualdades sociais, pois, sugere que longe de ser uma instituição libertadora, a escola é conservadora e colabora com a reprodução das desigualdades sociais, apontando que este sistema é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois sanciona a herança cultural e o dom social como sendo dons naturais. Perez Gomes (2001, p.131) também afirma que a instituição escolar, assim como qualquer outra instituição social, “reproduz sua própria cultura específica”, ou seja, os rituais os costumes e os valores conservados pela sociedade colaborando, também, com a reprodução de certas desigualdades.

Em virtude de colocações como estas, é importante avaliarmos quais as influências que a escola ou os professores tem sobre as escolhas profissionais e vivenciais dos alunos, assim de melhor compreendermos o impacto que o conhecimento fornecido pelas especificidades do saber, exerce sobre a vida dos estudantes, bem como a relação exercida entre a disciplina, na figura do professor e seu conhecimento, com aquele saber particular de cada individuo traz para a sala de aula.

De acordo com Perez Gomes (2001, p.132) inúmeras investigações demonstram que:

As aquisições e o desenvolvimento que a escola provoca, estão profundamente relacionados com fatores socioculturais que determinam a desigual distribuição econômica da população de tal maneira que o fator que explica mais nitidamente as diferenças no desenvolvimento cognitivo e acadêmico dos alunos e das alunas está configurado pelas desigualdades sócio culturais do contexto familiar.

Não obstante, esta mesma autora aponta que com frequência a instituição escolar constitui-se pela uniformidade com o predomínio da disciplina formal. Sendo comumente presidida pela “autoridade arbitrária” e pela imposição de uma cultura “homogênea, eurocêntrica e abstrata” que fortalece “uma aprendizagem acadêmica e disciplinar de conhecimentos fragmentados, inclusive memorialísticos e sem sentido, distanciados dos problemas reais que logicamente provocam aborrecimento” (PEREZ GOMES, 2001, p. 133).

Dentro do contexto de pesquisado, estas foram questões levantadas pelos estudantes. Como apontado no capítulo II deste mesmo trabalho, os estudantes enfatizam sua insatisfação quanto ao fato de que alguns de seus professores trabalham os conteúdos de maneira memorialística, onde precisam decorar datas, eventos, respostas das quais nem sempre fazem sentido para a vida dos mesmos.

De tal modo, percebe-se que a instituição escolar encontra-se mergulhada num cenário de insatisfação, pois o sentido humanista deliberado à educação escolar, que se propõe a oferecer oportunidades iguais de acesso ao conhecimento, não condiz com aquilo que é

disponibilizado pelo sistema educativo. Isso porque se avaliarmos mais profundamente a questão educacional existe um enorme abismo entre o ensino fornecido pela instituição pública e a privada, assim como, dentro da própria instituição pública, há quem não está plenamente comprometido com o outro, ou com o bom desempenho dos estudantes, pois se comportam como se o aluno fosse o único responsável pelo seu fracasso ou sucesso.

Essas foram questões levantadas pelo IV Congresso Internacional de Educação que teve como enfoque principal a Educação Humanizadora e que veem ao encontro dos elementos observados no percurso de pesquisa. Temos elementos suficientes que nos permitem afirmar que, no limite da própria instituição, criam-se fatores que acabam por provocar desânimo, tanto nos alunos, que se sentem incapazes, como entre aqueles profissionais que tentam trabalhar de forma diferenciada, buscando substituir o já não mais eficaz método de ensino tradicional, no qual o único detentor do conhecimento seria o professor.

O que se percebe diante das inúmeras abordagens levantadas no decorrer do congresso citado a cima, onde se fizeram presente Professores de varias partes do Brasil, como também do Exterior, é que existe uma enorme lacuna entre o que é pensado e o que é possível de se fazer pela educação.

A educação, a formação e o conhecimento adquiriram no mundo moderno o significado de alavancas da inovação e do desenvolvimento humano, de acordo com Demo, 1997. Mas nos ideários e na práxis de formação, parece imperar uma concepção inidimensional e autoritária veiculada pela racionalidade dos interesses técnicos- científicos- mediáticos. A formação foi apropriada pela lógica neoliberal, caracterizada pelo finalismo dos processos formativos. Esta formação, baseada numa “cultura de aquisição” (Lave, 1997), raramente se assume como processo relevante e individualmente significante. (PEÇAS, 2015, p.101).

Para Peças, a sintaxe da crise que se estalou nas narrativas escolares e, segundo ele, “a não menos trágica” dificuldade de os professores construírem, cooperadamente, a mudança que urge, está presente na “crise de valores, crise de comportamentos, crise de projetos, crise de sentidos” que a educação adquiriu para esses profissionais.

De acordo com Bourdieu, a escola perdeu o papel de instância transformadora e democratizante e passou a ser uma instituição que legitima e mantém os privilégios de um determinado grupo social, ou seja, tornou-se uma instituição a serviço de uma elite que faz uso da escola para legitimar os seus valores, sem que sejam perceptíveis. É nesse sentido que Bourdieu, aponta a escola como colaboradora na reprodução das condições de classe.

Atualmente isso se evidencia no fato de que, na base das tendências educacionais, “se encontra uma concepção mercantil de conhecimento, que pode se derivar nitidamente da análise das propostas que se fazem da utilização”, da formação obtida na escola. “O conhecimento deixa de ter sentido como processo idealista de enriquecimento do saber especulativo ou como instrumento de emancipação individual e coletiva” adquirindo valor, ou seja, passa a legitimar se “como instrumento de justificação de um discurso de poder” (PEREZ GOMES, 2001, p. 140).

A educação deixa de ser “emancipatória”, pois tem como tarefa suprir as exigências do sistema, isto é, saciar as necessidades do mercado em termos de informação e aptidões técnicas. Esta situação se mostra cada vez mais presente dentro da nossa sociedade através das inúmeras escolas técnicas que têm sido criadas no decorrer desta última década, as quais o modelo educacional prioriza a formação profissional em detrimento do intelectual.

Cabe aqui trazer as palavras de Ernest Schumacher (1985, p.83), lembradas por Peças em discurso proferido no IV Congresso Internacional de Educação, que segundo ele “são palavras que mantêm toda a atualidade”.

Os problemas da educação são meros reflexos dos problemas mais sérios do nosso tempo. Estes não podem resolver-se apenas com organização, administração ou gastos de dinheiro, muito embora se não se possa negar que todas estas coisas são importantes. Estamos a sofrer de uma doença metafísica e, portanto, o remédio tem que ser metafísico. Uma educação que não consegue clarificar as nossas convicções fundamentais é simples aprendizagem ou mera tolerância. (...) Então, a educação, longe de se qualificar como o maior dos recursos humanos, será um agente de destruição, de acordo com o princípio que afirma que a pior corrupção é a corrupção provocada por aquilo que é melhor.

Isso demonstra que, embora exista um grande pessimismo em relação a uma possível libertação das amarras impostas por uma educação desigual e, que se analisada profundamente não cumpre o objetivo de emancipação do homem, proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, visto que prepara seus estudantes para adaptarem-se a um sistema social e suas regras de mercado, ainda assim, existe a possibilidade dessa situação ser vista de modo diferente.

De acordo com Pedro Demo (2010b, p.867), a transmissão do conhecimento “virou procedimento vetusto, inepto e inútil”, uma vez que “na sociedade do conhecimento o que decide as oportunidades de vida e mercado é a habilidade de reconstrução infinda de conhecimento, no contexto da aprendizagem permanente, porém a escola ainda não descobriu isso, em especial seus docentes e dirigentes”. Dessa forma a esperança de que a educação possa preparar um sujeito capaz de ser agente da sua própria história ainda permanece,

principalmente entre aqueles que acreditam que *a educação é a arma mais poderosa de que dispomos para mudar o mundo*.

Vale ponderar que Bourdieu não descartava a possibilidade dos indivíduos romperem com as amarras da estrutura social, pois, ele mesmo apontava que a inda que essas estruturas estejam dentro de nós, somos transformadores delas e, é através dos nossos *habitus*⁵⁶ que a internalizamos e é a partir do momento em que somos capazes de refletir sobre as estruturas e romper com elas, também somos capaz de transformá-la.

Neste momento surge o ponto de intersecção entre as ponderações realizada sobre a instituição escolar e o prosseguimento das reflexões referentes ao ensino de Sociologia no ensino médio. O retorno da Sociologia aos currículos da escola básica tem, entre seus objetivos, a perspectiva de que o ensino da sociologia contribua para que os estudantes desenvolvam autonomia e postura crítica e com isso possibilite uma formação que ultrapasse a preparação técnica e se aproxime de uma educação que valorize um maior conhecimento da cultura e da natureza humana, (COSTA, 1997). Além disso, um dos objetivos é promover a atitude investigativa dos estudantes, a partir de práticas próprias das ciências sociais, como o estranhamento e a desnaturalização (BRASIL, 2008).

A sociologia contemporânea está, atualmente, muito empenhada em oferecer, tanto ao estudioso, quanto ao estudante, a melhor compreensão possível das estruturas sociais, do papel do indivíduo na sociedade e da dinâmica social, isto é, das possibilidades reais de transformação social, na procura de uma sociedade mais justa e solidária. (MEC, PCNEM, 2010, p.88).⁵⁷

A Sociologia como representante das Ciências Sociais no ensino médio apresenta conceitos que “permitem, inicialmente, que alguns paradigmas teóricos e metodológicos da Sociologia, da Antropologia, da Política e, também, da Sociologia Economia, do Direito e da Psicologia sejam identificados, analisados, construídos e apropriados pelo estudante”. Deste modo o trabalho pedagógico realizado pelo professor a partir dos conceitos permitirá “uma razoável compreensão do entorno do aluno, o que pode gerar ações transformadoras do social. Em uma sociedade desigual e injusta, como a brasileira, o debate provocado pelo estudo dos

⁵⁶ sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso seja o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente desse fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestrada, sem serem o produto da ação organizada de um maestro. (ORTIZ, 1983, P.15)

⁵⁷ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf> acesso 19 fev. 2015

conceitos é necessário e inadiável, pois, a compreensão do social pode facilitar sua transformação” (MEC, PCNEM, 2010, p.88).

Contudo neste mesmo contexto, o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul (2009, p.5) aponta para a falta de qualidade da educação oferecida aos estudantes brasileiros, o que preocupa muitos educadores, quanto ao alcance real dessa transformação social. Segundo o Referencial:

(...) o desafio em todo o Brasil e no Rio Grande do Sul, é a falta de qualidade da educação escolar oferecida às nossas crianças e jovens. Colocamos muitos alunos na escola e os recursos públicos destinados à escola pública não aumentaram na mesma proporção e, em consequência, caiu a qualidade, as condições físicas das escolas pioraram, baixou o valor dos salários dos professores, cresceram as taxas de reprovação e repetência e reduziu-se a aprendizagem.

Melhorar a qualidade é muito mais difícil. Em primeiro lugar, ninguém tem a fórmula pronta, pois, para começar, já não é tão simples conceituar, nos dias de hoje, o que é qualidade da educação.

Desta forma Pedro Demo (2010a, p. 861), ao dizer que “o sistema educacional é falho”, corrobora com as considerações que o campo nos permitiu fazer. A saber, de que o professor tornou-se o responsável pelo grau de entendimento que o aluno obtém, do que seja e para que serve o conhecimento que a disciplina escolar pretende alcançar.

Ao passo que o sistema em si é falho, o trabalho individual de cada professor pode tornar-se o diferencial.

(...) temos um sistema educacional que é “inepto”, as crianças não aprendem, os professores tendem a ser muito mal formados e mal pagos, a escola está ficando para trás, novas tecnologias não têm chance, e os alunos reclamam cada vez mais. Assim, “reformular” este sistema já não é o caso, porque o sistema já não possui razão suficiente para continuar existindo.

Imprescindível seria mudar profundamente, quase começar de novo, em parte para poder estar à altura das necessidades dos alunos em novos tempos, em parte, para corresponder aos cuidados pedagógicos da aprendizagem, reconhecida crescentemente como desafio continuado.

Referência fundamental é o professor, que, afinal, é o agente principal da mudança. Mudar o professor é crucial, porque praticamente todas as mudanças na escola são mudanças docentes. Criticar apenas não basta (nunca basta). É fundamental garantir novas oportunidades.

Mudar o professor para mudar a realidade posta. Não cabe aqui uma crítica ao modo como o professor age, mas sim apontarmos que as aspirações dos alunos precisam ser incorporadas aos cuidados pedagógicos do professor. Isto significa incorporar ao conteúdo disciplinar questões pertinentes as necessidades de conhecimento do momento. Proporcionar

ao educando uma referencia entre o que aprende na escola com os conhecimentos específicos de cada disciplina e as situações reais, as quais ele se encontra imerso enquanto sujeito social.

O que se observou, a partir deste trabalho, é que a escola, já não faz mais tanto sentido para as aspirações dos alunos, porém, sabem que precisam passar por ela, não porque acreditam que irão aprender algo novo, que somente na escola conheceriam, mas porque é necessário cumprirem com pré-requisitos impostos pela sociedade. Esta informação, de que os alunos vão a escola, não porque aprenderão algo novo, mas porque é um pré-requisito instituído socialmente, são elementos retirados de conversas pessoais que obtive com estudantes da instituição onde realizei as observações das aulas de Sociologia. Entretanto as colocações conferem com as inquietações trazidas pelos professores participante do IV Congresso Internacional de Educação.

Os alunos os quais acompanhei no decorrer de sua formação no ensino médio, na Instituição de ensino Olavo Bilac, quando questionados do porque iam a escola, na sua maioria responderam entre outras coisas que era requisito para o acesso a universidade. Teve quem apontasse que ia a escola porque era menor de idade e os pais a obrigavam.

No referido Congresso citado, as queixas manifestadas pelos próprios professores, eram de que, vários de seus alunos admitem que frequentam as aulas por obrigação e não porque a escola seja fonte de um conhecimento confiável. Segundo estes professores, seus alunos afirmam que não precisam ir a escola para aprender aquilo que as disciplinas lhes oferecem. O que confirma a consideração de que, para os alunos, ir a escola já não faz mais sentido.

Novamente podemos inferir aqui, que o problema da educação, são reflexos dos problemas do nosso tempo. Isto porque, a informação hoje, esta disponível ao clicar do *mouse* e, a escola com isso torna-se “sem sentido, pois aos poucos o aluno desenvolve sua racionalidade e percebe que o ensino é retrógrado e que a escola não leva a nada e por isso perde o interesse” (ANTUNES, 2015).⁵⁸

Contudo, o processo de pesquisa nos aponta para o fato de que o sujeito não se forma apenas dentro de uma sala de aula ou de uma escola, que a aprendizagem acontece em todos os momentos, em todas as situações vividas no dia-a-dia, sendo a escola, uma das etapas dentro do processo de construção de um conhecimento particular e que tem papel importante, embora não definidor, na construção do conhecimento pessoal dos alunos. Como aponta Pedro Demo (2002), a aprendizagem é um procedimento reconstrutivo infundável na arquitetura da autonomia de todo ser vivo, de dentro para fora.

⁵⁸ IV Congresso Internacional: Educação Humanizadora e os Desafios Éticos na Sociedade Pós-moderna.

Dessa forma, como afirma Brandão (1995, p.9-10), “não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor”. “Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios de aprender.” Ou seja, “aprendemos a viver dentro de algo bem mais que viver e sentir. Nós pensamos sabendo e sabemos pensando. E sabemos que sentimos e sentimos tomados desta ou daquela emoção porque aprendemos a nos saber sabendo” (BRANDÃO, 2002).

Nesse sentido, trabalhamos com a ideia de que a influência exercida sobre o aluno passa da instituição para a figura do professor e com isso ele se torna o responsável pela formação de opinião, tendo em vista que é o professor, através do conteúdo específico da sua disciplina, que estará construindo e direcionando o olhar dos alunos. Assim sendo, a Instituição em si não seria, neste caso, a responsável pela formação de opinião, tendo em vista que o professor é quem está responsável por aquilo que transmite ao aluno.

No que se refere a disciplina de Sociologia, é a partir do estranhamento e da conscientização, proporcionada pelo estudo da teoria, pelas reflexões orientadas pelo professor, que se configurará o sujeito que se formará no final da escola básica. Digo isso, tendo em vista que no decorrer dos três anos de observações realizadas nas aulas da disciplina de Sociologia, foi possível verificar que os elementos oferecidos aos alunos, através da teoria sociológica, contribuíram para a transformação do olhar dos estudantes, uma vez que a forma como a professora problematizou os fenômenos sociais, proporcionou um espaço de reflexão e construção de conhecimento, pautado na busca pelo entendimento daquilo que está oculto, ou seja, escondido por trás de uma postura política, econômica, cultural, midiática, etc.

Isso significa dizer que, neste caso, o conhecimento construído, a partir da disciplina de Sociologia, influenciou o modo de pensar daqueles estudantes. Com essa verificação, assevera-se que o professor pode fazer a diferença diante da falta de sentido que a aprendizagem escolar tem apresentado aos estudantes, independente da disciplina que oriente.

De acordo com Celso Antunes (2015), é o professor quem tem que ensinar ao aluno maneiras mais práticas de comparar, relacionar, analisar, ou seja, é ele quem precisa ensinar estes caminhos. Segundo Antunes, se o professor “quiser promover a mudança”, ele promoverá. “O professor pode dizer que não quer, mas: não sou capaz, jamais”. O professor é o “exemplo a ser seguido” pelo aluno, é “a referência do aluno”. Se o professor abre mão de conduzir seu aluno, de ensinar os caminhos, ele também “abriu mão da sua tarefa enquanto educador”.

Essas considerações são compatíveis com a postura da professora Mara. Talvez a minha presença em sala de aula tenha sido o motor desta postura flexível. Contudo não encontro motivos para afirmar com precisão tal fato, visto que as considerações positivas sobre a professora, o modo como trabalhava, o carinho como tratava os estudantes, partiam dos seus próprios alunos.

Considero sem sombra de dúvidas que o fato de a Professora Mara romper com a habitual forma de entrega de trabalhos escritos, valendo-se de diferentes suportes para apresentação daquilo que os alunos haviam compreendido, como grafites, colagem, jogos, poemas, juntamente com a liberdade de expressão e participação na construção das aulas, elaboração das temáticas a serem trabalhadas etc., colaborou não somente para despertar o interesse da classe aos temas pertinentes a disciplina de Sociologia, como também corroborou para que estes adolescentes descobrissem suas capacidades pessoais e se dessem por conta que a aprendizagem escolar pode fazer sentido quando conseguem perceber que aquilo que aprendem na sala de aula tem utilidade para suas vidas.

Eu só ensino quando o aprendiz aprende. O professor e aluno trocam permanentemente entre si. Os meninos e meninas, também tem o que ensinar, pois só ensinando temos condições de aprender. O professor é o mediador que promove o encontro do aluno com a Política, com a economia, com a história, com a vida. O conhecimento requer prática social e colocar o aluno a participar do clima da organização da aprendizagem estimula o mesmo a desenvolver a capacidade de mobilização e interação uns com os outros, aprendendo a trabalhar em comunidade respeitando o outro e se redescobrimo também. (ANTUNES, 2015).⁵⁹

Conhecimento que não cria, não é conhecimento. Dessa forma aponto que Sociologia é uma disciplina que demonstrou na prática, ser promotora de conhecimento e possibilitou aos alunos desenvolverem outros modos de pensar.

3.2 A importância da Sociologia para formação dos alunos do ensino médio

A obrigatoriedade da disciplina de Sociologia foi estabelecida pela Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008.⁶⁰ Por este, entre outros motivos, não há uma metodologia específica destinada ao ensino de Sociologia para o Ensino Médio, nem mesmo há consenso sobre o que

⁵⁹ Palestra, IV Congresso Internacional de Educação, Santa Maria, 2015.

⁶⁰ O Parecer 38/2006 do Conselho Nacional de Educação coloca as disciplinas de Sociologia e Filosofia como obrigatórias nas escolas de ensino médio no Brasil a partir do ano letivo de 2008.

ensinar e com isso a disciplina se torna “chata e pesada”, pois a linguagem é extremamente difícil, com conceitos até então desconhecidos e que se tornam densos aos alunos do ensino médio.⁶¹

Entretanto, como aponta Oliveira (2013, p.359), “ainda que não haja atualmente um currículo nacional de Sociologia para o Ensino Médio, isso não quer dizer que não haja referências que possam nortear minimamente a prática dos professores que lecionam esta disciplina”. As referências, as quais o autor menciona são os Parâmetros Curriculares Nacionais, e as Orientações Curriculares Nacionais, que, embora tenham propostas distintas, ambas contribuem para a construção do currículo escolar.

Avaliando com cautela, entretanto, constata-se que, embora o PCN aponte para uma formação crítica e reflexiva, não especifica o que seja tal proposição. Enquanto isso, as OCNs (2008), reconhecem algumas singularidades deste campo do conhecimento resgatando sua historicidade e apontando possíveis contribuições. Além disso, assinala como finalidade da disciplina na educação básica, a busca pelo estranhamento e desnaturalização da realidade social.

Nesse sentido, ainda que não muito claro, apontam aonde se quer chegar com a Sociologia no ensino médio, deixando aos professores a decisão de qual caminho seguir para cumprir tais objetivos.

Em outros termos:

Ao enfatizar objetivos como o estranhamento e a desnaturalização do senso comum, as OCNs apontam para a forma pela qual a sociologia pode, por meio de seus conteúdos, facilitar o exercício da cidadania. De fato, noções como estranhamento e desnaturalização constituem a base de qualquer conhecimento. Como afirma Gadamer (1997), como seres humanos, estamos sempre imersos em uma tradição, isto é, em uma espécie de quadro de referência histórica, lingüística e normativamente mediado. (HAMLIN, 2009, p.74)

Nesse sentido, compreendo que o conhecimento proporcionado pelo ensino de Sociologia pode ser percebido como uma ferramenta que auxiliará os alunos a usarem as informações e a sua razão a fim de compreenderem com clareza o que acontece no mundo e também dentro de si, (MILLS, 1969). Isso consiste que a teoria sociológica contribuiu para que os sujeitos percebam coisas simples que passam despercebidas, que estas situações já naturalizadas possam ser vistas a partir de outro ponto de vista.

Cabe ressaltar que não estamos querendo colocar a Sociologia como “salvadora da pátria”, pois enquanto disciplina escolar ela não é a única a participar da formação escolar dos

⁶¹ Disciplina “chata e pesada”, “pouco didática” foram colocações dos alunos do próprio ensino médio.

jovens. Como se sabe, o ensino médio é considerado pela Lei de Diretrizes e Bases como parte da formação básica de todos os sujeitos membros da nossa sociedade. Isto é, pressupõe que à ninguém deve ser negada, pois é base fundamental, atribuída como direito a todo e qualquer pessoa. Isso se deve ao fato de que a Constituição de 1988 estabeleceu a universalização da escolaridade.

“ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria...” atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade (...)” progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio” (...) “Acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo”, (Art. 208 parágrafo primeiro da Constituição da República Federativa/1988). (BRASILIA 2011, p.123).

Dessa forma, ao identificar o ensino médio como educação básica ele ganha um sentido mais amplo, ou seja, deixa de ser um estudo que prioriza apenas aqueles que pretendem dar continuidade aos seus estudos, tanto em nível profissional como em nível superior e passa a ter a responsabilidade de dar conta das competências sociais e cognitivas necessárias para que os alunos continuem estudando, aprendendo, criando e construindo a sua própria singularidade pessoal. Isso significa dizer que a formação básica tem o dever de proporcionar ao aluno uma preparação que suponha capacidade de aprendizagem contínua, independente da escolha pessoal de cada estudante.

Os recursos intelectuais mobilizados no processo de aprendizagem devem ser empregados como conhecimentos que possibilitem o estudante agir dentro de situações concretas. É assim que a Sociologia vem para somar conhecimento junto a formação básica e auxiliar na conjunção entre as competências adquiridas na escola e as possibilidades reais de aplicabilidade delas.

Segundo Guiomar Mello (s.d. p.2-3),⁶²

“mobilizar conhecimento para agir em situações determinadas requer mais do que entender conceitos, compreender relações e fazer extrapolações. Exige senso de pertinência, intuição, sensibilidade para a oportunidade, julgamento de valor. Um currículo escolar, voltado para competências, requer o esforço permanente, para que sejam criados ambientes de aprendizagem facilitadores da constituição de conhecimentos que façam sentido e permitam ao aluno descobrir porque se aprende e para que serve o aprendido.”

Um currículo voltado para competências significa dizer que, o que está em jogo não é a transmissão do conhecimento acumulado, mas sim a capacidade de servir-se do que se

⁶² Disponível em < <http://www.namodemello.com.br/pdf/escritos/ensino/coracoeseCabecas.pdf>> acesso 19 fev.2015

conhece para realizar o que se deseja, o que se projeta. Isso equivale a dizer que o currículo atribuiu “valor de uso”, vinculando o saber às práticas sociais (MACHADO, 2002). Objetivos equivalentes ao proposto para a disciplina de Sociologia, a qual seja vincular o conhecimento sociológico às práticas sociais.

De acordo com Ropé (2002), para que o currículo escolar seja definido por competências, o conhecimento apresentado ao aluno precisa identificar-se com a ação que este aluno realizará. Exige-se com isso que o estudante saiba fazer uso do conhecimento que adquiriu e não mais que apenas saiba, ou seja, não é suficiente saber que existe uma teoria, um teorema, etc., é preciso saber usar esta informação nas mais diversas situações que uma pessoa possa ser submetida no decorrer de sua vida.

O que se pretende com a efetivação da Sociologia na escola básica é precisamente isso. Ao vincular o conhecimento com a prática social, o aluno está, desde a formação básica escolar, exercitando aquilo que posteriormente com a vida adulta se torna imprescindível, ou seja, saber fazer uso, nas mais diversas situações postas, do conhecimento que adquiriu no decorrer de sua vida.

Dessa forma, conforme Perrenoud (1999), o currículo deve construir um conhecimento que se ajuste a um saber contextualizado, evitando uma hierarquização do saber pautado no conhecimento erudito. De acordo com o autor a abordagem por competência acentua a implementação da disciplina. Entretanto a reformulação curricular que esta posta em prática aqui no Rio Grande do Sul, agrupa as disciplinas em áreas do conhecimento, o que evidencia uma preocupação com a disciplina de Sociologia, pois esta, conseqüentemente, passa a poder ser ministrada, segundo a Coordenadoria Regional de Educação (CRE), por qualquer profissional com formação em Humanas: (História, Geografia, Filosofia, Sociologia).

Qualquer disciplina que pretenda alcançar um grau mínimo de reflexibilidade sobre sua *práxis*, concebida simultaneamente como dimensão educativa e social, deve buscar conhecer a realidade pedagógica e sócio-cultural de seus sujeitos – alunos, comunidade escolar e professores. É nesse sentido que a disciplina de Sociologia, que busca afirmar-se não apenas como uma disciplina obrigatória, mas de relevância social, deve refletir sobre os sujeitos do processo de aprendizagem. (RAIZER et. al., s.d, p.5-6)

Dentro desta ótica é que nos referimos que a sociologia não é salvadora da pátria, mas, quando compreendida, tem a capacidade de “desenvolver competências e habilidades” definidas no campo das Ciências Sociais, que não estão presentes em outros campos nem podem ser “desenvolvidas” por outras disciplinas ou por profissionais que não tenham sido

preparados. O que se desenvolve com este conhecimento é aquilo a que se tem chamado de “olhar sociológico”.

Dessa forma pondero que a disciplina de Sociologia, como elemento fundamental para formação básica dos sujeitos, contribuiu para o desenvolvimento da formação crítica dos mesmos, em função das necessidades do seu tempo. Todavia, para que esse objetivo se cumpra efetivamente, ponderamos que depende do modo como os profissionais responsáveis pela orientação deste conhecimento, decidirem ministra-lo, isto é, vai depender, e muito, dos caminhos pelos quais o professor conduzirá o aprendizado desta ciência e estando ela, aqui no Rio Grande do Sul, submetida a orientação de “qualquer” profissional, corre o risco de não cumprir com suas finalidades.

3.3 Um olhar sobre o ensino-aprendizagem

É importante não ignorarmos o fato de que a instituição escolar, através do conhecimento que transmite, contribui na construção dos modos de pensar e perceber o mundo, conseqüentemente colabora com a maneira de falar a respeito da realidade da sociedade e igualmente o jeito com que cada um pensa de si próprio. Dessa forma, todas as experiências vivenciadas na escola “influenciam a percepção, a interpretação e a valoração da realidade” (ANTUNES 2011, p.15).

É neste sentido que tenho enfatizado constantemente que a forma como o conhecimento é trabalhado com os alunos, pode se tornar a chave para a construção de um conhecimento qualificado ou não. Pois se as experiências escolares influenciam na construção valorativa da realidade, realizada pelos estudantes, considera-se portanto, que a ação pedagógica exercida pelo professor é o quesito que merece maiores reflexões quando se trata de ensino e construção de conhecimento.

Santomé (1997, p. 23) assinala para o fato de que ainda é possível “constatar o medo de reconhecer e assumir que educar é uma ação política não um trabalho meramente técnico”, e que os discursos profissionalizantes “estão sendo utilizados como disfarce para despolitizar e desfigurar grande parte do trabalho sociocultural e educativo”. O medo de assumir que a ação pedagógica é uma ação política é o mesmo medo que se tem, de considerar que o ensino exerce forte influência sobre a forma como os sujeitos irão perceber a realidade social, ou seja, que o modo como o professor trabalha é, muitas vezes, decisivo para as escolhas

realizadas pelos alunos. Em certos casos, a retórica utilizada pelo professor dirá se o aluno vai se interessar ou não por aquilo que lhes é apresentado.

Segundo Libaneo, (1994, P.24), a educação escolar pode ser vista como “um sistema de instrução e ensino com propósitos intencionais”, assim como “um processo de assimilação de conhecimentos e experiências acumulados pelas gerações anteriores no decurso do desenvolvimento histórico-social”. Nesse sentido, a educação escolar:

(...) ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através do passar uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação, participa do processo de produção de crenças e ideias de qualificações e especialidades, que envolve as trocas de símbolos, bens e poderes, que em conjunto constroem tipos de sociedades. (BRANDÃO, 1995, p.10-11)

Sendo assim as finalidades educativas estão condicionadas pelas condições sociais, política e econômica da sociedade, ou seja, subordinam-se aos interesses de classes, determinadas pelas formas de organização das relações sociais.

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada, do processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homens a formar, para qual sociedade, com que propósito (LIBANEO, 1994, p.25)

Neste sentido, a escolarização básica “tem como função a socialização da parcela do saber sistematizado que constitui o indispensável à formação e o exercício da cidadania”, isto é, deve garantir a todos, independente da região em que vivem, do seu credo político e religioso, uma base comum de conhecimento e habilidades (MELLO, 1987, p.22). Vale ponderar que, oferecer uma base comum é oferecer acesso aos mesmos elementos específicos, com a mesma qualidade.

Entretanto, sabemos que a escola pública esta distante de atender estas finalidades, sendo que “dentro da própria escola há grandes diferenças no modo de conduzir o ensino, conforme a origem social dos alunos” (LIBANEO, 1994, p.35). O autor sugere, “para que a igualdade seja real e não apenas formal, que o ensino básico deve atender a diversificação da clientela, tanto social quanto individual. Isto implica ter como ponto de partida conhecimentos e experiências da vida, de modo que estes sejam referencias para os objetivos, conteúdos e métodos”, (iden, p.39).

Na prática isso requer que o professor estabeleça seus objetivos, assim como também as suas expectativas, quanto ao desempenho dos alunos em função daquilo que a região, a comunidade, o grupo social oferece como referencia para o estudante. Igualmente,

espera-se que na prática educativa, sejam considerados os graus de cognoscibilidade dos alunos, o que não é possível esperar que todos alcancem o mesmo grau de entendimento, sobre as mesmas coisas nos quatro cantos desse imenso país.

Essas considerações apontam para outra grande questão, debatida e enfatizada no documento oriundo da conferência Internacional sobre Educação, realizada em 1990, na Tailândia, patrocinado pela UNESCO ⁶³, denominado: “A Declaração Mundial sobre Educação para Todos”.

De acordo com este documento, o papel do professor é transmitir de forma maciça e eficaz novos saberes, mas também, encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas maciças de informação (DELORS, 1996). Antunes (2007, p.13) criticou essa definição dizendo que “o papel que é dado ao professor, como se constata facilmente, é contraditório”, isso porque o professor passa de “agente transmissor de informação” para “selecionador e decodificador” mostrando aos alunos como descobrir e selecionar as informações de maneira a transforma-las em saber.

Porém, os objetivos da educação não condizem com uma escolarização que se encontra “atrelada aos apelos do mercado e que despreza a formação geral e crítica do educando” (ARANHA, 2006, p. 362). A educação escolar, como se constata facilmente, aos olhos dos estudantes não faz muito sentido, pois além de ter se tornado retrógrada aos anseios do momento, foca o desenvolvimento do saber aos apelos de um mercado manipulador e que dita o que devem sonhar e almejar.

Podemos perceber em função dessas considerações, que existem muitas contradições a serem superadas quando se trata de educação. Uma delas é o fato de que o aluno e o professor encontram-se em situação delicada, em vista de que, um tem o direito de receber uma educação que possibilite agir consciente em qualquer circunstância, entretanto o outro tem como tarefa ensinar para que o aluno seja crítico e consciente, mas trabalho para um sistema que dita aquilo que se deve saber e aprender para ser considerado um bom cidadão.

É nesse sentido que Durkheim (1955, 1985, p.42) afirma que “a educação satisfaz antes de tudo, as necessidades sociais”, sendo que toda educação, consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir as quais ela não teria espontaneamente chegado”. Isso significa que o caráter socializante da educação consiste na imposição dos padrões de comportamento, o que contradiz uma formação crítica e consciente.

⁶³ A UNESCO é um órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) criada em 16 de novembro de 1945, para promover a paz e os direitos humanos com base na solidariedade intelectual e moral da humanidade. www.unesco.org.

Assim, compreendo que ao percebermos que maneiras de ver o mundo nos são impostas, torna-se fundamental quando se deseja a construção de conhecimento crítico e reflexivo. Isso significa, que é preciso mostrar aos sujeitos que eles estão imersos em um sistema social, com regras e deveres que foram concebidos por gerações anteriores, mas que podem e são modificadas em função das transformações sociais, basta que os sujeitos se deem por conta de que tal regra não condiz mais com os anseios do momento. Porém, só se dá por conta de que pode se realizar uma transformação, aquele sujeito que percebe que a situação é imposta e não algo natural.

E é em meio a esse complexo cenário, que a Sociologia como disciplina se encontra. Além de apontar as infinitas possibilidades de relação entre os fenômenos sociais, desnaturalizando a ideia de que existe uma verdade absoluta, contribuiu para a conscientização de que a constituição nossa, enquanto sujeito, embora tenhamos nossa singularidade, pertence ao mundo, isso porque os sujeitos são forjados a partir das complexas relações existentes e muitas vezes imperceptíveis que caracterizam as sociedades a cada novo período.

Neste sentido, a Sociologia amplia os horizontes do nosso entendimento direcionando nossas reflexões para uma fonte inesgotável de possibilidades de entendimento, auxiliando, também, numa maior tolerância e menor preconceito quanto ao modo de ser daqueles sujeitos que não pertencem ao nosso vínculo social, político, religioso, econômico. Em fim, possibilita o acréscimo de um respeito mútuo quanto a qualquer diferença existente entre a humanidade, pois os sujeitos passam a compreender que a cultura humana é formada por infinitas formas de vida que se entrecruzam, se relacionam e constituem uma única espécie: a Espécie Humana.

No âmbito da própria sala de aula, a complexidade que envolve o ensino foi o primeiro desafio que se colocou ao ensino de Sociologia, assim como para os agentes envolvidos neste contexto. Ao passo que dentro deste cenário encontram-se modos de pensar, de agir, de vestir, ou seja, pessoas de diversos estratos sociais, de diferentes credos, que defendem diferentes ideologias, ficou visível que a Sociologia pode ser incorporada pelos sujeitos de forma singular em cada caso e servir para que se crie a consciência de que a heterogeneidade se torna compreensível quando se percebe que a sociedade é formada de infinitas partes nem sempre semelhantes.

Os alunos, a partir do conhecimento que adquiriram, descobriram que existem infinitas formas de pensar e aprenderam a questionar, tanto dentro de seus lares, quanto em sala de aula. Se deram por conta de que podem ser promotores de mudanças sociais, a

começar pela própria sala de aula, questionando o porquê devem aprender isso ou aquilo. Contudo esse movimento de conscientização crítica, soou como um tom de rebeldia à escola e a forma de conter foi “cortar o mal pela raiz”, isto é, frear aquele quem está proporcionando que a mudança se realize. Outro desafio que se coloca àqueles que decidirem realmente objetivar a formação crítica e reflexiva.

Dessa forma, aponto, a partir da experiência vivenciada com a disciplina de Sociologia na escola básica, que a mesma serve de motor para as mudanças individuais, mas que a mesma deveria ser debatida e, seus objetivos melhor compreendidos, não somente com os alunos, mas igualmente com todos aqueles que compõem o cenário escolar. Isso se deve, em função de que enquanto de um lado o professor de Sociologia estimula a reflexividade, o questionamento, a dúvida, a análise reflexiva dos fatos, os demais agentes envolvidos nesta ação educativa, por não compreenderem a importância do posicionamento ativo dos alunos, acabam por sufocar aquilo que foi estimulado no educando pelo professor de Sociologia e com isso muitos desconfortos são ocasionados, pois há quem não prefira alunos críticos.

Porém, isso nos mostra que não há mudança sem conflito. É no instante em que os sujeitos se dão por conta de que, o que está posto não faz mais sentido, que vão à luta em busca de novos horizontes, e isso ocasiona desconforto naqueles que preferem sujeitos obedientes.

Contudo, as divergências entre os pontos de vista são necessárias para que o conhecimento progrida, pois enquanto seres aprendizes, somos seres inconclusos, e portanto, não somos detentores de todos os saberes, assim como estamos constantemente adquirindo novos saberes. Nesse sentido a troca enriquece o aprendizado, mas o conflito entre as partes também se constitui um dos elementos que demonstram que o impacto gerado pelo conhecimento está sendo positivo. Isso porque, não há quebra de paradigmas sem conflito, no entanto eles são necessários.

Nesse sentido, não descarto a hipótese de que o conhecimento sociológico gere conflito de pensamentos entre os agentes envolvidos na prática educativa. Porém, esse é um elemento fundamental para que os sujeitos que se preparam para a vida adulta tenham conhecimento de que é preciso avaliar sempre, as informações as quais constituem o rol do conhecimento que lhes está sendo oferecido, afim de que saibam selecionar aquilo que lhes servirá de base para formular conceitos inequívocos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da sociologia no ensino médio, seu significado, relevância, prática e realidade, está entre alguns dos temas mais fecundos, proeminentes e atuais na educação brasileira (MOCELIN; RAIZER, 2014). Como se percebe, o tema tem despertado o interesse de muitos pesquisadores e é crescente o número de trabalho sobre assuntos diversos que contemplam o ensino de Sociologia no ensino médio.

Para este trabalho em específico, busquei analisar o âmbito educacional, percebendo-o, como um campo complexo e sensível do qual é fundamental se fazer presente, dentro do contexto da instituição educativa e no que se referiu a este trabalho, no interior da sala de aula, para que se torne possível compreender efetivamente o que pensam alunos e professores, o que sabem, o que estão aprendendo, o que está sendo feito e porque está sendo feito desta ou daquela maneira.

A pergunta que impulsionou a pesquisa foi: Para que serve a Sociologia no ensino médio? Porém, esta é uma demanda que circunda outras tantas questões ligada à formação do docente de Sociologia, sua prática, a sua percepção quanto às finalidades da disciplina para a vida dos estudantes, a luta dos profissionais para a implantação da disciplina, a trajetória da disciplina no Brasil, entre outras tantas questões pertinentes à temática.

Em busca de aproximar-me mais perto possível da resposta, apostei na fala dos estudantes quanto a utilidade da Sociologia para suas vidas, assim como nas ponderações da Professora em relação a importância de se conhecer esta ciência. Busquei a partir da descrição dos alunos e suas avaliações sobre a disciplina, apontar quais as mudanças a Sociologia estava provocando no modo de pensar daqueles estudantes.

Dessa forma, as colocações dos estudantes sobre a disciplina e a importância dela para suas vidas, juntamente com as considerações da professora em relação aos seus objetivos quanto ao que desejou ensinar nas suas aulas, direcionei as considerações e discussões elaboradas aqui.

Na busca por aproximar-me das questões ligadas ao ensino de sociologia em Santa Maria, também foi importante conversar com outros professores da rede pública que estavam responsáveis pela disciplina no âmbito do município. Este contato possibilitou conhecer a realidade estrutural vivenciada pelos estudantes e professores tais como, carga horária, profissional responsável pela disciplina com ou sem formação nas Ciências Sociais, entre outros elementos relacionados.

Em meio à busca por informações e contato com estes profissionais docentes, uma das dificuldades foi as restrições impostas pelas direções escolares, as quais impediram qualquer tipo de proximidade ou contato interno com os professores de sociologia. Sendo que as escolas que permitiram ser observadas impuseram limites bem estreitos às observações, vale salientar que não aprofundei qualquer discussão a respeito deste comportamento, em vista de que a própria escola estreitou os limites de acesso à pesquisa.

Entretanto a participação dos sujeitos de pesquisa não ficou restrita às observações da sala de aula, na turma da professora Mara Miranda, mas se expandiu a conversas fora dos muros escolares, bem como, a partir de relatos de professores de escolas não observadas, os quais contribuíram para uma leitura mais ampla sobre a disciplina de sociologia, como já mencionado acima.

Neste sentido, considerando o depoimento dos alunos, é necessário reconhecer que, dentro da sala de aula, o professor ainda tem o poder de decisão quanto ao que oferecerá aos estudantes e com isso o professor pode fazer a diferença, quanto a qualidade de sua aula. Isso é um ponto positivo no que se refere à disciplina de sociologia, pois possibilita que o professor, a partir de uma aproximação do universo social e pessoal dos seus alunos, construa debates pertinentes às necessidades de conhecimento deles.

Todavia, essa liberdade é perigosa visto que nem todos os profissionais que ministram aulas de Sociologia, pelo menos na cidade de Santa Maria, não são Licenciados em Ciências Sociais ou Sociologia, além do que, mesmo os profissionais com formação, apresentam dúvidas quanto aos caminhos metodológicos e pedagógicos a seguir. Dessa forma a experiência, juntamente com uma forte dose de amor e boa vontade conjugados ao conhecimento, são elementos que auxiliam o professor a chamar atenção dos alunos para a construção de um sentido para aquilo que estavam aprendendo.

Reconheço que amor e boa vontade são sinônimos que extrapolam a leitura acadêmica, mas se fazem presentes no processo de formação de qualquer sujeito, e, conseqüentemente está presente também no trabalho docente. Segundo a Professora Mara, é o seu “amor” que motiva a não desanimar, e de acordo com os alunos, é “a compreensão e o carinho” que a professora demonstrava ao ouvi-los, “respeitando e dando oportunidades para que todos se expressassem” que motivou a turma a querer saber o que significava essa disciplina.

Dessa forma, podemos dizer que antes de compreenderem ou se interessarem por aquilo que a sociologia podia lhes oferecer, foi de grande importância a capacidade de conquista da professora. É por este motivo que aponto que não basta um professor e uma

teoria. Existem diversos elementos que permeiam a construção de um conhecimento e eles vão além daquilo que o professor aprendeu na universidade e se inserem no âmbito simbólico e particular de cada sujeito, seja do professor ou do aluno.

Constatei que o diferencial na formação da turma da Professora Mara, esteve no contato dos estudantes com a teoria a partir de seus próprios referenciais particulares, ou seja, a partir dos fenômenos vivenciados pelos alunos, de suas dúvidas, seus sonhos, das inquietações cotidianas. Além disso, posso afirmar que a formação pessoal e profissional do professor diz muito em relação ao tipo de aula que será oferecida aos alunos.

Neste sentido, é plausível ponderar que os educadores dos educadores, os professores universitários, precisam aprender a lidar com a realidade a qual estão formando profissionais, visto que uma das maiores reclamações é justamente o choque inicial de enfrentar uma realidade a qual não foram preparados para atuar e este é um ponto que constatamos a partir do contato com professores da escola básica e com os estudantes da Licenciatura.

Na turma da Professora Mara, o aprendizado sociológico se deu em etapas. Aos estudantes do primeiro e segundo ano do ensino médio foi instigado o reconhecimento de termos, da linguagem e de conceitos pertinentes às ciências sociais, assim como também foram motivados a criar o hábito da leitura e da reflexão a partir de debates levantados pela professora em aula. Após um período de contato e esclarecimentos, já mais familiarizados com alguns termos sociológicos, os alunos começam a inferir questões, sugerir reflexões e críticas sobre as leituras.

É num terceiro momento, depois de melhor familiarizados com a Sociologia, que estes começam a formular seus próprios argumentos sobre os fenômenos, agora não mais unicamente a partir do senso comum, mas sim a partir de uma avaliação mais profunda do universo causal dos fenômenos sociais. Em resumo, começam a ter um maior cuidado em relação às fontes das suas afirmações.

Próximos do término do ensino médio, depois de muitas conversas, muitas dúvidas, reflexões, todos já sabiam qual caminho iriam começar a trilhar, quais eram as profissões desejadas. Estavam cientes de que nem tudo dependia unicamente deles, mas o diferencial estava com eles. Sabiam que havia muitas dificuldades a serem enfrentadas, mas que “quando há vontade e amor tudo fica mais fácil”.⁶⁴

No contato semanal com a turma era possível perceber a mudança no comportamento e no modo de pensar e se expressar da turma. Por certo isso não é mérito unicamente da disciplina de sociologia, visto que a educação escolar é uma “fração do modo de vida” e que o

⁶⁴ Resumo do discurso dos alunos na formatura.

conhecimento se constrói no dia-a-dia no contato dos seres humanos com a sociedade, com a natureza, com o meio social em que vivem.

Contudo, a parte que cabe às Ciências Sociais se encontra no fato de que este conhecimento organiza o modo de pensar. Esta ciência, quando bem compreendida serve de guia na aventura humana que é viver em uma sociedade heterogênea e complexa, orientando os sujeitos naquilo que eles dizem e fazem, apontando minúcias que passariam despercebidas aos seus olhos. Sendo um guia, pode se dizer que a Sociologia, quando bem compreendida, explica detalhes que nós, enquanto sujeitos imersos na vida cotidiana, já nem percebemos, pois está naturalizado por nós.

Além disso, fornece, a partir de sua teoria e seus conceitos, sugestões e perspectivas de leitura do universo social que até então os sujeitos não haviam considerado. Dessa forma, ao término do ensino médio, os estudantes por certo não se tornaram mini cientistas, nem conhecedores profícuos das Ciências Sociais, porém podemos dizer que estão sabendo mais e com isso aperfeiçoaram as suas formas de compreensão.

A sociologia constrói um sentido de entendimento que coloca os sujeitos em constante exercício de reflexão das suas experiências e dos fatos que surgem das relações sociais, buscando sempre interpretar essas relações com referência às circunstâncias sociais as quais se encontram os sujeitos e os fatos. Dizer isso significa afirmar que a Sociologia ajuda ampliar os horizontes de compreensão dos fenômenos sociais contribuindo com o desenvolvimento de uma sociedade mais tolerante, pois no instante em que os sujeitos percebem que é normal ser diferente, pensar diferente, agir diferente, começam a interessar-se por compreender onde está a diferença, porque ela existe, e principalmente aprendem a respeitá-la, assim como passam a cobrar respeito por si e pelos outros.

Os alunos observados aos poucos aprenderam a refletir sobre suas considerações, e mais do que isso, queriam saber mais sobre aquilo que tinham dúvidas. Compreender sobre o funcionamento de um sistema político colaborou para que percebessem que a omissão contribuiu para que a corrupção, tão apontada por eles, permaneça. Saber sobre os movimentos sociais contribuiu para que percebessem que o comentário feito em casa pelos pais sobre “os baderneiros” era muito mais influência da mídia do que compreensão sobre o que estava acontecendo no país.

Ao acompanhar o progresso diário destes estudantes nota-se que as mudanças ocorreram na forma de ver as coisas. Antes não se preocupavam com o que estavam dizendo, se o que diziam estava de acordo ou não com a realidade contextual do fato, ou seja, aplicavam comentários em função das visões de mundo adquiridas com a família, com a

comunidade da qual participam. No instante em que a Professora começou a questionar e problematizar as colocações dos seus alunos, eles começaram se dar por conta de que suas vidas e suas colocações eram fruto das relações as quais estavam inseridos e que precisavam, antes de tomar uma posição, avaliar os fatos e buscar compreender suas motivações dentro daquele espaço temporal em que foi ocasionado.

Portanto, de acordo com a opinião do grupo, a Sociologia serviu a eles para isso, para ampliar os horizontes de compreensão e conseqüentemente desenvolver em cada um “o respeito pelo outro”, pelas diferenças. Serviu para mostrar que a grandeza do conhecimento é resultado da interação entre os sujeitos e suas diferenças, pois é dessa interação que surgem as ideias, as invenções e com isso a sociedade enriquece a sua cultura.

Com a Sociologia eu ampliei minha visão de mundo. Eu pensava pequeno.

Acho que a coisa mais importante que eu aprendi com a professora Mara, foi que as diferenças são importante, porque seria muito chato uma sociedade em que todo mundo pensasse igual, a gente só aprende alguma coisa convivendo com coisa nova e diferente.

Eu acho que se não fosse a professora Mara eu não teria aprendido tudo isso em Sociologia. (Diário de Campo, novembro de 2013).⁶⁵

Acredito que a disciplina de sociologia teve o poder de balançar as estruturas emocionais daqueles alunos, pois proporcionou a eles o rompimento de algumas pré-noções e com isso estimulou a turma a questionar, não somente a professora Mara, mas os outros professores, o pai, a mãe, os amigos. Isso ocasionou um movimento de mudança no pensar e agir deles. Aquele aluno que antes apenas escutava, agora contestava, contrapunha a colocação dos colegas e da Professora. A partir da oportunidade de argumentação e elaboração de suas próprias considerações, desenvolveram uma postura na qual eles mesmos já se davam conta que precisavam avaliar seus discursos, respeitando o modo de pensar dos outros.

A maior contribuição que a disciplina proporcionou na turma da Professora Mara, e temos que ter em mente que cada professor e cada turma são diferentes, portanto o resultado pode ser outro, foi ver ao final do ensino médio um grupo de jovens capazes de autocrítica.

⁶⁵ Essas eram anotações que fiz no meu diário, fruto de uma conversa informal com alguns alunos, enquanto estávamos debruçados nas janelas do corredor esperando o intervalo passar. Enquanto conversávamos sobre coisas triviais da vida, como família, namorado (a), time de futebol.

Pois no momento em que o ser humano desenvolve a capacidade de autoanálise, a meu ver, ele se torna mais justo, mais coerente e respeitador e isso tudo cabe dentro da ideia de desnaturalizar ou porque não, desnaturalizar-se.

Acredito que para sermos capazes de desnaturalizar o que é exterior a nós mesmos, temos que ter, antes disso, condições de perceber quais das nossas ações já estão tão naturalizadas a ponto de nos colocar incapaz de perceber o que move a ação do outro. A partir do que observei vejo que só conseguimos desnaturalizar algo quando percebemos que nossas ações e pensamentos estão impregnados por pensamentos que foram sendo adquiridos ao longo de nossa educação e que acreditamos terem sido criados por nós mesmos.

Como apontou Antunes (2015), o ser humano está constantemente aprendendo coisas novas, coisas novas estão constantemente sendo descobertas e, por isso, a aprendizagem nunca termina. Dessa forma, a transformação, ela acontece quando o sujeito deixa de pensar como anteriormente e isso é “absolutamente possível” em qualquer tempo, em qualquer pessoa. Contudo, “o erro da educação está em educar para existir e não para viver”. Educar para viver e não apenas encher a cabeça dos alunos de conteúdo, esse é o segredo para o sucesso do aprendizado.

Nesse sentido, finalizo dizendo que a disciplina de Sociologia, ministrada pela Professora Mara Miranda na Instituição de Ensino Olavo Bilac, serviu para aquele grupo de alunos perceber que é necessário transformar o modo de ver, ser e agir, para em seguida deixar de pensar e de fazer como antes. A transformação acontecerá agora nas suas atitudes enquanto sujeitos responsáveis pelas suas ações dentro da sociedade. A Professora Mara, a partir do conhecimento proporcionado pelas Ciências Sociais, mostrou um dos infinitos caminhos para se chegar à transformação, que é gradual e permanente.

Muitas vezes deixando o conteúdo teórico de lado e dando um simples conselho, ou como se referiu Celso Antunes, ensinando para viver, a Professora estava sem perceber apontando para a importância do saber, porque ter conhecimento e não saber o que fazer com ele de nada adianta como aponta Morin.

A sociologia mudou a minha vida; graças a sorinha Mara, hoje eu consigo ver o mundo com outros olhos. (G. 2013).

Com a Sociologia eu percebi que o que eu acho é influencia daquilo que me ensinaram em casa e agora eu preciso começar a analisar se o que penso é meu ou é dos outros. (M. R. 2013)

Eu aprendi que as pessoas agem de acordo com o que os outros querem, procuram o emprego que do status e dinheiro, mas não se dão por conta que vão ser infelizes. (A. k. 2013).

Estou revendo os meus conceitos. (J. 2013).

Trouxe estas passagens nas considerações finais, para demonstrar que o conhecimento oriundo das Ciências Sociais, fornecido aos estudantes de ensino médio, serviu para aquela turma de alunos desnaturalizar sentimentos e discursos sobre coisas simples. Porém foi o começo da transformação, se pensarmos nela como mudança no modo de pensar, uma vez que para mudarmos o nosso pensamento, antes é preciso se dar conta de que aquilo que pensamos precisa ser analisado por nós mesmos, antes que acreditemos ser a única possibilidade de ver o mundo.

Nesse caso a minha conclusão ao final da pesquisa é que a Sociologia na escola serve para que os sujeitos mudem o ponto de vista sob o qual examinam a realidade social. Em todas as circunstâncias, a sociologia serve de guia, isso porque, quando compreendido, o conhecimento sociológico conduz o olhar dos sujeitos, facilitando aos mesmos, uma prática social mais justa, pois esclarece as dúvidas, assim como faz os indivíduos perceberem quando realizam pré-concepções apenas avaliando aquilo que está ao alcance dos seus olhos, não considerando o lado subjetivo que dá o sentido à cada ação em cada indivíduo. Inclusive a ação exercida pelo mesmo sujeito que realiza tal ponto de vista.

Essa avaliação nos leva a uma segunda consideração, a de que essa pesquisa serviu para colaborar tanto com as reflexões sobre a metodologia, mostrando que a teoria deve ser aliada ao exercício da prática reflexiva, inicialmente examinando e construindo reflexões críticas sobre o universo e os fenômenos vivenciados pelos alunos, para posteriormente visualizarem e analisarem os acontecimentos que ocorrem fora do contexto pessoal de cada um, buscando, também, avaliarem as consequências e o alcance que estes podem exercer nas suas vidas. Serviu igualmente para mostrar, que a Sociologia é um conhecimento, que precisa ser debatido, pensado e repensado em função das necessidades intelectuais de cada grupo de estudantes, não sendo possível impor uma linha de raciocínio fixa e pontual para todos os cantos do País.

Dessa forma, contribui apontando que é necessário buscar caminhos que nos dê a certeza de que cada sujeito estará realizando, a partir do ensino de Sociologia, a introspecção daquilo que será utilizável nas tomadas de decisões que a vida a impuser, como também, para

a formulação de considerações. Esses caminhos devem ser encontrados nos próprios estudantes, pois é para eles que o conhecimento precisa fazer sentido, pois mais do que saber para que serve um conhecimento específico, ele precisa ter aplicabilidade. Assim sendo, finalizo dizendo que o conhecimento de Sociologia serve, acima de tudo, para que os estudantes busquem a transformação de si mesmos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, H. S. **Ser aluno e ser professora**: um olhar para os ciclos da vida pessoal e profissional. Santa Maria. Editora UFSM, 2011.

ALVES, R. **Conversa com quem gosta de ensinar**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993. 102p.

ALVEZ, Maria. S. COSTA, Patrícia, R. S. M. Aspectos históricos da cadeira de sociologia nos estudos secundários (1892-1925). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 6. n. 2. 2006

AZEVEDO, F. **Princípios de Sociologia**: Pequena introdução ao estudo de Sociologia geral. v. 1, 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. 329p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: Sociologia**. [Ciências humanas e suas tecnologias]. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. 60p.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN - Ensino Médio**: Parâmetros Curriculares Nacional. Brasília: MEC. 2010

BRASIL. **Decreto n. 981 de 08 de novembro de 1890**. Aprova o regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **DOU**, Brasília, DF: Senado Federal, 2011. 456 p.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 747p.

_____. **O senso pratico**. Petrópolis, Vozes, 2009.

_____. **Escritos de Educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 251p.

BOURDIEU, P. Sociologia. In: ORTIZ, R.(Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. 184p.

BOURDIEU, P.; CHAMBERON, J.; PASSERON, J. **Ofício de Sociólogo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Ática, Coleção Primeiros Passos 1995. 102.p

_____. Cultura: o mundo que criamos para aprender a viver. In: **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. Cap.1 - O mundo que criamos para aprender a viver (p. 15-27).

BRUM, C. K.; PERURENA, F. C. V.; OLIVEIRA, R. M. Como os Sociólogos se tornam professores: da implantação dos cursos de Licenciatura em Sociologia na Universidade Federal de Santa Maria e seus Impasses. In: **O Ensino de Sociologia no RS: repensando o lugar da Sociologia**. Porto Alegre, LAVIECS, 2013. p.?

CEZIMBRA, J. A. **Estágio de Observação I**. Santa Maria/BR: Faculdade Interativa COC, 2009.

CUNHA, L. A. Resenha Bibliográfica: Educação e sociedade no Brasil. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. BIB, Rio de Janeiro, n. 11, 1º semestre de 1981.

CUNHA, L. A. **Educação e sociedade no Brasil**. In: ANPOCS-BIB. O que se deve ler em ciências sociais no Brasil, n. 2 São Paulo: Cortez, 1986-1987.

CARVALHO, L. M. G. (Org.). **Sociologia e ensino em debate** - Experiências e discussões de sociologia no ensino médio. Ijuí: Unijuí, 2004. 390p.

CARVALHO, L. M. X. Sociologia no ensino médio: mudanças profundas na educação. Revista Espaço Acadêmico. Nº 69, 2007. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/069/69carvalho.htm>>. Acesso em: dez. 2014.

COHN, Clarice. Antropologia da criança Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002. 296p.

CRUZ, S. P. S. A Construção da Profissionalidade Polivalente na Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Sentidos atribuídos às práticas por professoras da Rede Municipal do Recife. **Tese de Doutorado**. Apresentado a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2012.

DELORS, J. (Org). Educação. Um tesouro a descobrir. São Paulo. Editora Cortez, Unesco-MEC, 1996.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. de O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, ,1978.

DEMO, P. **Pensando e fazendo educação**: Inovações e experiências educacionais. Brasília. Liber , livro, 2011. 155,p.

_____. **Educar pela pesquisa**. 8. ed. Campinas. SP, 1998, p. 130.

_____. Rupturas urgentes em educação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 861-872, out./dez. 2010a.

_____. Educação pela pesquisa. **Entrevista dada a Revista Nova Escola**. 2010b. Primeira parte. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/video-pedro-demo-fala-educacao-pela-pesquisa-608197.shtml>> Segunda parte. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/video-pedro-demo-fala-educacao-pela-pesquisa-608197.shtml>> Acesso em: 11 jul.2014.

DA SILVA, G. M. D. **Sociologia da sociologia da educação**: Caminhos e Desafios de uma *Policy Science* no Brasil (1920-1979). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

DINIZ, D.; GUEREIRO. I. C. Z. Ética na pesquisa social: desafios ao modelo biomédico. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 78-90, 2008.

DURKHEIM, É. **Educação e Sociedade**, 4. ed. São Paulo Melhoramentos, 1955. In: **Educação e Sociedade**: Leituras de sociologia da educação. 12. ed. São Paulo, Nacional, 1985.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. Carvalho. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. (Org.). **Ciências Humanas**: pesquisas e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FERNANDES, F. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira. In: **A sociologia no Brasil**, Petrópolis, R.J. Vozes, 1977.

FREITAS, L. K. G. **Currículo e formação docente no curso de Ciências Sociais/UFPA: configurações, continuidades, rupturas** (1963 - 2011). Tese de Doutorado, UFPA, 2013. Disponível em: <http://www.ppged.belemvirtual.com.br/arquivos/File/leandro_dout2013.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia?** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. 1926. **A interpretação das Culturas**. 1. ed., 13.reimpr. - Rio Janeiro: LTC, 2008.

GIANNOTTI, J. A. **A universidade em ritmo de barbárie**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 113p.

GUELFY, W. P. **A sociologia como disciplina escolar no ensino secundário brasileiro: 1925-1942**. 2001. 205 p. Dissertação (Mestrado em educação). Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

HAMLIN, C. L. Desenvolvendo uma Terceira Cultura nas Escolas: habitus sociológico, estranhamento e desnaturalização de preconceitos. **Revista Tomo**, v. 15, 2009, p. 71-82.

HANDFAS, A. O estado da arte do ensino de Sociologia na Educação Básica: um levantamento preliminar da produção acadêmica. **Revista eletrônica Inter-Legere**, n. 9, 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/pdf/09es02.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. P. O estado da Arte da produção científica sobre o ensino de Sociologia na educação básica. **BIB**, São Paulo, nº 74, 2º semestre de 2012 (publicada em julho de 2014), pp. 43-59.

HANDFAS, A. A formação de professores de Sociologia. Reflexões sobre diferentes modelos formativos. In: HANDFAS, A. OLIVEIRA, L. F. (Org.). **A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro. Quartet/Faperj, 2009. p.187 a 196.

INGOLD, T. **Making: Anthropology, archaeology, art and architecture**. London and New York: Routledge, 2013. 176p.

_____. Pare, olhe, escute: visão, audição e movimento humano. **Revista do núcleo de Antropologia Urbana da USP**. São Paulo, Ano 2, versão 3.0, 2008. Versão eletrônica. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/pontourbe03/timingold.html#0>>. Acesso em: 5 out. 2013.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/6777/4943>> Acesso em: 5 out. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cartografia**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 1 out. 2014.

IEEOB. **Projeto Político Pedagógico**. Santa Maria/BR: IEEOB, 2012.

IEEOB. **Regimento Escolar Ensino Médio Politécnico**. Santa Maria/BR, IEEOB, 2012.

YAMAUTI, N. N. Proposta para o ensino de Ciências Sociais. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano II, n. 22, Mar. 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/022/22cyamauti.htm>>. Acesso em: 8 Jul. 2014.

MALINOWISK, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélago da Nova Guiné, Melanésia. 2. ed. São Paulo: Ática, 1978. 424p.

MACHADO, C. S. O Ensino da Sociologia na Escola Secundária brasileira: estudos preliminares. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, n. 13, 1987, 115-142p. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/viewFile/33382/36120>> Acesso em: 13 maio. 2014.

MDT. Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses: MDT / Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Biblioteca Central, Editora da UFSM. – 8. ed. – Santa Maria : Ed. da UFSM, 2012.

MELLO, G. N. de. **A escola do futuro**: uma ponte de significados sobre a estrada da informação. (s.d) Disponível em: <<http://www.namodemello.com.br/pdf/escritos/ensino/coracoescabecas.pdf>> Acesso em: 19 fev. 2015.

_____. **Educação e Transição democrática**. São Paulo, Cortez, 1987.

MELO, J. M. CARMO, Priscila. **Profissão Professor: Pensando sobre elementos constitutivos da profissionalidade docente.** V EPEPE: Educação e Desenvolvimento na perspectiva do Direito e da educação. 2014

MICELI, S. **História das Ciências Sociais no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora Sumaré, 2001. 571 p.

MILLS, W. C. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro, Zahar, 1969. 246p.

MEUCCI, S. **A Institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos.** 2000. 158 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Departamento de Sociologia. Universidade Estadual de Campinas-SP: IFCH-UNICAMP, 2000.

MONTEIRO, M. M. et. al. O papel dos laboratórios de pesquisa e prática de ensino em Ciências Sociais: O desafio na formação de professores no Carri Paraibano. **Revista eletrônica Inter-legere**, n. 13, 2013. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/13/pdf/es12.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

MORAES, A. (Coord.). **Sociologia: ensino médio.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010a. 304 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 15).

MORAES, A. C. Desafios para a implementação do Ensino de Sociologia na escola média. **Cadernos do NUPPs**, 2010b. Disponível em: <<http://nupps.usp.br/downloads/docs/cad1001.pdf>> Acesso em: 24 set. 2012.

MORAES, A. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Revista Tempo social.** [online]. 2003, vol. 15, n. 1, pp. 5-20. ISSN 0103-2070. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100001>> Acesso em: 14 ago. 2013.

MORAES, A. O veto de FHC: o sentido de um gesto. In: CARVALHO, Lejeune. (Org.) **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio.** Ijuí: Editora Unijuí, 2004, pp. 105-111. _____. Parecer sobre o ensino de filosofia e de sociologia. In: **Mediações**, op. cit., pp.239-248, jan/jun de 2007.

MORIN, E. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente.** 3 edição, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____. **Educação e complexidade: Os sete saberes.** São Paulo, Cortez, 2002.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991. p. 109-139.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Porto Editora, LDA. 1999.

OLIVEIRA, L. R. C. **Pesquisas em versus pesquisas com seres humanos**. In: VÍCTORA, C.; OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (Org.). **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004, p. 33-44. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/conteudo/livros/AntropologiaEtica.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

OLIVEIRA, A. Sentidos e dilemas do ensino de Sociologia: um olhar sociológico. **Revista eletrônica Inter-legere**, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/762856/Sentidos_e_Dilemas_do_Ensino_de_Sociologia_Um_Olhar_Sociologico> Acesso 19 jun. 2013

_____. **Espaço do Currículo**. O currículo de Sociologia na escola: um campo de construção (e disputa) v. 6, n. 2, 2013 p. 355-366.

_____. **Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica**. Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 35. n. 2, 2013a, 179-189p.

OLIVEIRA, A.; BARBOSA, V. S. L. Formação de professores em Ciências Sociais: Desafios e possibilidades a partir do Estágio e do PIBID. **Revista eletrônica Inter-legere**, n. 13, 2013. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/13/pdf/es06.pdf>>. Acesso 20 nov. 2013.

PACHECO, L. S. **Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac - Contextualização e Caracterização com os Institutos de Educação no interior gaúcho**. 19&20, Rio de Janeiro, v. VII, n. 3, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artede%20decorativa/lsp_ies.htm#_ednref15>. Acesso em: 15 maio. 2015.

PAPI, S. O. G. **Professores: Formação e Profissionalização**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2005.

PASSERON, J. C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PDD. **Reestruturação e Extensão das Universidades Federais (REUNI)**. Documento Elaborado pelo Grupo Assessor nomeado pela Portaria nº 552 SESu/MEC, de 25 de junho de 2007, em complemento ao art. 1º §2º do Decreto Presidencial nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

PEREIRA, J. E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Revista Educação e Sociedade**, ano XX, n. 68, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a06v2068.pdf>> Acesso em: 27 jan. 2014.

PEREIRA, L. H. A luta dos Sociólogos pela obrigatoriedade da Sociologia. In: **Ensino de Sociologia no RS: trabalho, ciência e Cultura**. Porto Alegre: LAVIECS, 2013.

_____. Por uma Sociologia da Sociologia no Ensino Médio. In: **Ensino de Sociologia no RS: trabalho, ciência e Cultura**. Porto Alegre: LAVIECS, 2013b, p.159-178

PEREZ, C. F. **A formação sociológica das normalistas nas décadas de 20 e 30**. 2002. 208 p. Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002.

PEREZ G. A. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

PROLICEN. Relatório de Projeto de Pesquisa e Extensão universitária: **Como os Sociólogos se Tornam Professores**. (Coord.) BRUM, C. K. UFSM/GEAIC 020872, 2011.

RAIZER, L. MEIRELLES, M. PEREIRA, T. I. **Escolarizar e ou/ educar?** Os desafios da obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/laviecs/biblioteca/arquivos/escolarizar_e_ou_educar.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2011.

MUCELIN, D. G. RAIZER, L. Ensino da Sociologia no Rio Grande do Sul: Histórico da disciplina, formação do professor e finalidades pedagógica. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 02, n. 03, Jan/Jun., 2014.

REFERENCIAL CURRICULAR DO RIO GRANDE DO SUL. **Lições do Rio Grande: Linguagens códigos e suas tecnologias, Artes e Educação Física**. Secretaria da Educação, V.II. 2009.

RIUTORT, P. **O raciocínio sociológico**. Compêndio de sociologia. São Paulo: Paulus, 2008.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria da Educação: (2011). **Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio 2011-2014**. Porto Alegre/BR: SEDUC/RS. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em: 28. ago. 2013.

ROCKWELL, E. **La experiencia etnográfica**. Historia y cultura em los procesos educativos. Buenos Ares: Paidós, 2009. 224p.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **Profissão Professor**. 2. ed. Porto – Portugal: Porto Editora, 1999.

SANTOMÉ, J. T. Política educativa, multiculturalismo e práticas culturais democráticas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 4, p. 5-25, 1997.

SANTOS, M. B. dos. **A Sociologia no Ensino Médio. O que pensam os professores da rede pública do Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado, UNB, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/7477>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

SANTAGADA, S.; RAIZER, L.; MEIRELLES, M. A recente história do retorno da Sociologia ao Ensino Médio: mobilização política, atores e conquistas. In: **O Ensino de Sociologia no RS** – Porto Alegre/LAVIECS. 2013.

SARANDY, F. M. S. **A sociologia volta à escola: Um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil**. 2004. 142 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

SARANDY, F. M. S. O debate acerca do ensino de sociologia no secundário, entre as décadas de 1930 e 1950. Ciência e modernidade no pensamento educacional brasileiro. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, v. 12, n. 1, p. 67-92, 2007.

SILVA, I. F.. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Revista Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007. 403-427p.

SILVA, A. M. Entre o Prescrito, o Vivido e o Narrado: A problemática da formação docente do curso de ciências sociais na Universidade Regional do Cariri. **Revista Eletrônica Interlegere**, nº. 13, 2013. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/edicoes/inicial.html>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

STRANG, V. **What Anthropologist do**. Oxford, New York: Berghahn. 2009.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 387 p.

_____. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2003. 387 p.

_____. **Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. P?

VARGAS, F. E. B. O ensino da sociologia: dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento. In: SCHWARZ, V. L. dos S. (Org.). **Educação básica: Um debate teórico sobre o ensino da sociologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, p. 11-28. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2011/10/ARTIGO-O-Ensino-da-Sociologia.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2013

VICTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 páginas.

WEBER, S. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 24, n. 85, p. 1125-1154, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 20 jan. 2015.